REVISTA DA SEMANA

N.º 9 CR$ 1,50 NA CAPITAL — NOS ESTADOS CR$ 2,00 2-3-46

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL

JOCKEY CLUB MUNDANO

Pelas fotografias que estampamos nesta página, o leitor pode ter uma idéia do sucesso alcançado pelos domingos turfísticos do Jockey Club Brasileiro como acontecimento social. No Hipódromo da Gávea reune-se, assim, tôdas as semanas, uma sociedade fina e homogênea, para aplaudir os sensacionais páreos que ali se desenrolam.

No camarim do Roxy Theatre, Carmen Miranda dá um fraternal abraço de boas-vindas ao enviado especial da REVISTA DA SEMANA

Ouvindo Carmen Miranda em Nova-York

"ANTES DO PÚBLICO BRASILEIRO SE DESGOSTAR COM OS MEUS FILMES, JÁ EU ME ABORRECI", DECLARA A "ESTRÊLA" — ONDE SE ESCLARECEM OS MALENTENDIDOS E SE DEFINEM ATITUDES — DENTRO DE UM ANO, "FREE LANCER", PARA FAZER OS FILMES QUE LHE AGRADEM E ÀS PLATÉIAS DO BRASIL — REVELAÇÕES INÉDITAS E SINCERAS DE CARMEN, NO CAMARIM DO ROXY THEATRE

CELESTINO SILVEIRA
(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA aos Estados Unidos)

SAÍRAMOS do Rio com o firme propósito de manter um contacto pessoal, demorado e necessário, com Carmen Miranda, no sentido de esclarecer uma série de incidentes dos quais davam-nos notícia, frequentemente, pessoas que vinham de visitá-la aqui na América. E chegámos a Nova York mais ou menos quando ela, Aurora sua irmã e os rapazes brasileiros que a acompanham, desembarcavam de Los Angeles. Era o desejado ensejo a oferecer-se desde logo, e não quisemos perdê-lo. Nos primeiros dias Carmen, ligeiramente afetada por uma impertinente gripe, fruto da súbita mudança de clima da Califórnia para Nova York, manteve conosco apenas rápidas conversas. O médico a proibia de sair e falar, e sua estréia estava marcada para poucos dias depois, em um dos grandes teatros da Broadway, onde realmente apareceu, em um "show" complementar do espetáculo cinematográfico, para obter, o que em pessoa pudemos sentir, um sucesso absoluto. Era o testemunho eloquente da simpatia do público nova-yorkino pela "estrêla" que do Brasil veio para marcar um êxito sem precedentes, no seu gênero. Filas intermináveis renovam-se quatro vêzes por dia, e cinco as domingos e feriados, para aplaudir a intérprete cinematográfica. Enfim, agora, refeita da gripe, satisfeita com o acolhimento da platéia, estava à vontade para manter uma palestra mais demorada.

Esta entrevista não foi, todavia, obtida de uma só vez. Ela começou com a nossa primeira telefonema para o Marquery Hotel, onde Carmen, sua irmã Aurora e outros elementos da "equipe" brasileira se encontram, continuou em outros dias e terminou ontem à noite, mais tranquilamente, no seu camarim. Nem tudo será possível resumir nesta correspondência, pois o que houve entre o reporter e a artista foi, de início, um ajuste perfeito de contas, para neutralizar alguns "disse-que-disse" e certos "venenos" sempre inevitáveis entre os que trabalham para o público. Era o nosso e o caso de Carmen.

Não a procurámos com intenção de bajular a artista com palavrinhas mentirosas, mas conscientes da nossa responsabilidade. Usámos a linguagem mais franca que se impunha. Sentíamo-nos perfeitamente à vontade para exercer a nossa função, porque exercemos, aí no Rio, o direito de crítica cinematográfica, e as restrições algumas vêzes feitas aos filmes onde Carmen tem participado nos autorizavam a tanto, embora essas restrições aqui chegassem deturpadas às vêzes, e tendenciosas quase sempre. Mas a própria artista nos ouviu e compreendeu a exata intenção dessa atitude, usando da recíproca e esclarecendo outros pontos semelhantes, para nos autorizar, por fim, a divulgação de suas palavras. Em resumo, ela nos confessou que se o nosso público aí se tem decepcionado com alguns dêsses filmes, vendo a intérprete repetindo papéis e tipos, precisamos saber que, antes de nós, Carmen também se decepcionou e se aborreceu bastante. Quantas vêzes, disse-nos, ao assistir, ainda em sessão particular, a um novo filme seu, correra para os maiorais do estúdio e fizera insistentes reclamações, alegando que, repetindo-se como tem feito, em papéis de escassas possibilidades, acabaria desgostando as platéias brasileiras, para as quais está sempre voltado o melhor de seus pensamentos. De nada adiantavam essas reclamações, porque os diretores alegavam fazerem os filmes não com a preocupação exclusiva do mercado brasileiro, mas principalmente do norte-americano. Ora, se aqui o público recebe com entusiasmo essas películas, o recurso é continuar a produzí-las.

Foi mesmo citado o exemplo de Dorothy Lamour, que já fez, de "sarong", dezenas de filmes, enquanto Carmen não produziu uma dezena sequer...

— Poder-se-á argumentar — continuou Carmen — que eu devia reclamar ainda mais ou negar-me terminantemente a trabalhar; mas, se assim o fizesse, de nada adiantaria. Meus apelos seriam em pura perda e o resultado seria ficar terminantemente proibida de trabalhar em qualquer estúdio, em rádio ou teatro. Eis por que — adianta a "estrêla" — resolvi agora tornar-me "free lancer", isto é, daqui a um ano, quando tiver expirado o meu contrato atual, poderei aceitar oferecimentos avulsos. Já estão sendo escolhidos temas para filmes que eu reputo interessantes, inclusive "Copacabana", onde farei um papel que muito me agrada. E, então, posso garantir que passarei a corresponder à expectativa das platéias brasileiras. Mesmo porque, em que pesem todos os meus fortes desejos de voltar ao Brasil, só estou disposta a fazê-lo quando dois filmes bons, pelo menos, tenham sido exibidos em nossa terra.

Carmen Miranda quer que lhe façamos justiça e pede a divulgação mais ampla dessas palavras, pois já é tempo de se explicar com tôda a fraqueza, o que agora faz.

Usando de sinceridade, expandiu-se e falou sem rebuços. Nós a advertimos de que nosso público não diminuiu sua simpatia pela artista, lamentando apenas a falta de melhores oportunidades. E' mister separar o agrado ou desagrado de um filme onde Carmen tenha participado, da estima que os brasileiros lhe continuam tributando, e quanto a esta não há o que pôr em dúvida. Mantemos pelo rádio e pela imprensa contacto assíduo com êsse público, o que nos permite traduzir tal intenção.

★

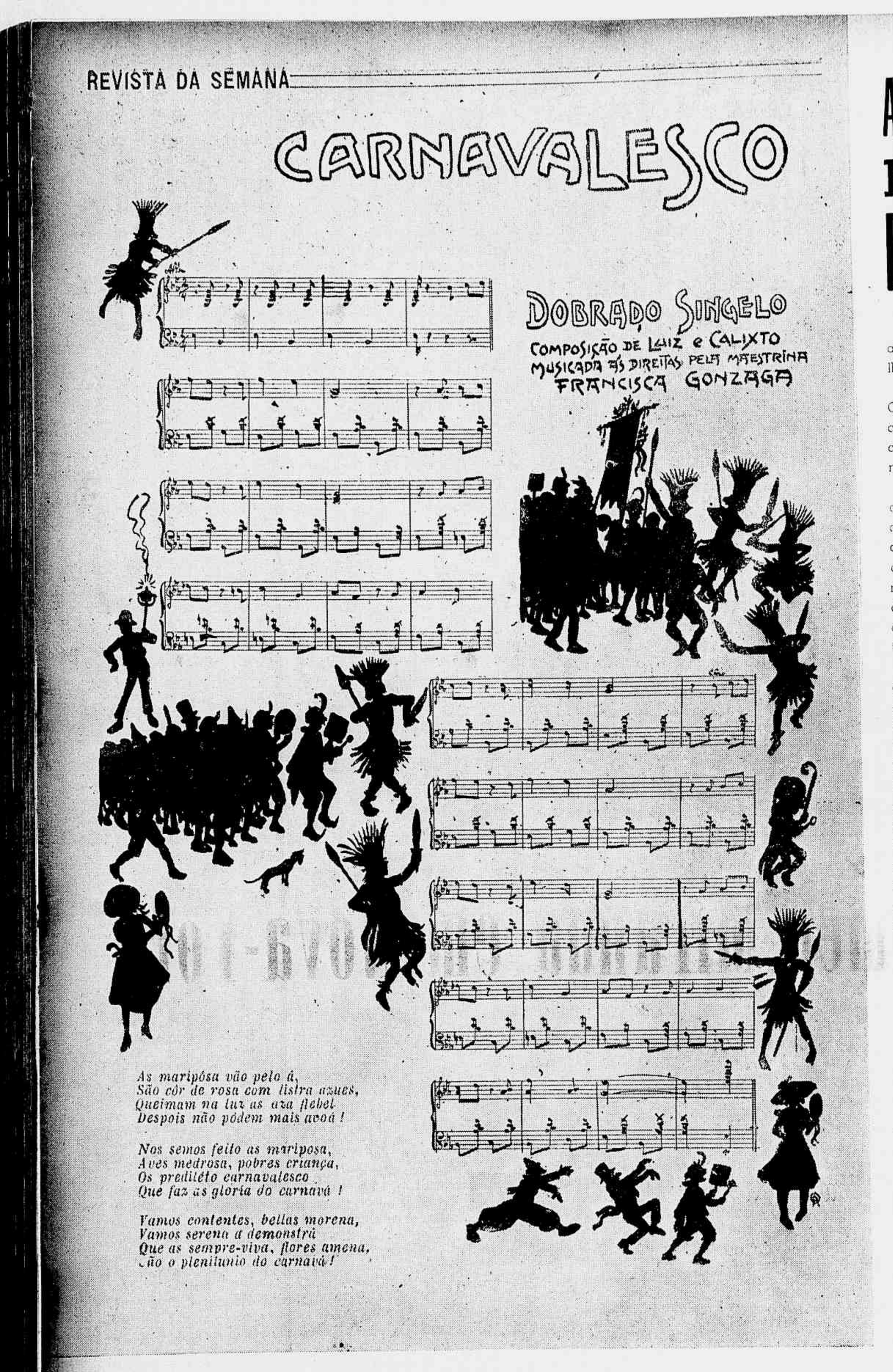
Do interêsse de Carmen pelo Brasil, conseguimos atestados eloquentes. Apurámos, por exemplo, que agora mesmo ela faz inverter vultosa soma de suas economias na aquisição de um imóvel no Rio, e seu maior desejo seria o de saltar aí, na véspera do Carnaval, "vestida de malandro e matando as saudades da turma, confundindo-se com o povo".

Ora, quem pensa assim e aplica o seu capital em uma determinada terra, é porque nessa terra está o melhor de sua afeição e nela pretende instalar-se, mais cedo ou mais tarde. Êsse o caso de Carmen Miranda, que nos esclareceu não pretender apresentar-se em teatros, emissoras ou "night-clubs" brasileiros, mas apenas visitar o Rio e descansar, sem qualquer intenção comercial. Para que lhe permitam essa oportunidade, sem continuar prêsa às determinações dos estúdios, é que se converterá em "free lancer", artista livre de compromissos permanentes, condição que só pode ser mantida pelas figuras que contam com lucrativos trabalhos avulsos.

Por três vêzes Carmen Miranda esteve com passagem marcada para embarcar, mas a incerteza da recepção que aí lhe seria feita, aliada aos chamados bruscos de Hollywood, a fizeram ficar. Dentro de um ano, no mínimo, não poderá satisfazer êsse desejo de nos visitar, dado o compromisso que espontaneamente assumiu de só empreender essa viagem após a demonstração mais ampla de seus recursos como intérprete cinematográfica.

Eis, em resumo, as declarações de Carmen Miranda, feitas pela primeira vez com desassombro e franqueza, utilizando como intérprete de suas palavras o jornalista carioca que a visitou e a quem recebeu com a simplicidade dos velhos tempos, quando, no Rio, não pensava em consagrações norte-americanas nem contratos vultosos. Sentir-se-á feliz se compreenderem a intenção exata dessas palavras, e está sempre movida de um sentimento afetivo de hospitalidade quando os brasileiros a procuram. Não é culpada se, por vêzes, surgem divulgações capciosas para as quais jamais concorreu, pois seu tempo é dividido entre o trabalho de cada dia e noite, e as horas de repousa em assíduo convívio com as pessoas de família que a cercam.

Essa a Carmen Miranda que nós encontrámos aqui em Nova York, perfeitamente igual à de outrora no Rio. Saibamos reconhecer e respeitar o trabalho de uma artista que, embora tendo encontrado aqui a sua maior oportunidade, nem por isso esquece o Brasil e o seu povo, que ela recorda, sempre a estimulou no advento e mesmo depois na fase já vitoriosa de sua carreira. E não esqueceu ainda que a sua participação em um modesto filme nacional, "Banana da Terra", onde pela primeira vez exibiu o seu traje típico de baiana, muito concorreu para a "descobrirem" os magnatas de Hollywood.



EM 1912 — A REVISTA DA SEMANA em 1912 publicava a letra e a música de um dobrado, "Carnavalesco", de autoria de Luiz Peixoto e Calixto Cordeiro, que Chiquinha Gonzaga orquestrou. A letra começava com uns versos sem pé nem cabeça, que diziam: "As mariposa vão pelo á, são cor de rosa com listra azuis, queimam na luz as asas flebel, depois não podem mais avoá".

AOS DEZENOVE ANOS — Em 1919, com dezenove anos de idade, a REVISTA DA SEMANA publicou uma ampla reportagem ilustrada sôbre o Carnaval daquele ano, que foi animadíssimo. Em baixo aparece um aspecto da batalha de confetti realizada na praça Saenz Peña, antes do tríduo momesco que teve uma enorme concorrência. Os chapéus de palha eram a última moda naquele tempo saudoso.

A "REVISTA DA SEMANA" BIÓGRAFA DE MOMO

Podemos dizer que a REVISTA DA SEMANA tem sido, através de seus quarenta e seis anos de existência, a melhor biógrafa de Momo existente no Rio de Janeiro.

Foi ela que noticiou com amplo material ilustrativo o Carnaval de 1901, um grande Carnaval à moda antiga, com os mascarados tradicionais: Pierrot parado na esquina, chorando o seu amor incompreendido, Colombina caindo na farra com o Arlequim.

Antes de Menotti del Picchia, já a REVISTA focalizava o secular romance, que se repetia todos os carnavais. Com a evolução ditada pelo tempo, Pierrot foi se tornando cada vez menos assíduo nos bailes de máscaras. Vieram os "Zés Pereira". E a REVISTA focalizou o aspecto dos novos carnavais, publicando fotografias dos blosos e cordões que desfilavam pelas ruas da cidade. Mascarados andavam pelas casas dos vizinhos, repetindo a cada instante a pergunta tradicional: "Você me conhece?".

Depois a ofensiva urbanística do prefeito Passos rasgou a cidade da praça Mauá à praça Paris, talhando a avenida Central. Isto aconteceu em 1905, quando a REVISTA DA SEMANA completava o seu primeiro lustro de vida. O Carnaval carioca ganhou novo impulso, uma vitalidade nova veio dar-lhe uma feição diversa. Tôda a cidade caiu no brinquedo, o entrudo tomou conta da artéria recém-nascida, onde se travavam durante o tríduo da folia verdadeiras batalhas de água. As bisnagas, os "limões de cheiro", as bombadas, tudo era permitido. Os corpos suados recebiam a carícia da água fria, às vêzes perfumadas, às vêzes ao natural. E muitas doenças sérias daí se originaram. Foi então proibido o entrudo. Os supermoralistas sorriram, fizeram prognósticos em tôrno da morte do Carnaval. Mas o Carnaval estava vivo e bem vivo.

Ressurgiu ainda melhor e mais modernizado, perfumado por meio das essências que os fabricantes de lança-perfumes misturavam ao cloreto de etila, e que depois os mascarados lançavam contra os outros, em jactos aromáticos.

Depois o Carnaval motorizou-se. Foi com grande alegria que Calixto, Raul e outros foliões da época, que então mourejavam na redação da REVISTA, noticiaram o primeiro corso carnavalesco que os automóveis fizeram na avenida Central.

E desde aí a REVISTA DA SEMANA continuou a escrever a biografia de Momo. Em 1912 Calixto Cordeiro e Luiz Peixoto fizeram um "dobrado carnavalesco", ao qual Chiquinha Gonzaga deu forma orquestral. Falava de mariposas, de "carnavá", de beleza.

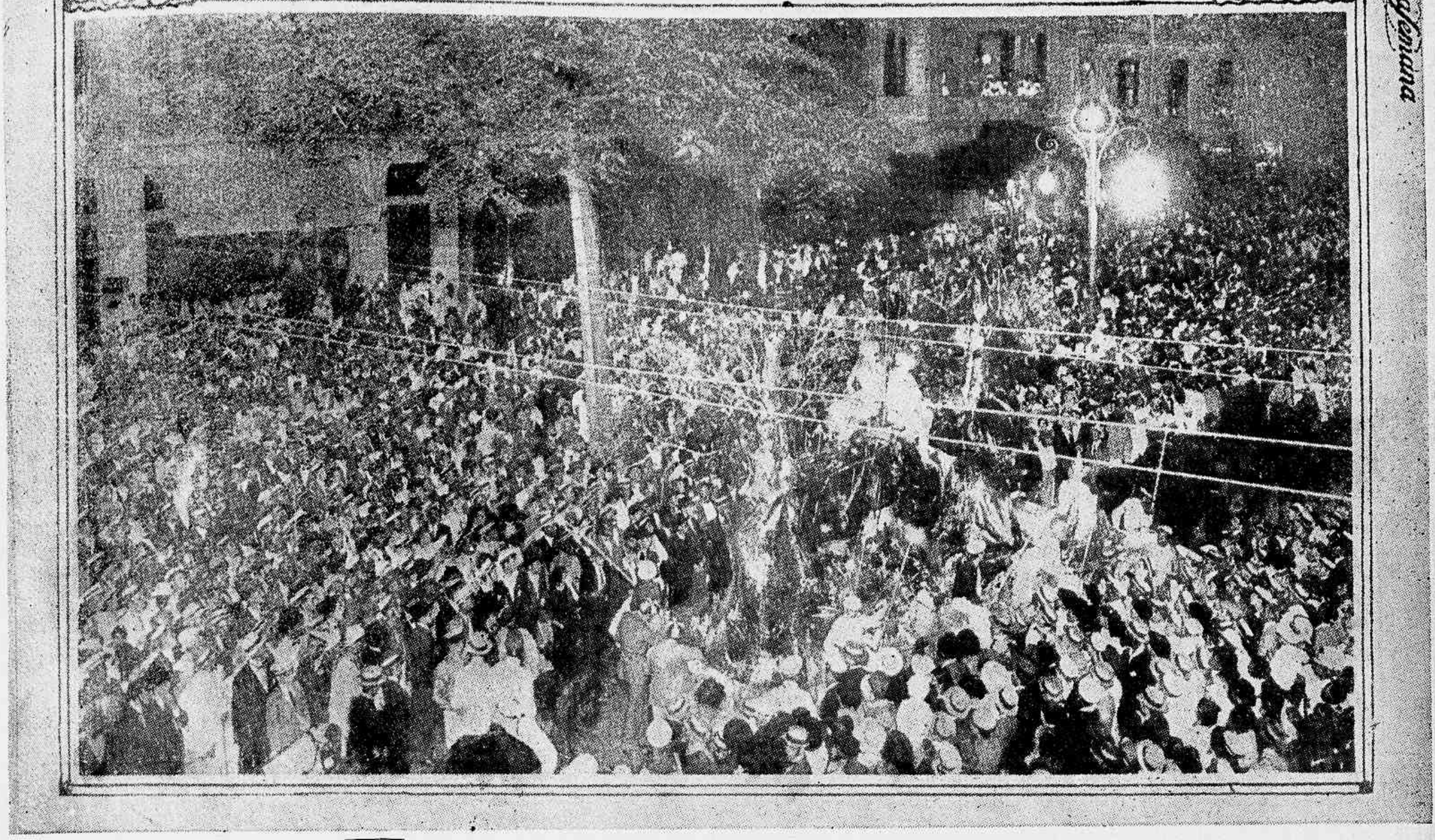
Hoje, Calixto talvez já nem se lembre disto. Raul completou já cinquenta anos de vida jornalística.

Mas o Carnaval continua. Evoluido, motorizado, propagando o nudismo. As havaianas substituiram as colombinas, pierrot vestiu uma camisa listrada e saiu por aí. Mas a REVISTA continua a biografar Momo. O cidadão samba desceu do morro de tamborim em punho, substituindo o "Zé Pereira", que morreu de velho.

A segunda guerra mundial terminou, aí vem o Carnaval da Vitória. Cantemos, que Laurindo voltou do "front" coberto de glória e a vitória foi nossa.

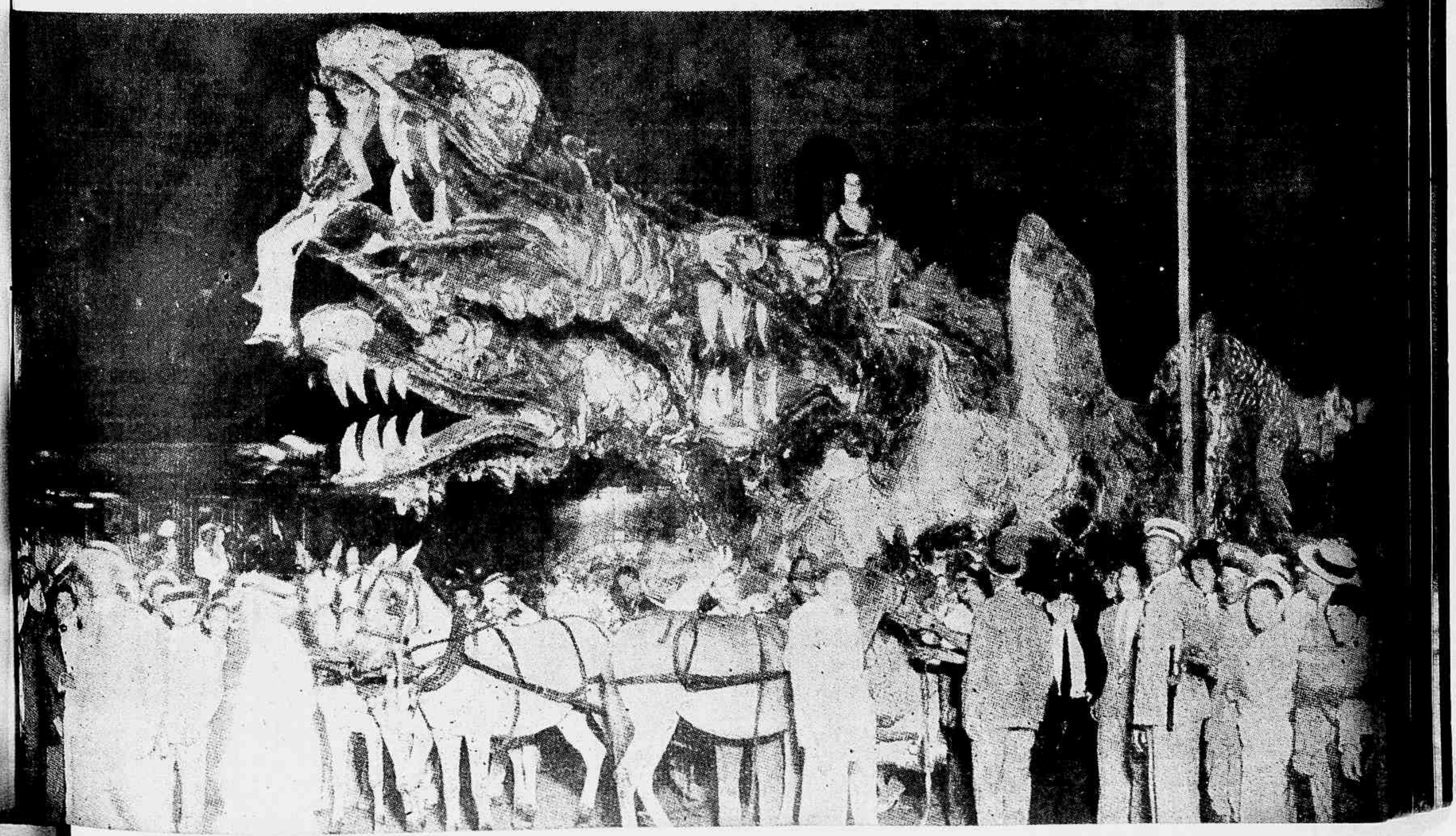
Aí vem outro Carnaval. Salve êle!

Aspecto da Avenida na terça-feira gorda



NA AVENIDA CENTRAL — Em 1917, durante a primeira Grande Guerra, o Carnaval foi brilhantemente comemorado no Rio de Janeiro. Então ainda faziam furor nas ruas os tradicionais "Zé Pereira", que espalhavam por tôda a cidade o ritmo dos tambores, dos bombos e dos pratos. Três batidas fortes e repicado. Quando o bombo dobrava, todos repetiam em côro: "Zé Pereira". E o Carnaval se desenvolvia neste ritmo: Pum, pum, pum; Zé Pereira! Os tempos mudaram. De 1917 para cá muita coisa aconteceu. Mas nada conseguiu abater o ânimo e alegria do carioca. O Carnaval dêste ano será por certo uma prova disto.

OS TENENTES DO DIABO — Há muito tempo que os préstitos dos "Tenentes do Diabo" alegram o nosso Carnaval de rua, apresentando os mais significativos carros alegóricos e as mais aguçadas críticas. Mas veio a guerra, e os carros deixaram de desfilar pela Avenida. Êste ano ainda não teremos préstitos. Êles serão entretanto relembrados sempre com saudades. Êste é um carro alegórico apresentado pelos Tenentes em 1930. O seu nome era "Inferno" e representava uma homenagem a Dante. Compunham-no vários dragões, trazendo nas fauces mulheres lindas. Como se vê, não era muito indesejável o inferno do divino poeta florentino.



A SEMANA EM REVISTA

O FIM DA SÉRIE...

Eis a história de um filme de sucesso. E' uma "fita" de mocinhos e de bandidos, tal como as outras, o bem contra o mal, a justiça contra os criminosos. Só difere dos outros seriados porque nesta os bandidos se armaram até aos dentes: em vez de revólveres, — canhões e "tanks"; os cavalos foram substituidos por velozes transportes alimentados com petróleo, e os tradicionais esconderijos foram construidos cientificamente, de cimento armado.

Mas vamos à história. Os bandidos, instalados no seu quartel general em Junkerland, um país da Europa, queriam escravizar as tribus vizinhas, que viviam da agricultura e da indústria, pacificamente, sem ambições desmedidas. Primeiro, começaram a oferecer às tribus mais fracas uma "proteção" que nunca foi solicitada. Mas como Hydra, o "chefão", dizia que era enviado de Deus para salvar o mundo, muitos foram nessa conversa e se transformaram nas primeiras vítimas. E continuaram as provocações dos bandidos de Hydra contra os vizinhos pacíficos, até que um dia êstes se reuniram e resolveram lutar contra o inimigo comum. Organizaram exércitos, fizeram expedições, jogaram fogo sôbre os acampamentos de Hydra, desmantelaram seu sistema de vias de comunicação, arrasaram suas fábricas, até que aos poucos os bandidos foram cedendo, cedendo e terminaram por se render.

Então, os chefes dos exércitos e os conselheiros dos países vencedores se reuniram para julgar os bandidos de Hydra, que morrera acuado como um cão, no fundo de sua toca em Junkerland. Resolveram enforcar alguns e condenar outros ao fuzilamento e à prisão, naturalmente certos de que, desaparecendo a corja que fôra apanhada em Junkerland e vizinhanças, a mocinha, Mlle. Liberté, estaria fora de perigo.

Os que assistiram a êsse filme devem se lembrar de que êle termina com as execuções dos bandidos. Mas, igualmente, não devem se esquecer de que, no comêço da "fita", Hydra mandou vários emissários aos seus amigos em Iberika, Portcallia e Macarronia, levando instruções para aguentarem o barco, no caso de êle desaparecer.

E, como todos sabem, somente os amigos de Hydra que moravam em Macarronia foram presos, sendo um dêles pendurado de cabeça p'ra baixo, depois de morto. Os de Iberika e Portcallia continuam ensaiando as manobras de Hydra e assassinando os partidários de Mlle. Liberté.

E' contra isso que o povo reclama. Não acredita que a série tenha sido exibida por completo. Quer ver o fim. E o fim é justamente o que diz respeito aos amigos de Hydra que vivem em Iberika e Portcallia...

"CIVET" COM BATATAS...

Um telegrama procedente da França trax-nos a notícia de que estão desaparecendo os gatos em Paris. Na grande metrópole francesa já faltava muita coisa, em consequência da guerra. Casas, carvão, transportes, alimentos, etc., e agora... até os gatos. Se bem que esta não seja uma crise das que afetem mais profundamente o povo, convenhamos que seria muito melhor estivessem desaparecendo os ratos... Os ratos dos mercados e sobretudo os do mercado-negro...

Diz ainda o despacho que um funcionário da Sociedade de Proteção aos Animais atribui a escassez dos felinos à frequência com que aparecem nos restaurantes o prato denominado "civet", manifestando suspeitas em relação à colônia chinesa do bairro de Argenteuil quanto à industrialização da carne de gato, embora sem elementos para sustentar uma acusação nesse sentido.

Esta notícia faz lembrar aquela do inglês que se divertia no convés de um navio em atirar miolo de pão molhado em whiskey a um rato que passava à sua frente. Em dado momento o rato desapareceu, voltando logo depois, cambaleando e de "peixeira" na mão, desafiando: "Apareça um gato aí que eu quero rasgar!".

Mas não queremos crêr que o mesmo esteja acontecendo na velha e gloriosa Paris. Lá não deve haver whiskey para alimentar a valentia dos roedores.

Sem dúvida, o que explica a progressiva extinção dos gatos de Paris é essa história de "civet" nos restaurantes.

Abrimos um parêntesis aqui para considerar o quanto deve ser arriscada a divulgação de semelhante notícia. Isso pode estimular a ganância dos exploradores do nosso comércio, cujo repertório de especulações criminosas deve estar se esgotando. E não é de admirar, mesmo, que muito breve apareça um magarefe anunciando (para variar) "Civet" com batatas fritas. Prenda os seus gatos, leitor!

"Civet"? Só pode ser gato, está-se vendo...

PERSONA INGRATA...

Quando se anunciou a nomeação de Aunós para embaixador de Franco no Brasil, os democratas mais sinceros, os verdadeiros patriotas desta terra, brandiram o seu protesto veemente. Pois se um embaixador do falangismo já é uma incongruência numa democracia (e sobretudo numa que está engatinhando pela terceira vez...) quanto mais quando êsse embaixador é apontado como um dos braços direitos do fascismo, como o foi o renegado Aunós.

Houve, entretanto, algumas vacilações. Muitos adotaram uma atitude de comodismo, para tomar posição quando se definisse com uns noventa por cento de probabilidades de sucesso para a campanha. Foi então que o Departamento de Estado lançou o pêso do seu prestígio em favor da causa, mencionando o representante de Franco, no "Livro Azul", como um perigoso elemento para a democracia.

Foi aí que tôdas as baterias abriram fogo e a vinda do diplomata-negocista se tornou um verdadeiro escândalo. O govêrno brasileiro comunicou, então, à chancelaria de Madrid que não nos enviasse mais aquêle cidadão de tão maus precedentes.

E nós ficámos livres de mais uma cabeça-de-ponte da reação, o que é por demais auspicioso, pois bastam para nos dar dôr de cabeça as que o fascismo estabeleceu no Brasil, em tantos anos de "nova ordem"...

A repulsa oficial à vinda de Aunós para o Brasil constitui uma das primeiras vitórias da nova democracia. O representante de Franco seria um estôrvo para o renascente regimen de tolerância e liberdade que todos os patriotas desejam para a nossa pátria. Não se podem criar canários e gatos na mesma gaiola. E nós preferimos os canários. Mandem os gatos para a França... (V. o tópico acima.)

Estamos inaugurando uma nova fase da nossa vida política, restaurando (?) aos poucos uma democracia. E quem está empenhado nessa obra trabalha com a mesma dedicação de quem constrói sua casa. Não se deve, pois, admitir a permanência de cupins ameaçando a estrutura de madeira. Não somos ainda de cimento armado...

"BARBEIROS"...

O ano passado, os auxiliares de barbearia solicitaram aumento de ordenado, só sendo atendidos depois de recorrer à Justiça do Trabalho. Pouco depois, como os proprietários de barbearias alegassem achar-se às portas da miséria... fez-se-lhe uma nova tabela aumentando os preços, de maneira a permitir que o aumento dos auxiliares fôsse pago.

Até aí tudo parecia natural, de vez que não se poderia esperar outra saída. Mas acontece que os proprietários são insaciáveis. O ponto de saturação da necessidade de dinheiro é no infinito. E eis que êles foram aos poucos ensaiando uma nova sortida contra a bolsa do povo. E desta vez, sem mais consultar quem quer que fôsse, foram subindo os preços da barba e do cabelo, tosquiando ao mesmo tempo os indefesos frequeses. Contra farmácia e barbearia ninguém quer fazer greve de abstinência, porque a saúde, a vaidade e a higiene são coisas ainda muito prezáveis.

Ultimamente, quando a coisa já estava se transformando num escândalo, fez-se sentir a ação das autoridades e foi posta em vigor uma tabela restabelecendo os preços que no ano passado haviam sido aprovados — vejam bem! — com a anuência dos proprietários.

O resultado é que está se armando uma nova manobra contra a economia popular, decidindo alguns patrões não abrir os seus salões, até que... a polícia os deixe agir à vontade.

Não! Não é assim. A Delegacia de Economia Popular não é um órgão para ratificar manobras altistas. A polícia não existe para legalizar explorações inescrupulosas... Alto lá, fígaro duma figa...

Vá lá que uma vez ou outra se saia de uma barbearia com o cabelo "mastigado" ou com o rosto cheio de esparadrapos. Mas não sejam "barbeiros" até na consciência. Isso é de mais!...

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr$ 90,00; Seis meses — Cr$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr$ 110,00; Seis meses — Cr$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr$ 200,00; Seis meses — Cr$ 100,00

O número avulso custa Cr$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr$ 2,00 no Interior; atrasado Cr$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1012; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149
TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevidéo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO
Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
ÊSTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS
O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos esponsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados

NESTE NUMERO

ANO XLVII - N.º 9
2 - 3 - 1946

LITERATURA
Lembranças parlamentares (Escragnolle Doria) 22
O açude (Louis Bromfield) 23
Voltam a escrever os intelectuais inglêses 24/25
A filosofia do riso na obra de Berilo Neves (José Arraes de Alencar) 27
O estranho caso de Mary Pask (Edith Wharton) 34
Livros Novos (J. L.) 36/37

REPORTAGENS
Ouvindo Carmen Miranda em Nova York (Celestino Silveira) 3
A REVISTA DA SEMANA, biógrafa de Momo 4/5
Eram quatro candidatas (Celius Aulicus) 8/15
Aconteceu no Rio 16
Duas mártires seculares 33
Figuras e Fatos 35
No Palácio da Revolução 44/45
Uma nação rediviva 55/57

FEMININAS
Mulheres que o mundo não esqueceu 26
Nos bastidores femininos 29
De Paris e de Nova York 30/31
Penteados modernos 32
Em branco 38/39
Femininas 42/43
Modelos 48/49

CURIOSIDADES
A primeira arma atômica da medicina 19/21
Três meninas de borracha 46/47

SECÇÕES
A Semana em Revista 6
Música (Roberto Lyra Filho) 17

CINEMA
Renasce o cinema francês 28
Um herói regressa ao lar 40/41

CARICATURAS
De bom humor 18
"Charge" de Raul 50

Nossa Capa

Dusty Anderson, a graciosa morena que aparece em nossa capa de hoje, popular "estrêla" da Columbia, pela sua graça juvenil e brejeira, foi a escolhida para abrir êste novo número de Carnaval da REVISTA DA SEMANA, que registra aqui a passagem de mais um tríduo de alegria e esquecimento

Dusty Anderson tem na foto os seus encantos e a sua graça realçados pela linda fantasia de gato, da qual já oferecemos, em edição passada, o modêlo às nossas leitoras.

Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando êstes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a êste respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pílulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convem limpar êstes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, pêso, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gôsto na bôca, empachamento, pêso e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrôtos, azia, indigestão, dôres, cólicas e outros desarranjos do ventre, máu hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos êstes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

• • •

Lembre-se sempre.

Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

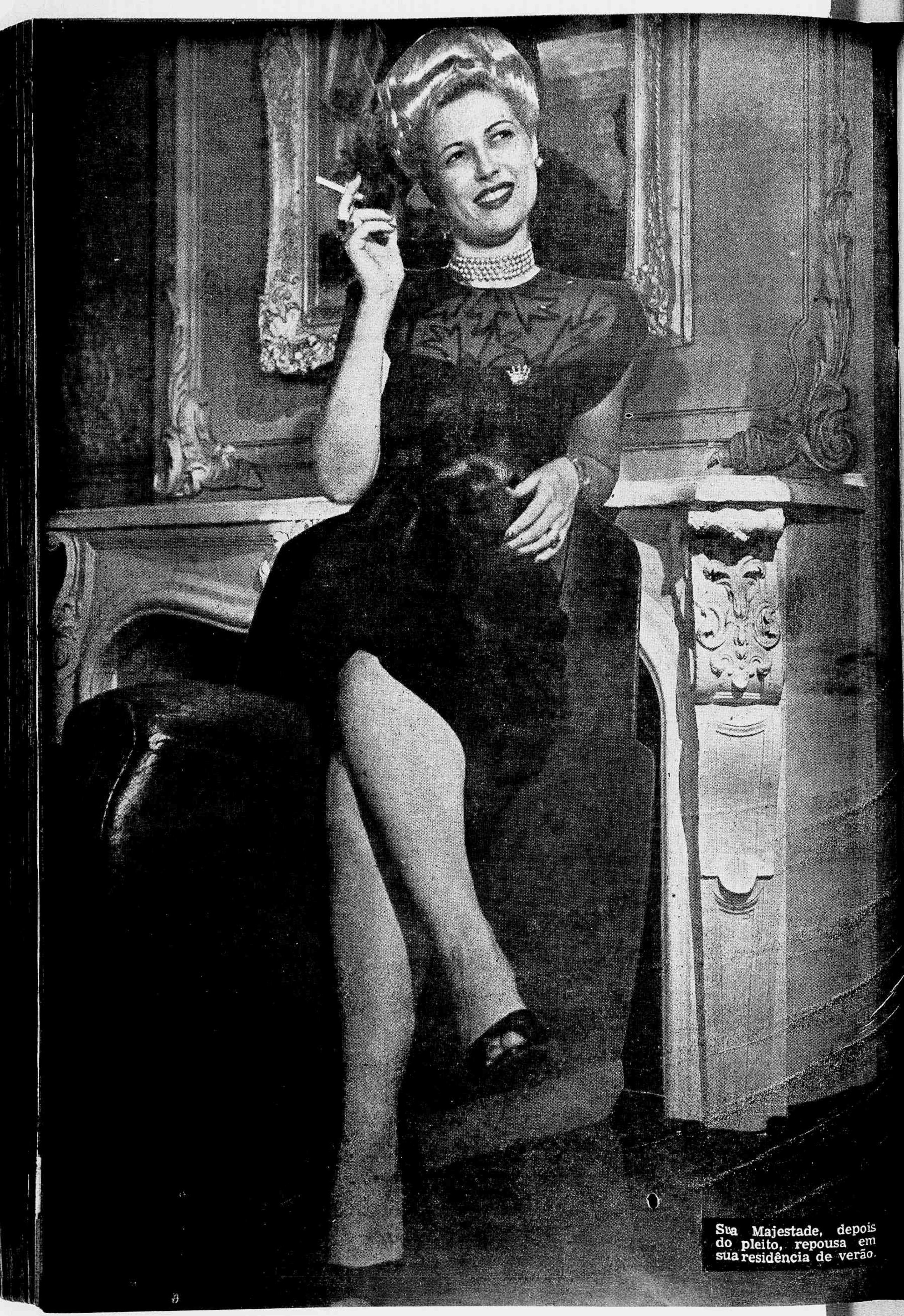
CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

3.ª Fase

São as seguintes as condições para a participação no mesmo:

1) O prazo para o terceiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 31 de março.
2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em fôlhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, enrêdo, estilo e unidade de ação no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome enderêço, etc. — para Roberto Lyra Filho, Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro.
5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do terceiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes.
6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
10) Automaticamente, em 1 de abril de 1946 será iniciado o 4.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade um conto premiado.
11) Não serão devolvidos os originais, premiados ou não.



Sua Majestade, depois do pleito, repousa em sua residência de verão.

A APURAÇÃO FOI MUITO SÉRIA — Eis aí a sessão do tribunal eleitoral que apurou os votos do grande pleito. Em tôrno de mesas vastas se assentaram os membros da banca, os fiscais de todos os partidos, que aliás são ótimos partidos, e as próprias candidatas. Aqui estão representantes da imprensa, curiosos e "fans" das candidatas, fiscalizando os trabalhos da contagem de votos. Ao fundo, ao lado de um cabo eleitoral, Wahyta Brasil e Maria do Céu anotam os votos de Nelma Costa. Vê-se à direita, em segundo plano, a cabeleira loura de Mara Rubia, que palestra com o presidente da mesa.

ERAM QUATRO CANDIDATAS...

Foi uma coisa muito séria a eleição para Rainha das Atrizes — Cabalas e comícios nas redações dos jornais — As surprêsas do escrutínio — O eleitor tem uma só e única palavra...

Escreveu CELIUS AULICUS — Fotografou ARNALDO VIEIRA

ERAM quatro candidatas... A bem dizer eram seis. Havia a loura Mara Rubio, havia Wahyta Brasil, Nelma Costa, Maria do Céu, Cirene Tostes, Iraci Celestino. Tôdas elas cheias de "fans" distribuidos pelas redações dos jornais, onde os seus nomes dividiam os rapazes em grupos e partidos, como os nomes de políticos célebres em vésperas de grande pleito. Tôdas dariam ótimas rainhas, mas uma só seria a vencedora. Era preciso pois que os jornalistas escolhessem entre as seis, pelo voto direto e indiscreto, aquela que lançasse a coroa sôbre a própria cabeça, antes que o Carnaval chegasse.

A eleição para a "Rainha do Baile das Atrizes" é uma coisa muito séria, que durante uma semana por ano monopoliza tôdas as atenções dos rapazes da imprensa. As candidatas falam, os cabos eleitorais trabalham, verdadeiros comícios se improvisam nas redações. Ninguém deixa de votar. Há mesmo quem não se satisfaça com um voto e tente encher várias cédulas. Estas porém são logo impugnadas pela mesa apuradora, deixando o eleitor por atacado com um sorriso amarelo nos lábios.

SUA MAJESTADE SORRI — Tão logo soube-se eleita, Mara Rubia aprendeu a manter nos lábios o sorriso presidencial. Ei-la posando especialmente para o fotógrafo da REVISTA DA SEMANA, logo depois de haver deixado o instituto de beleza, onde lhe fizeram um penteado novo. Agora ela é a rainha do baile das atrizes. E a única insígnia de mando com a qual não conseguiu se habituar, foi com o tradicional charuto. Mas um cigarro americano o substitui.

A CAMPANHA ELEITORAL

Este ano, como o Carnaval da Vitória prenunciava a volta do prestígio de Momo, aumentado pela alegria do triunfo das liberdades populares, a campanha eleitoral esteve mais viva e mais calorosa. Desde muito antes do pleito andavam os propagandistas das candidatas desdobrando-se em labores intensos, distribuindo boletins, conquistando eleitores com cafezinhos e cervejas, conversando baixinho pelos cantos, procurando ganhar simpatias com atos de camaradagem, comprando amizades com palavras cortezes.

Enquanto isto, as candidatas dirigiam a campanha, dando ordens, distribuindo tarefas, elaborando planos de publicidade. Era preciso vencer a todo transe, era necessário não deixar que a coroa enfeitasse uma cerviz estranha. E as môças cujos nomes foram lembrados para o honroso cargo conseguiram fazer da campanha eleitoral um regime mais seguro para emagrecimento do que todos os métodos alimentares de vitaminas e sais minerais.

Quem se empenhou mais a fundo na campanha foi Wahyta Brasil, a jovem atriz do teatro das segundas-feiras, cujos correligionários tinham como a vencedora certa. Muitas vêzes vimo-la dirigindo a campanha de seu escritório, atendendo simultaneamente a três telefones, distribuindo ordens pelos seus propagandistas, controlando os votos que já estavam seguros

No fim, somadas tôdas as promessas, ela foi forçada a concluir que seria eleita por unanimidade. Oh! engano! Oh! desilusão! Nesta campanha, como em tôdas as campanhas eleitorais do mundo, os eleitores sufragaram justamente o nome da candidata contrária àquela a quem haviam hipotecado solidariedade.

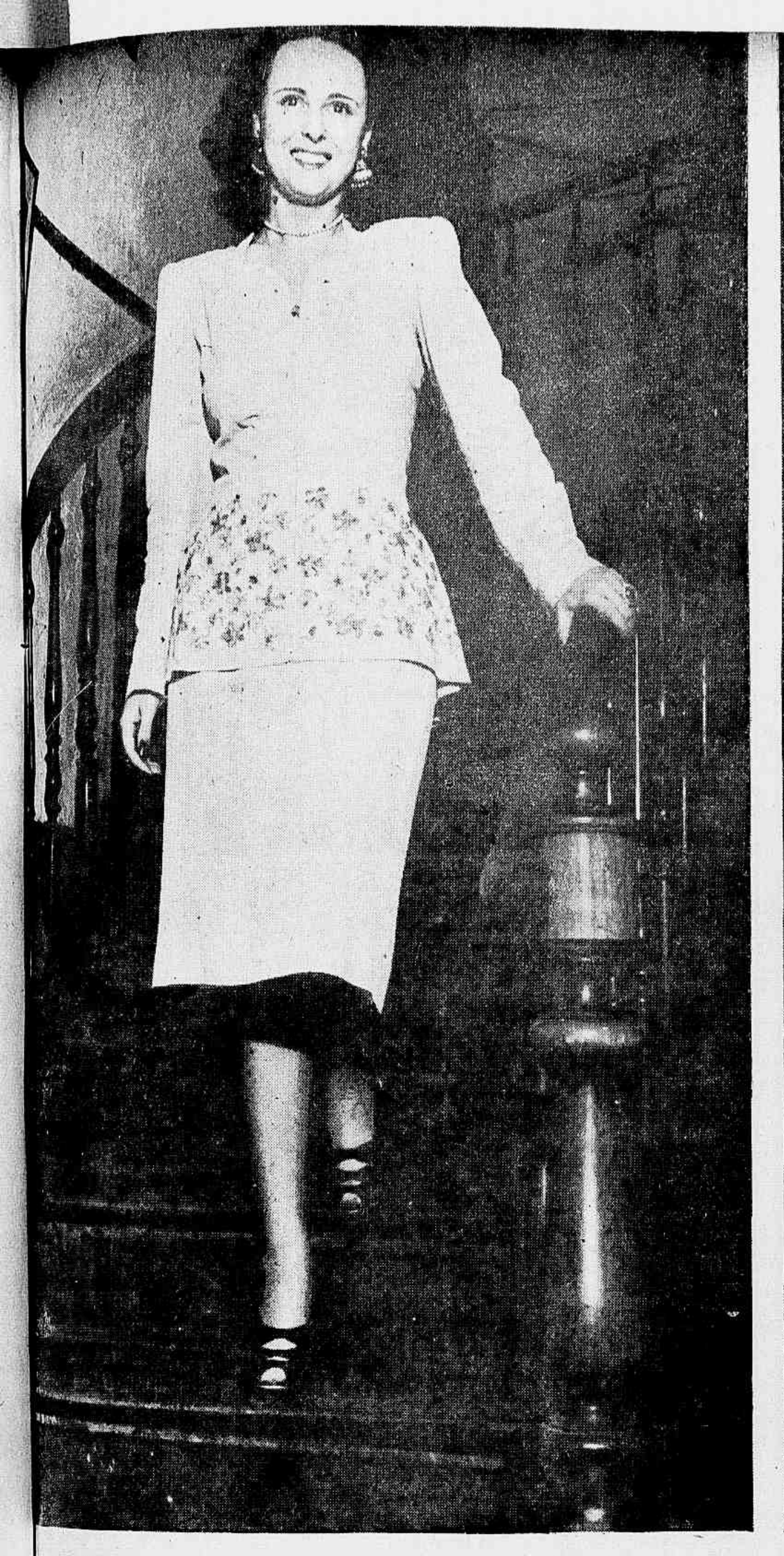
Outra que se surpreendeu também com a atitude dos eleitores foi Maria do Céu. Viu chapas assinadas pelos seus mais firmes adeptos serem computadas a favor de outras candidatas. Houve mesmo um eleitor que, trabalhando em três jornais e uma estação de rádio, tinha direito a votar quatro vêzes. E todos os seus votos estavam garantidos para o campo de Maria do Céu. Na hora da apuração viu-se que êle havia votado em Wahyta, Mara, Cirene Tostes e Nelma Costa. Sim senhor! Que palavra!

QUATRO NA DIANTEIRA

Assim começou a campanha eleitoral. Em princípio, tôdas as candidatas contavam com probabilidades iguais Depois entretanto, como as outras se descuidassem da campanha, ficaram como prováveis rainhas apenas quatro: Nelma, Mara, Wahyta e Maria do Céu. Estas se lançaram no pleito de corpo e alma.

Nelma Costa representava cada vez com mais graça. Era êste o seu método de pro-

CIRENE TOSTES AO PIANO — Cirene Tostes apresentou sua candidatura e retirou-se para a sombra. Enquanto as outras candidatas se esfalfavam para conseguir votos, ela executava Mozart na sala de visitas de sua casa, no poético subúrbio do Encantado. Só depois do pleito, que revelou ter sido reduzida a sua votação, ela se avistou com os jornalistas, a quem ofereceu um almôço em sua residência. Eis aí a candidata número cinco quando executava a "Marcha Turca"...



SUA ALTESA A PRINCESA — Nelma Costa, que no início da apuração ganhou grande vantagem sôbre tôdas as outras candidatas, perdeu terreno na abertura das últimas urnas, que por sinal eram envelopes de papel grosso. Eleita princesa, ela terá o seu quinhão de realeza garantido pelo eleitorado que contava como certa a sua vitória. A nossa reportagem encontrou-a quando os votos ainda lhe eram favoráveis. E é por isso que o sorriso indefectível dos maiorais brilha em ambas as fotografias que Arnaldo Vieira fez da elegante e querida atriz da Companhia Jayme Costa.

paganda. Os eleitores saíam do teatro e juravam para consigo mesmo que haviam de votar nela. Acontece porém que nem para a própria consciência vale a palavra de um eleitor. E foi por isso que Nelma não conseguiu o título máximo.

Enquanto isso, Wahyta telefonava. Os seus cabos eleitorais corriam redações e estúdios. Muito inteligente, a môça pedia para lhe mandarem logo os votos assinados Assim teria a certeza de quantos haviam sufragado o seu nome. Não que ela tivesse desconfianças, que não havia mesmo motivo para isto. Os jornalistas são tão sérios que seriam incapazes de trair a uma promessa! E Wahyta Brasil, apesar de guardar na gaveta de seu "bureau" os próprios votos, não conseguiu obter a coroa

Maria do Céu deixou que os seus "fans" espalhassem o seu nome pelos arraiais contrários. Não se mexeu, não ambicionava nada. Nada além de barulho. Que falassem mal, mas falassem dela. A eleição não importava. Importava, sim, o seu nome impresso em letras de fôrma, a sua fotografia na primeira página. Maria do Céu deixou o barco correr...

Mara fez o barco correr. Distribuiu fotografias pelos periódicos, assinou autógrafos aos montões. Trouxe votos de São Paulo, pois até lá chegaram as fôlhas que reproduziam as suas fotos. Em todos os jornais aparecia a sua cabeleira loura, de um louro agressivo e "lanaturniano", que foi a sua melhor arma de propaganda eleitoral. O seu combate não se fez com palavras, mas com imagens. Durante o curto período da campanha eleitoral ela posou mais para o fotógrafo que o Duque de Windsor em tôda a sua vida. Havia retratos seus em tôdas as posições. "Mara no hipódromo", "Mara no teatro", "Mara no salão de beleza" eram legendas comuns nos jornais. E foi assim que, antes do seu nome, já se fizera famosa a sua imagem. Êsse foi o segrêdo de seu sucesso.

CONFIANÇA

Antes do pleito conversámos com tôdas as candidatas E tôdas se mostravam confiantes, embora a modéstia as impedisse sempre de declarar textualmente: "eu serei a rainha".

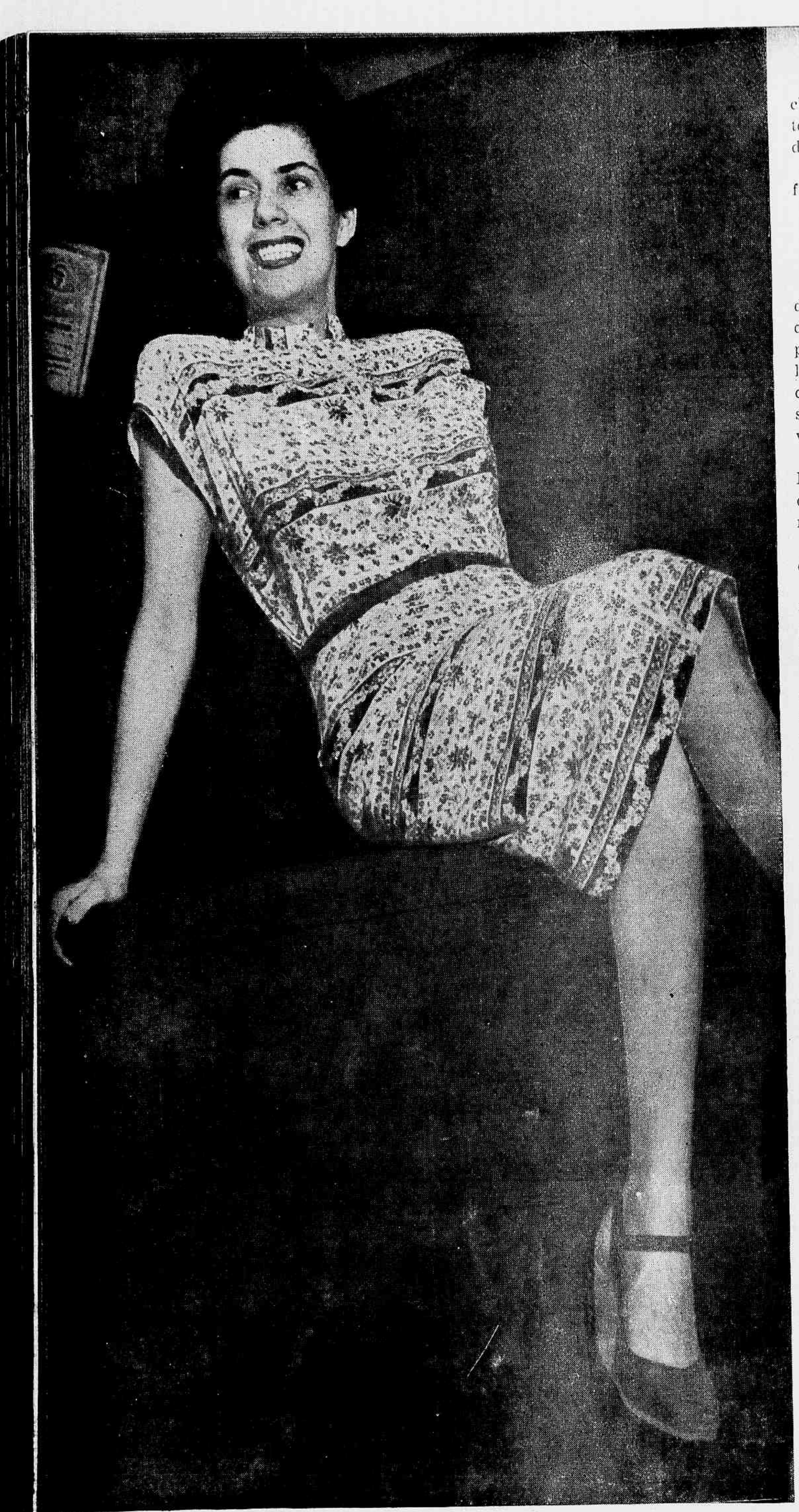
Encontrando Wahyta nos escritórios da "Rádio Globo" conversámos longamente com ela. Estava alegre e agitada, na azáfama do último momento, pois iria começar dali a poucas horas a apuração das grandes eleições.

Embora houvéssemos votado em Cirene Tostes e Nelma Costa, e tivéssemos certeza da vitória de Mara, fomos dizendo logo de entrada:

— Como vai a nossa candidata? Naturalmente já tem, como nós, certeza de sua vitória, não? Aliás é você a mais indicada para rainha, por todos os títulos.

Wahyta fez um muchocho de modéstia e respondeu:

— Eu podia ser rainha mesmo, se tivesse tempo para tratar de minha eleição. Mas o



WAHYTA BRASIL apareceu com sucesso em "A Família Barrett", no teatro das segundas-feiras, afirmando os seus dotes de artista delicada e de grandes recursos. Isto entretanto não lhe garantiu a vitória, que coube à loura Mara Rubia. Mas Wahyta, mesmo como princesa, continua a merecer a admiração de seus "fans", que se contam por muitos e muitos milhares. Aqui está ela sorrindo satisfeita, depois de apurados os votos que levaram outra candidata ao pôsto máximo. De uma maneira ou de outra, apesar de princesa, ela continua a ser Wahyta Brasil, uma "estrêla" que brilha em nosso rádio-teatro.

rádio-teatro não me deixa um minuto de folga

De dentro do escritório uma voz chamou-a.

— Está vendo — continuou a atriz — agora mesmo tenho que ensaiar um papel. E correu para dentro

Entrámos pouco depois para bater uma chapa. E fomos encontrá-la contando os votos que lhe haviam sido mandados da redação da REVISTA DA SEMANA.

Quando saimos, Wahyta sorria com confiança, mas continuava modesta:

— Não serei eu a rainha...

NO TRIBUNAL ELEITORAL

O tribunal eleitoral funcionou na redação do "Correio da Noite", que foi o patrocinador do concurso. Subimos as escadas do velho prédio da rua da Quitanda quando os trabalhos atingiam o climax. Nelma Costa descia com um sorriso nos lábios. Não eram necessárias palavras. Sabíamos que ela estava vencendo.

— Precisamos de duas pôses suas para a REVISTA DA SEMANA, senhorita. Além disso queríamos dar-lhe os parabens. Naturalmente a senhorita está na frente

— Sim — fez ela. — Embora as outras candidatas mereçam mais, quem está ga-

— Desculpe-nos por não participarmos de nhando sou eu.

sua opinião. A senhorita, por todos os títulos, se faz a mais merecedora do prêmio.

Nelma Costa sorriu com modéstia, o "flash" estourou e ela se despediu confiante na vitória. Estava naquela hora mil votos acima da segunda colocada.

CONTROLANDO OS VOTOS

Na sala onde se apuravam os votos, estavam fiscais de todos os partidos. Mara, Wahyta e Maria do Céu controlavam em pessoa a apuração.

A candidata loura deixa um minuto o trabalho de fiscalização para nos atender:

— Sim senhor, como vai essa fôrça?

Mara é mais bonita em pessoa que em fotografia, embora seja menos conhecida assim.

— Vamos bem, obrigados. Queríamos algumas palavras suas, além de umas pôses.

— Pois não, pois não...

— A senhorita naturalmente tem certeza da vitória. Aliás é a senhorita que por todos os títulos faz jús à coroa.

— Isto é bondade do senhor. Não sei se serei eleita. Nelma Costa está na frente. Mas isto não impede que eu pose para o fotógrafo.

E acendendo um cigarro Mara Rubia enfeita os lábios com um lindo sorriso de maioral, que já víramos alhures... E bateu-se a chapa.

Mais duas fotografias e a candidata retoma o seu pôsto na mesa de apuração, entre os fiscais dos partidos contrários.

Vão chegando envelopes de papel pardo, que são as urnas eleitorais. De quando em vez são impugnadas várias cédulas. Queixas, protestos. Os ânimos se serenam de novo e a apuração continua. Mara começa a ganhar terreno. Os votos para Nelma Costa são agora mais espaçados.

Wahyta Brasil e Maria do Céu vão anotando todo o movimento.

De tôdas as redações vão chegando urnas de papel pardo. Envelopes e mais envelopes. A cada novo volume que se abre, abrem-se novos sorrisos de esperança nos lábios das candidatas.

CIRENE TOSTES TOCA PIANO

Notámos a ausência de Cirene Tostes na sala de apuração. Ela fôra uma candidata que se apresentara com grandes probabilidades, e no entanto abandonara assim o campo, sem mais nem menos.

E' que ela se desinteressara pelo pleito. Estava naquele momento tocando piano na sua residência do subúrbio do Encantado, longe das atribulações da campanha eleitoral. Os que quisessem votar nela, que votassem. Mas sair de redação em redação fazendo cabala, procurar amigos, telefonar para os eleitores, isto ela não fazia.

E foi por isso que ela não venceu. Se as outras que fizeram propaganda, cabalaram, telefonaram não conseguiram a coroa, como a poderia levar ela, que no dia do pleito tocava Mozart?

E no entanto, para nós, d. Cirene Tostes era a candidata que por todos os títulos se fazia a mais indicada para o trono.

Que pena ela haver se descuidado...

A CANDIDATA INVISÍVEL

Outra que não compareceu ao escrutínio foi Iraci Celestino. Também ela se absteve de fazer maior propaganda, lançando sua candidatura e se perdendo na sombra do si-

CABALA — Na sala da redação do "Correio da Noite" estava um cabo eleitoral de uma outra candidata. Mas com a sua lábia tôda especial Mara Rubia trouxe-o para o seu campo. A cabala foi feita de maneira muito disfarçada, mas o nosso fotógrafo conseguiu surpreender a candidata conquistando mais um voto para o seu partido. De lápis em punho, ela sorri confiante na vitória.

DIRIGINDO A CAMPANHA ELEITORAL — De seu suntuoso escritório, Wahyta Brasil controla, através de muitos telefones, todo o movimento da campanha eleitoral em que os seus partidários se empenham pelas redações dos jornais. Verdadeiros comícios eram realizados em tôrno das mesas de trabalho dos reporters e redatores. Ela vai anotando tudo o que lhe ditam os cabos eleitorais. Ao fim, somadas tôdas as promessas firmes, a vitória era certa. Mas os propagandistas de Mara Rubia passaram depois... Mesmo assim a graciosa morena conquistou o lugar de princesa.

lêncio. Nenhum cabo eleitoral procurava votos para ela, nenhum propagandista falava em seu nome em tôrno das mesas das redações.

Iraci Celestino foi a candidata invisível. Não aparecia com frequência nos palcos como Nelma Costa. Não telefonava como Wahyta, não se fazia lembrada como Maria do Céu, não era vista nos jornais e revistas como Mara. Nem ao menos tocou piano displicentemente como Cirene Tostes. Lançou sua candidatura e retirou-se para repousar.

Temos para nós que Iraci Celestino, por todos os títulos, era a candidata mais indicada para o trono.

Pena foi que ela não fizesse propaganda.

AS SURPRÊSAS DO PLEITO

Continua a apuração. Desde as duas horas da tarde que os membros do "tribunal eleitoral" abrem envelopes sôbre envelopes, diante das vistas dos fiscais e das três candidatas que se conservam atentas a todos os movimentos dos mesários.

Começam as surprêsas. Eram quatro candidatas, pois as outras duas se conservaram quase alheias ao concurso. Ali pelas oito da noite, porém, começam a chegar votos para Iraci Celestino. Votos e mais votos.

Wahyta conserva-se calada, mas está surpresa. Nelma Costa retirou-se para casa, tão confiante que não será capaz de adivinhar que Mara já lhe leva uma vantagem de mais de cinco mil votos.

A um canto, visivelmente emocionada, Maria do Céu fuma cigarros sôbre cigarros. Tão visivelmente transtornada ela se mostra que não nos vimos com coragem de abordá-la.

Às 22 horas, finalmente, a mesa anuncia o resultado final e inapelável do pleito:

Mara Rubia, 36.467 votos; Nelma Costa, 16.255; Wahyta Brasil, 12.726; Iraci Celestino, 4.470; Maria do Céu, 1.843; Cirene Tostes, 530.

Assim, a eleição apresentou várias surprêsas. Mara estava eleita rainha; Nelma Costa e Wahyta eram princesas.

AGORA, MARIA DO CÉU

Maria do Céu saiu do seu cantinho, ouviu com um sorriso o resultado final da apuração, acendeu mais um cigarro americano. Pensávamos que ela estava "braba" e por isso abordámo-la com cautela:

— Poderia nos ceder o lume, senhorita?

— Pois não. O senhor é da REVISTA DA SEMANA, não é verdade?

— Somos.

— Se quiser fazer fotografias minhas, não se acanhe. Já perdi, mas não faz mal. Também eu sabia desde o princípio que não ia ser eleita. Entrei no concurso porque uma atriz nova precisa sempre de propaganda.

Gostámos destas palavras de franqueza. Fizemos as fotos e nos despedimos, levando de Maria do Céu a mais simpática recordação.

Ah! Maria do Céu, Maria Rolim Teles! Era você que, por todos os títulos, deveria ser a dona da coroa...

MARIA DO CÉU — A quarta candidata aparece aqui em duas pôses sugestivas. À direita, quando tomava banho de sol, no terraço de seu apartamento, depois de escolher a sua fantasia na REVISTA DA SEMANA, foi surpreendida pelo nosso fotógrafo. Nesta página, Maria do Céu é vista abraçada à sua mascote, a efígie de um jornaleiro.

ACONTECEU NO RIO

Embora pareça incrível, existem trogloditas no Rio de Janeiro. E melhor: existem troglodistas em Copacabana. Na pedra do Arpoador mais um motivo de atração para os turistas ávidos de novas emoções surgiu entre a praia do Inferno e o Tanque dos Inglêses. Ali, numa pequena e baixa caverna coberta por uma marquise natural de granito, dois homens fizeram o seu lar. Com latas velhas e pedaços de caixotes construiram móveis rústicos; com um resto de vela branca de um barco de pescador levantaram as paredes da "casa". Uma lata de banha se fez de fogão.

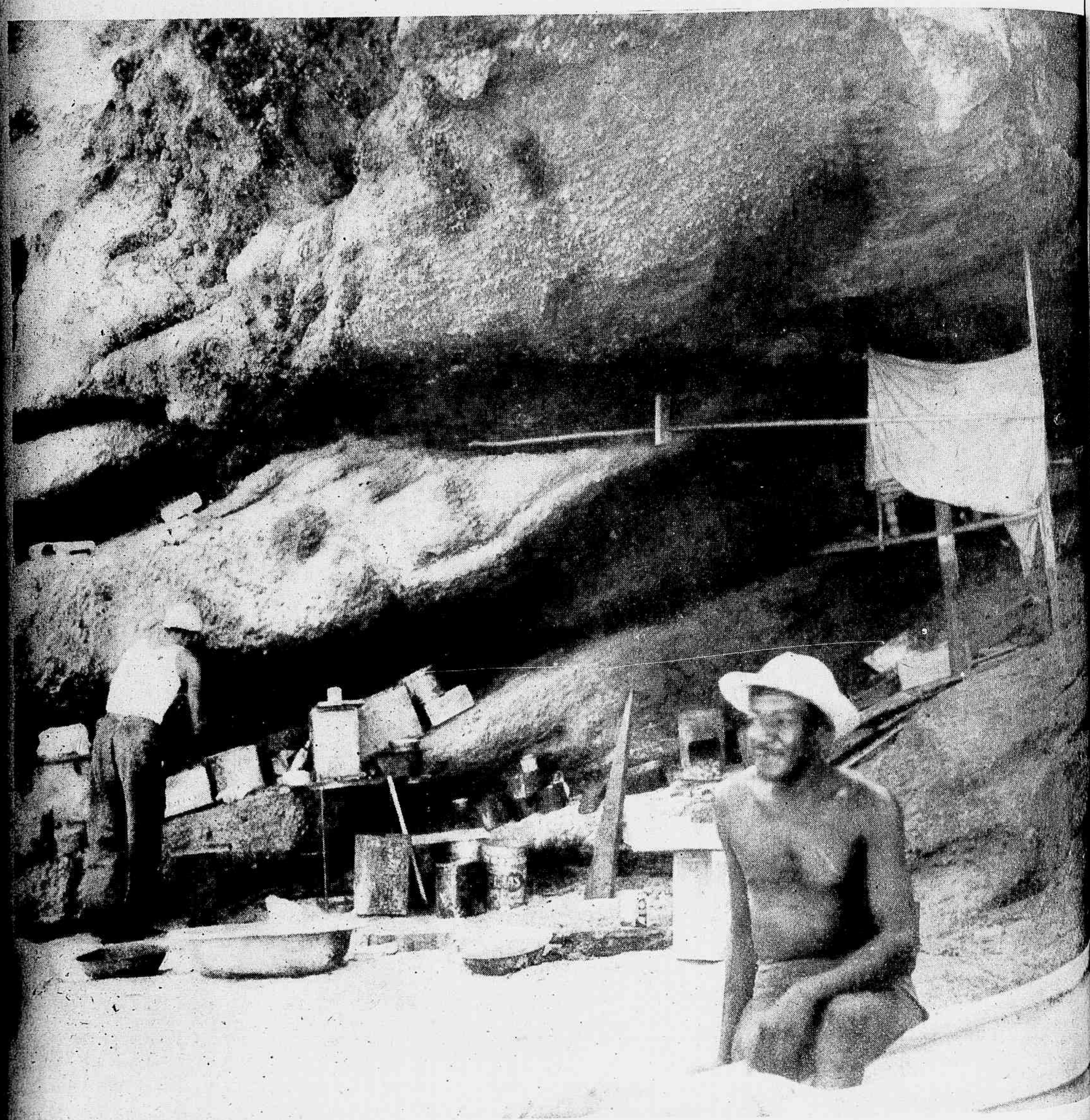
E agora, longe dos rumores da cidade, no retiro rústico do Arpoador, onde chega apenas o barulho das vagas que batem nas pedras, os dois felizes mortais vivem os seus dias venturosos sem se lembrar da crise de habitações, seguindo à risca as instruções daquele popular anúncio que diz: "Não pague aluguel".

E êles não pagam. Antonio Miguel da Silva, já conhecido por "Totonho da Pedra", e Lauro Rodrigues da Silva ("Cartola") vivem despreocupados no seu lar improvisado, como viveriam os homens primitivos das cavernas ancestrais, defendidos das intempéries pelo teto natural que a Natureza cavou na rocha bruta.

Ali êles não têm a necessidade de se vestirem com ternos vistosos, contentam-se com calções baratos. A comida é fácil e farta, pois nos rochedos nunca faltam mariscos. Peixes também compõem o seu "menu" em dias de gala

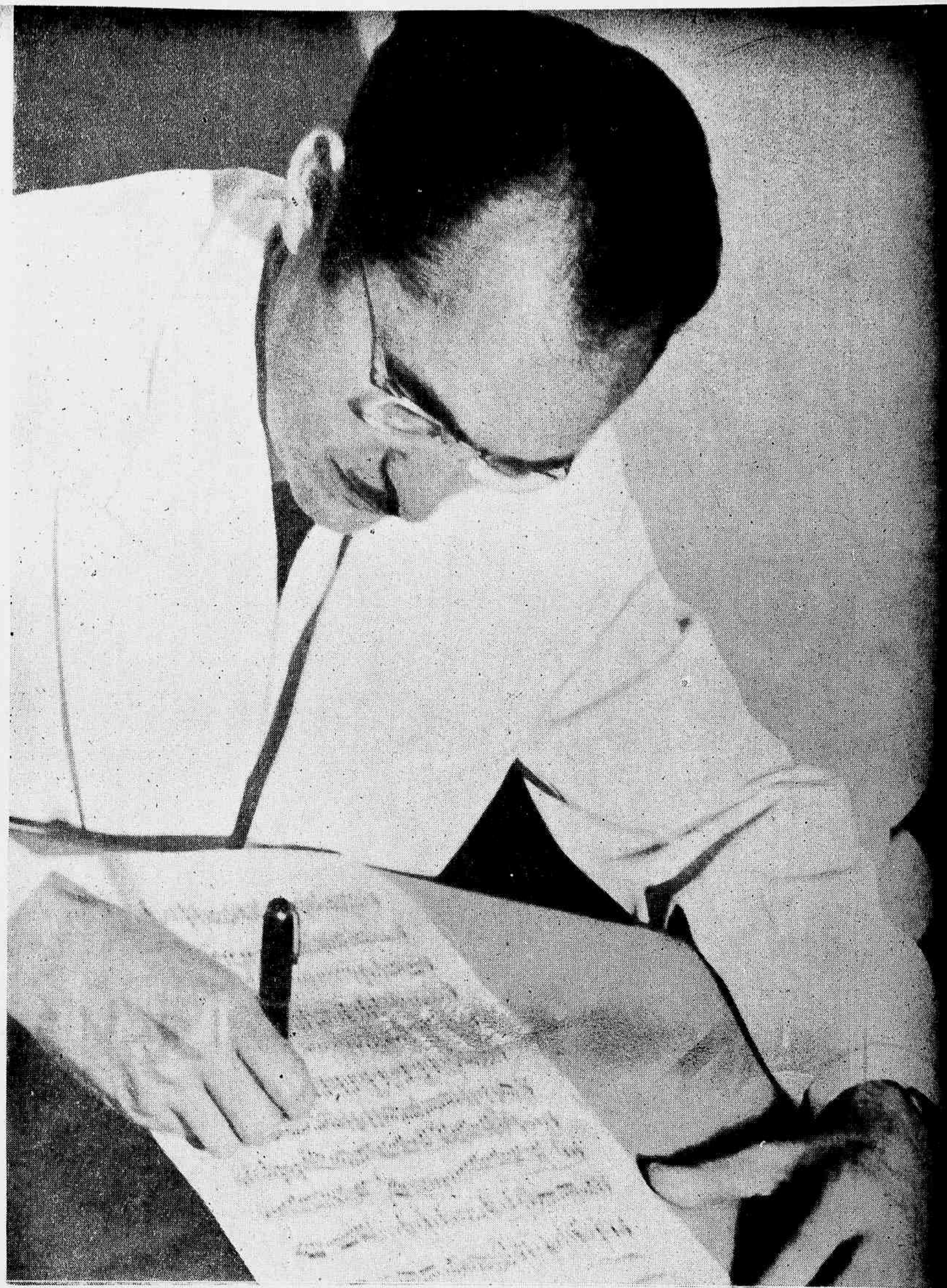
E assim vivem êles, os trogloditas do Rio de Janeiro, dois homens felizes e calmos, do aristocrático bairro de Copacabana.

Na foto abaixo vemos os dois felizes trogloditas entregues às suas atividades domésticas.



MUSICA BRASILEIRA NOS ESTADOS UNIDOS

FALA À "REVISTA DA SEMANA" O MAESTRO JOSÉ SIQUEIRA, DIRETOR DA ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA — NACIONALISMO MUSICAL E MAIS AMPLAS POSSIBILIDADES DE DIVULGAÇÃO — ALICE RIBEIRO E A CRÍTICA AMERICANA



VILLA LOBOS pediu certa vez a um reporter que não desse demasiada importância às suas palavras, uma vez que, com tôda certeza, viria, mais cedo ou mais tarde, a afirmar o contrário, se é que naquele momento já não estava contradizendo alguma declaração anterior. Isso não o impediu, contudo, de tirar carta de seguro antes de partir para os Estados Unidos. "Não me interessa agradar o público". Disse que ia dar somente uma amostra de sua arte e que lhe era perfeitamente indiferente o sucesso ou o fracasso. Assim, medindo bem suas palavras, assegurou uma retirada sem desonra, caso o público americano não se interessasse por sua música. Não havia motivo para receios, entretanto. Tôda aquela vitalidade das suas obras, cheias de seiva, ricas, coloridas e brilhantes encantou o público americano, que andava buscando quem lhe desse uma tradução do Brasil em notas musicais.

O maior sucesso da música brasileira nos Estados Unidos deriva, justamente, da côr local brasileira da obra de alguns de nossos compositores, justamente os que encontram maior aceitação por parte dos americanos.

O maestro José Siqueira, que voltou recentemente de lá, afim de preparar a temporada de 1946 da Orquestra Sinfônica Brasileira, concedeu à REVISTA importante entrevista a respeito dêste curioso fenômeno. A contribuição dos brasileiros mais apreciada presentemente nos Estados Unidos é a dos compositores filiados à escola do nacionalismo musical, que trazem aos ouvidos maravilhados do público uma riqueza de rítmos novos, melodias estranhas aos ouvidos "yankees" — música original, dinâmica, "exciting".

O CAMINHO DO MÚSIÇO BRASILEIRO PARA A TERRA DE TIO SAM

Focalizando, justamente, êsse aspecto do problema, o maestro José Siqueira fez algumas observações penetrantes a respeito da nossa música no estrangeiro. Sempre ligado aos empreendimentos mais ousados no sentido de melhorar as condições de trabalho dos nossos músicos e amparar os nossos compositores, José Siqueira estudou com carinho o meio musical americano, trazendo tôdas as inovações que julgou interessantes, afim de dotar os nossos artistas de possibilidades mais amplas.

— Fui aos Estados Unidos, desta vez, a convite da Orquestra de Detroit, cujo maestro Karl Krueger, nos havia visitado o ano passado.

Foi também iniciativa de José Siqueira êste intercâmbio de regentes, que abre perspectivas magníficas para um enriquecimento do nosso meio musical.

Tratando, a seguir, da temporada de concertos que realizou lá, o maestro chegou ao problema da música brasileira nos Estados Unidos. As críticas americanas que recebemos nos tinham pôsto ao par do sucesso obtido por êle. Em sua entrevista o maestro fez, entretanto, algumas observações a respeito das obras executadas, situando admiravelmente a questão.

— Conforme já lhe disse, é a música de caráter mais tipicamente brasileiro que está interessando. Naturalmente, não se exige que fiquemos presos a uma idéia muito estreita de folclore, mas fazem questão que as obras tenham um sabor diferente, da nossa terra. Por isso gastaram mais de minha "Senzala" de que de outra obra menos característica. Admiraram Nepomuceno, mas ficaram indiferentes diante de compositores menos acentuadamente nacionais.

— Diga, maestro: não acha prejudicial essa aproximação através do pitoresco do exótico? Não irá isso prejudicar a divulgação da nossa música no estrangeiro, obrigando nossos compositores a fazerem uma espécie de artigos de exportação com preocupações falsamente nacionalistas?

— Não encaro o problema dessa forma — retrucou José Siqueira. — Parece-me que essa curiosidade abre um vasto campo à música brasileira que, uma vez tendo conseguido impor-se definitivamente, terá rumo livre. Êsse interêsse atual é uma oportunidade magnífica para firmarmos a reputação de determinados compositores nossos entre os americanos.

Tecendo considerações em tôrno dêsse ponto de vista, falou o maestro a seguir na divulgação da nossa música, citando mais uma vez o nome de Villa Lobos, que é precisamente o mais conhecido e admirado compositor brasileiro na América.

— Villa Lobos é o único compositor que tem obras gravadas, por enquanto. Você pode calcular a rapidez da divulgação fornecida pelo disco se se lembrar de que os músicos, há alguns anos, fizeram uma greve afim de obter um aumento de cem por cento nos seus salários para gravação, alegando que isso os prejudicava em parte, uma vez que tornava mais acessível a música de todos os gêneros. E o aumento pleiteado foi concedido. Naturalmente, eu acho que o disco nunca substituirá a execução nos concertos, mas não resta dúvida de que contribui inestimavelmente para a popularidade de um compositor.

— Já gravou alguma obra sua, maestro?

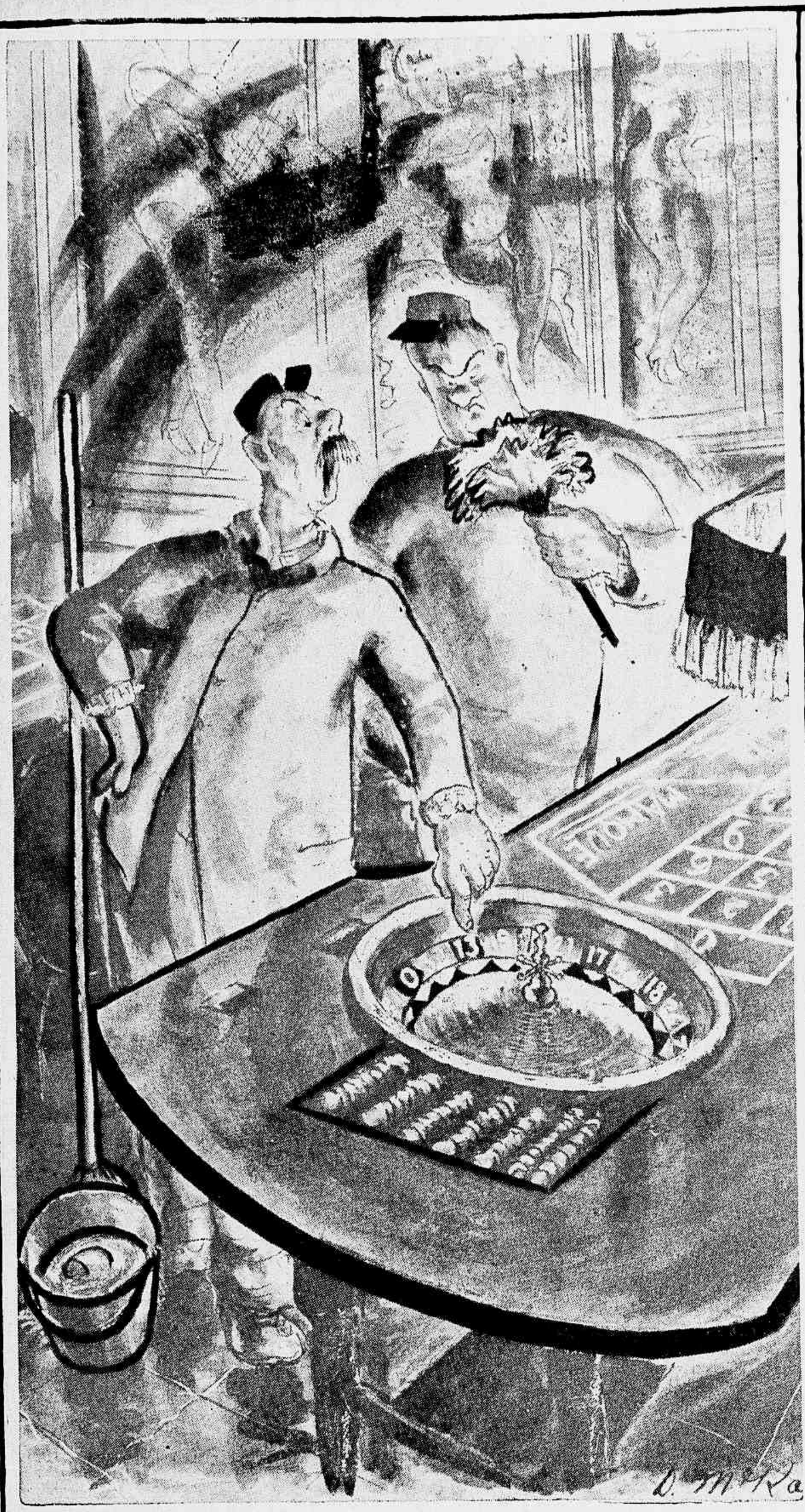
— Não. Não tive ainda a oportunidade, se bem que já tivesse sido convidado. Provavelmente gravarei na minha próxima viagem, êste ano.

O COMPOSITOR BRASILEIRO NA AMÉRICA

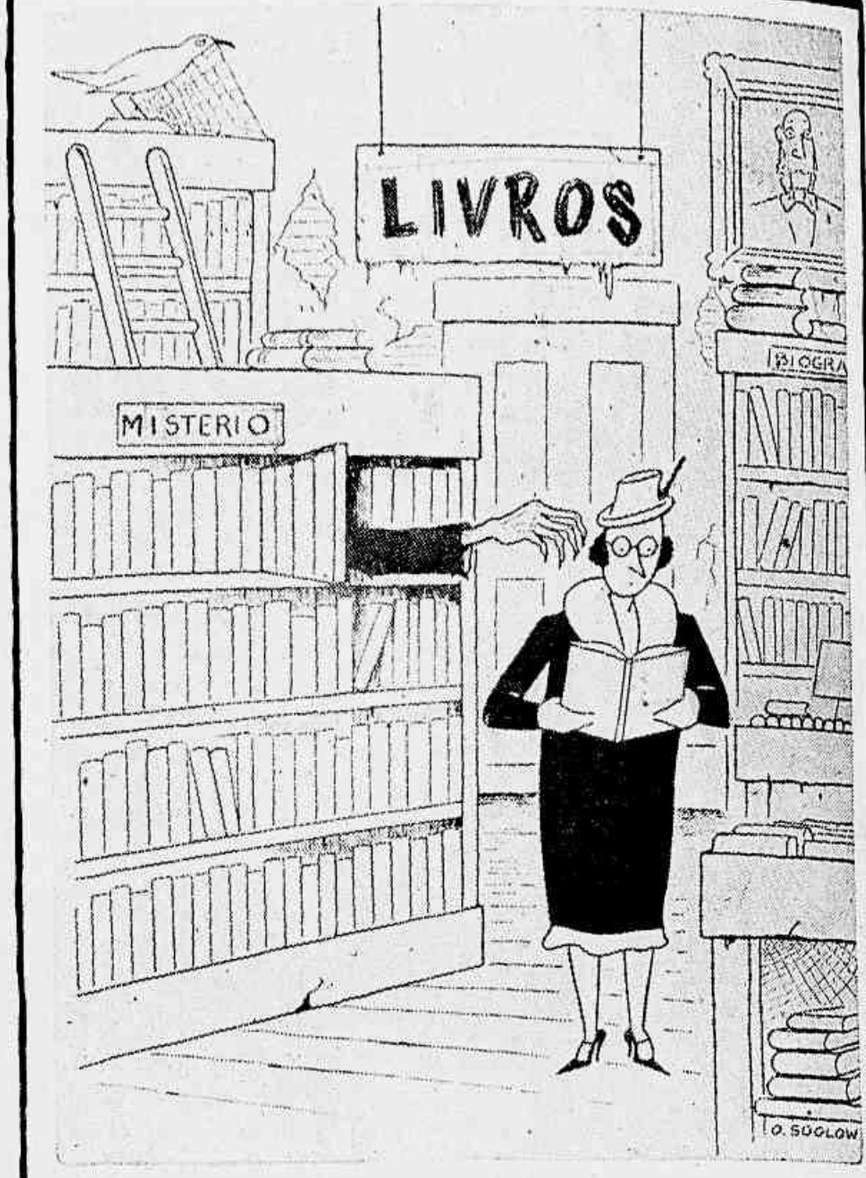
Prosseguindo, o maestro declarou:

— O sucesso de Villa Lobos serviu para mostrar a oportunidade que tem à sua frente o compositor brasileiro. A aprovação que mereci também deixa bem claro o que é precisamente o que os americanos estão esperando da música brasileira. Devemos aproveitar o mas possível essa "chance". Êles têm lá Milhaud, Schonberg, Hindemith e tantos outros grandes compositores. Acredito, por isso, que devemos considerar uma sorte nossa de haver um caminho aberto para a música brasileira entre êsses. Êsse caminho, por enquanto, é a apresentação do que há de mais peculiarmente nacional, o que não impede que, uma vez adquirida autoridade no estrangeiro, nossos compositores possam caminhar, com segurança, para uma universalização cada vez maior.

Encerrando sua entrevista, o maestro fez ainda algumas observações a respeito do estrondoso sucesso de sua espôsa, a cantora Alice Ribeiro, que foi contratada por uma das maiores agências pelo espaço de três anos, devendo cantar música de câmera e ópera. Lembrando, finalmente, que reserva surprêsas sensacionais para os sócios da O. S. B. na presente temporada, o maestro despediu-se, prometendo fornecer todos os dados sôbre os concertos no momento oportuno.



— Dois milhões de cruzeiros no vermelho!...



DE BOM HUMOR

— Sim, eu tive necessidade de ampliar o meu negócio...

SALVANDO VIDAS NOS CAMPOS DE BATALHA — Antes da descoberta da penicilina, um derivado do cogumelo "penicilium notatum", pelo inglês Fleming, era a sulfanilamida a arma máxima da medicina para o combate às infecções produzidas por cocos. Na gravura acima vemos um padioleiro americano aplicando sulfa em pomada no rosto de um ferido, para evitar qualquer perigo de infecção. Em baixo, os comprimidos de sulfatiazol, que obedeciam à dosagem standard de 0,50 gramas de elemento ativo em cada um.

A PRIMEIRA ARMA ATOMICA DA MEDICINA

A quimioterapia, que revolucionou a Europa quando Heinreich, descobrindo as propriedades bactericidas do arsênico, produziu o milagre do 914, atingiu o seu ponto alto com a aplicação do radical químico "sulfa" na terapêutica das doenças infecciosas de qualquer espécie, produzidas por cocos. A quimioterapia consiste no emprêgo de um tóxico, de tal maneira dosado, que seja ofensivo ao mínimo ao organismo humano, produzindo por outro lado o máximo rendimento de suas propriedades microbicidas.

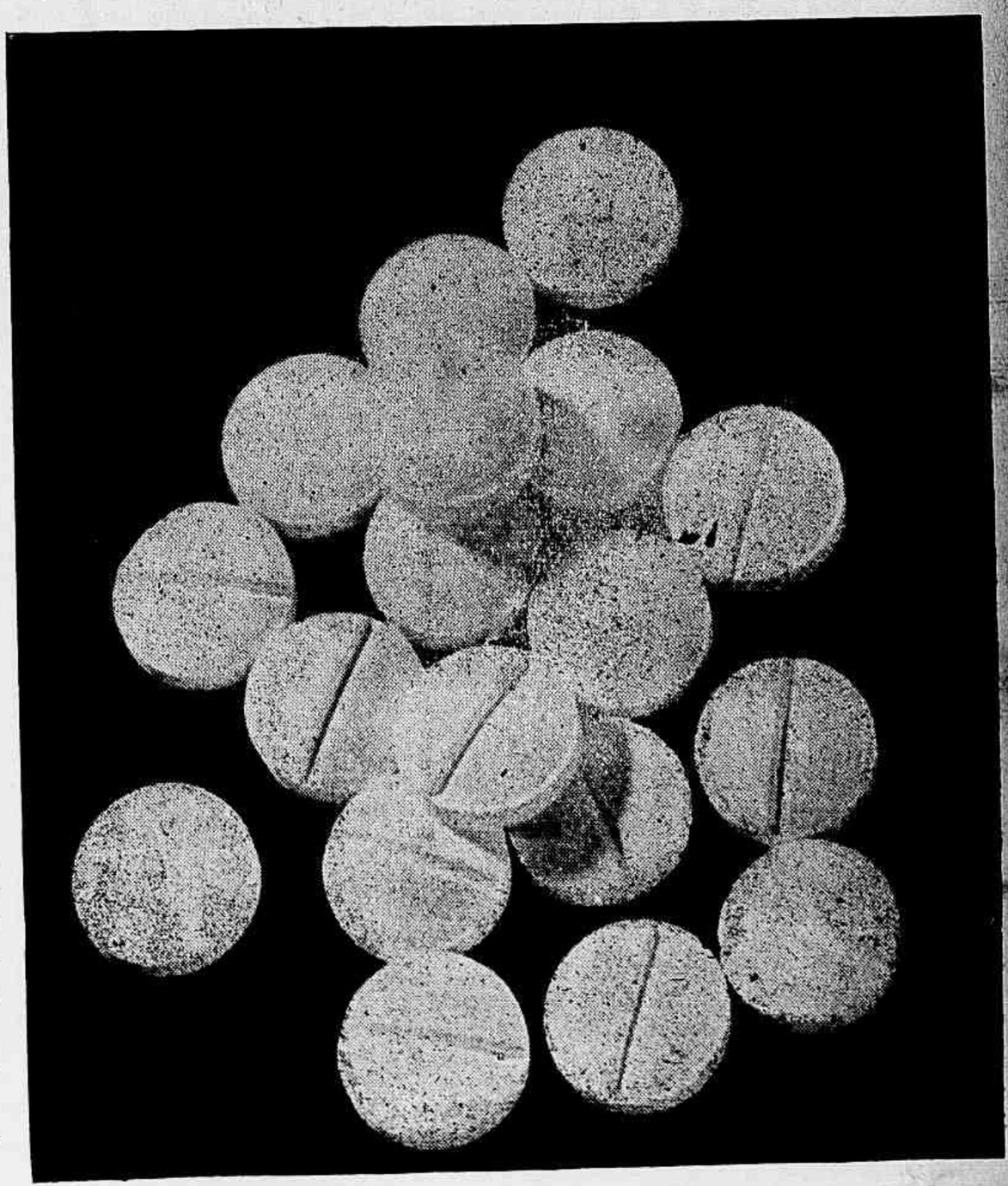
Agora, outra arma atômica da medicina vem sendo empregada com magníficos resultados na cura das doenças infecciosas e na profilaxia de tais males: trata-se da penicilina, descoberta pelo grande Robert Fleming e que lhe valeu o Prêmio Nobel da Medicina. Produto de uma secreção gelatinosa do cogumelo "penicilium notatum", já está entretanto a penicilina sendo elaborada sinteticamente, com a combinação dos elementos químicos que a compõem.

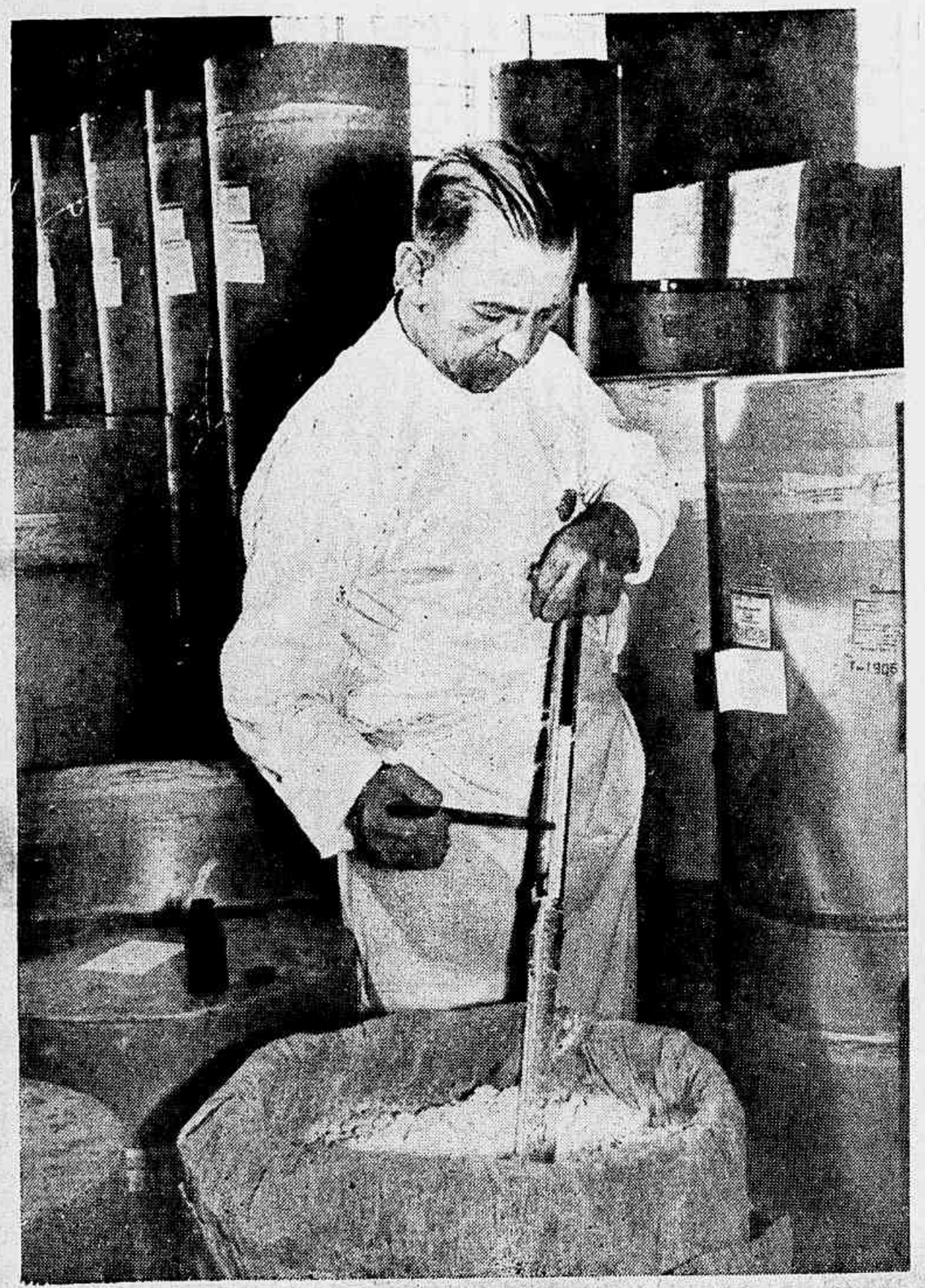
E' um êrro porém pensar que a penicilina matou a sulfanilamida. Esta continua a salvar vida, em casos anteriormente tratados sem resultados por aquela droga.

O emprêgo da sulfa evolui, e a medicina procura, por meio de combinações novas, reduzir sempre o seu poder tóxico e elevar o seu valor terapêutico. Agindo por meio de concentração no sangue, as sulfas bloqueiam todos os focos de cocos, esterilizando êsses perigosos micro-organismos, de modo a que a infecção regrida sempre e termine por ceder completamente. Durante a guerra, apesar do emprêgo da penicilina, foram empregadas no combate e na prevenção das infecções as sulfas, em injeções intramusculares e endovenosas, e ministradas também por via oral em comprimidos que continham 0,50 gramas de elemento ativo.

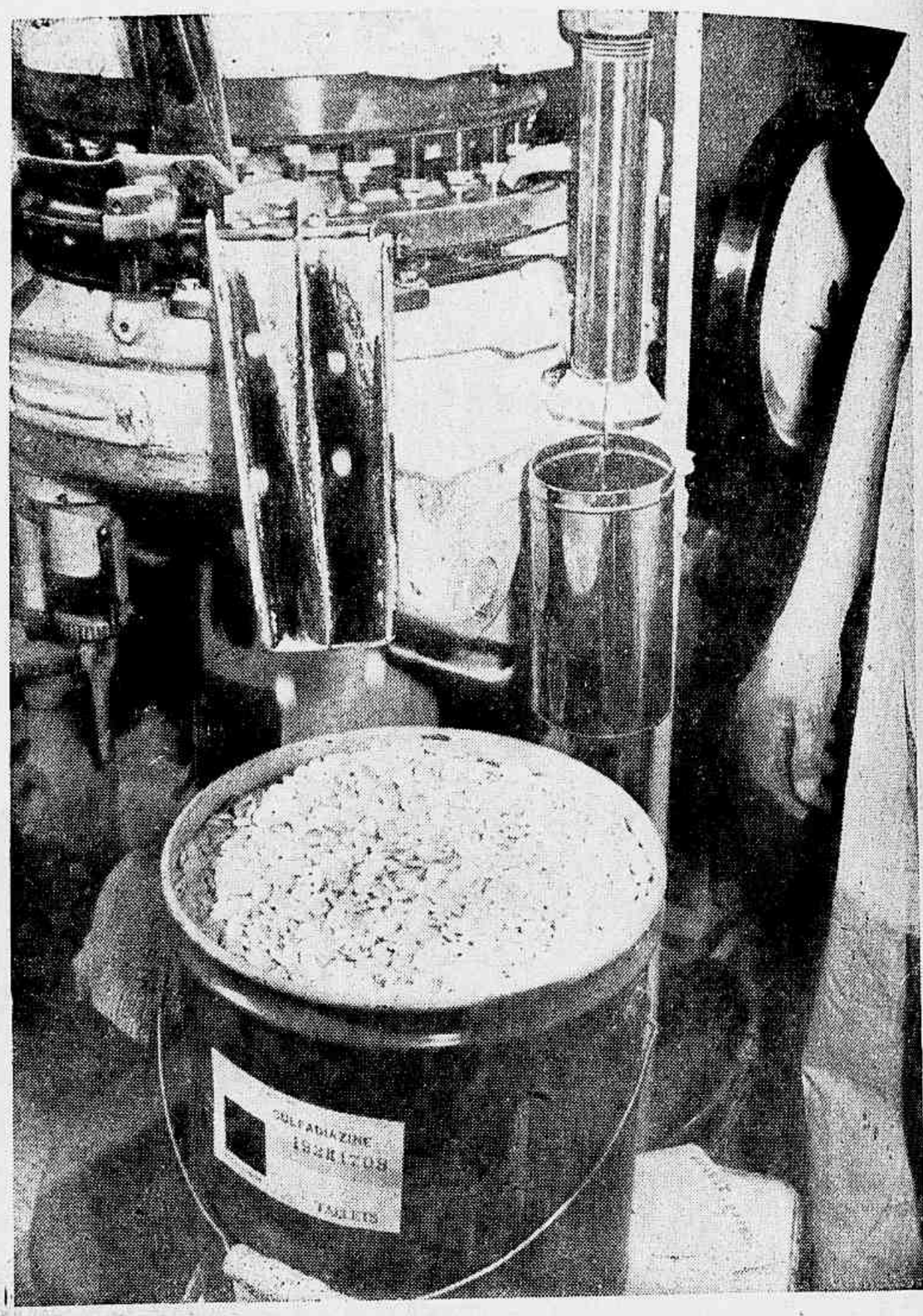
E até hoje a sulfapiridina e a sulfatiazol vêm sendo empregadas com bons resultados no tratamento das pneumonias e septicemias.

Nesta página reproduzimos algumas passagens da fabricação de comprimidos de sulfanilamida, numa fábrica americana.



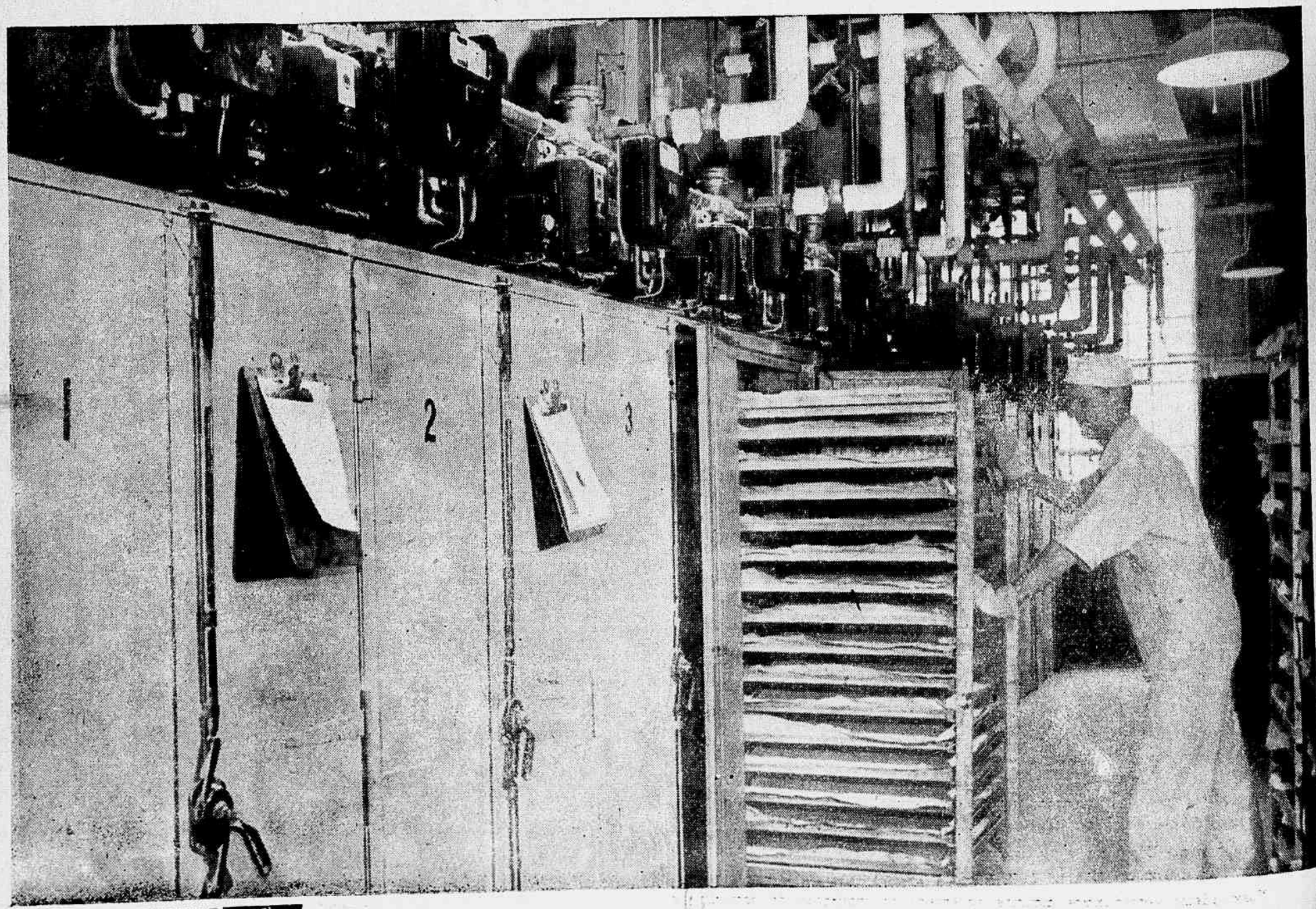


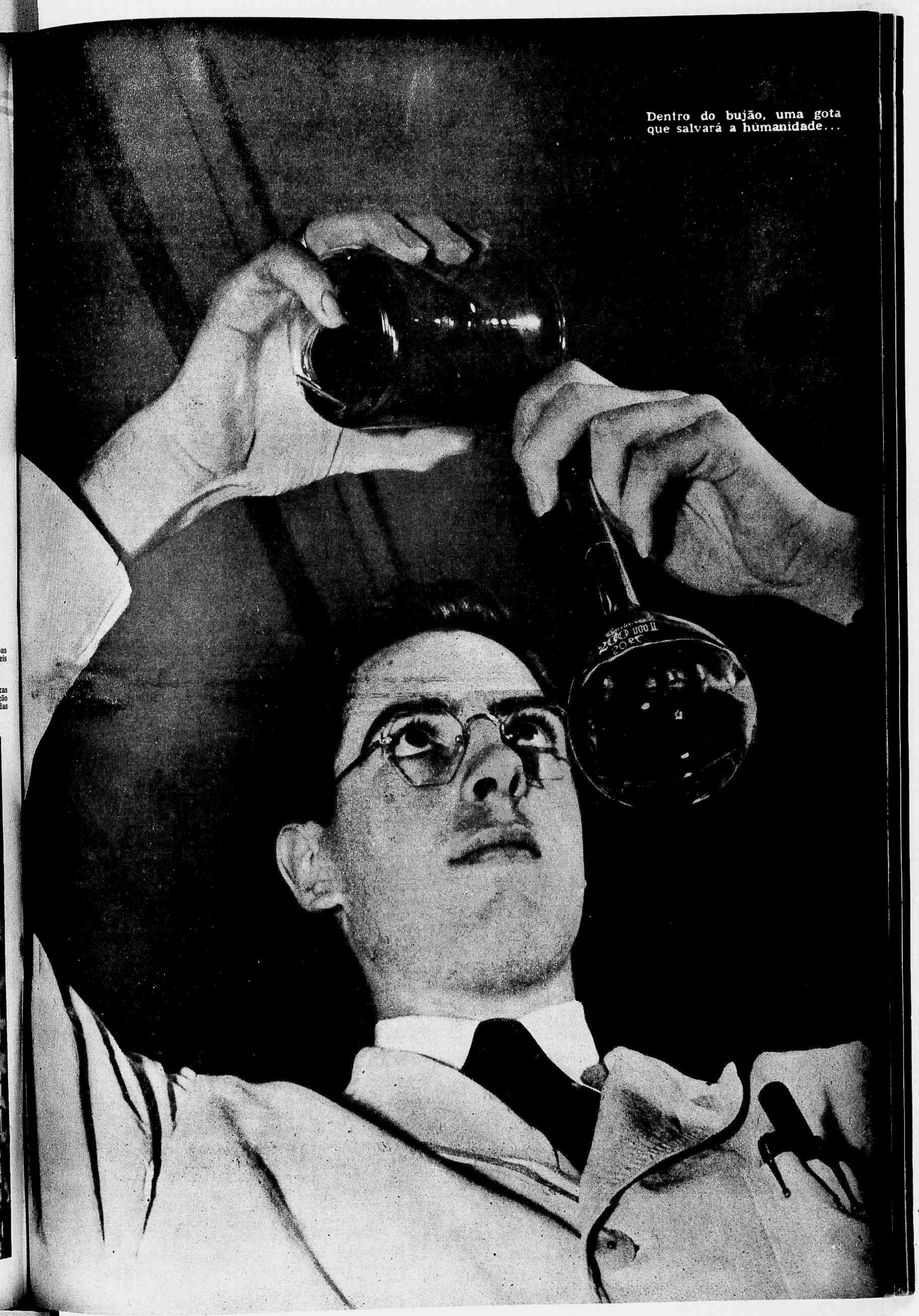
DOSAGEM — Êste laboratorista extrai do saco certa quantidade da massa de que fazem os comprimidos de sulfa, para levar à análise severa, afim de que seja a mesma posteriormente misturada com o elemento ativo.



GRANADAS CONTRA OS COCOS — Êstes pequenos comprimidos são verdadeiras bombas atômicas que a medicina utiliza no combate aos cocos, micro-organismos responsáveis por uma infinidade de doenças infecciosas.

PELOS TUBOS CONGELADOS — Nestes escaninhos são armazenados os medicamentos que contenham sulfanilamida, até que o laboratório os envie às drogarias. Destas caixas saem as armas mais mortíferas usadas contra os cocos. Até hoje, em casos que a penicilina não pôde sanar o mal, têm sido usadas grandes dosagens de sulfa. A concentração da sulfanilamida no sangue faz bloquear e esterilizar os micro-organismos que, impedidos de proliferar, se restringem a pequenos focos, que desaparecem uma vez desaparecidas as suas unidades celulares.





Dentro do bujão, uma gota que salvará a humanidade...

ESCRAGNOLLE DORIA

LEMBRANÇAS PARLAMENTARES

O Brasil de hoje labuta para voltar ao parlamentarismo. No Império o poder legislativo, órgão de soberania nacional, chegou a governar governos, o poder executivo nas mãos de parlamentares, raro o ministro não senador ou deputado.

A República, embora presidencialista copiadora dos Estados Unidos, achegou-se ao parlamentarismo. Em certas ocasiões, com destemor, o poder legislativo enfrentando o executivo. Dissolvido em 1891, não tardou o Congresso a reviver pelas armas da armada em contra-golpe de impensada ditadura.

Em tôda parte onde se o mantém, o parlamento enriquece vocabulário, por incorporação nele de palavras e de expressões nascidas em curso de debates.

Aquelas palavras ou expressões entram na linguagem corrente, muitas vêzes empregadas por quem de todo em tudo lhes ignora origem e alcance.

Quando se quer depreciar alguém é costume tratá-lo por "ilustre desconhecido". As expressões têm idade, a citada conta neste momento setenta e três anos.

Data de 1872, nasceu em casa nobre, a Câmara dos Deputados. Nela então dois deputados mineiros e quatro colegas sul-riograndenses formaram "patrulha" de oposição liberal a govêrno conservador. Na "patrulha" figurava como soldado parlamentar um tenente-general do exército, o conde de Pôrto Alegre.

Embora pouco inclinado à disciplina partidária, à "patrulha" pertencera Gaspar da Silveira Martins.

A Câmara dos Deputados em 1872 ainda estava aquecida pelo aceso da luta entre maioria e minoria em tôrno da lei do Ventre Livre.

Em sessão da Câmara orava Paulino de Souza, chefe dos opostos àquela lei em favor da mulher humilde sancionada por mão feminina imperial.

Presidente do conselho de ministros, o visconde do Rio Branco aparteou Paulino, dizendo: "Que restará aos liberais para acusarem o govêrno?

Uma voz desafiadora estrondeou resposta subitânea:

— Os liberais hão de dizer muita coisa nova, não hão de repetir.

Na sessão imediata não tardou o prometido a ser devido. Em estréia parlamentar, Silveira Martins ocupou a tribuna diante de Câmara na qual havia gente de mais. Recinto e suas imediações, corredores, tribunas, galerias, tudo de espectadores comprimidos.

Um membro da "patrulha" parlamentar de 1872 — O Conde de Pôrto Alegre

Em certa altura de discurso, um deputado mineiro aparteou o estreante. Lembrou-lhe que por demais fazia pouco de seus pares, como o orador representante da nação.

— Vós, representantes da nação? Não passais de ilustres desconhecidos. Consultai vossa consciência.

Arrebatado pelas fôrças de sua eloquência, o discursador excedeu-se, dí-lo-ia a própria consciência quando asserenada.

Ilustres desconhecidos, Alencar, Paulino, Junqueira, Belisario, João Mendes de Almeida, Ferreira Viana, são chegado em amizade ao orador, Teixeira Junior, presidente da Câmara.

Acalmado de ímpetos oratórios, não hesitaria Silveira Martins em reconhecer que tinha colegas à sua altura, uns mais em evidência e outros todos dignos, pelo voto popular alçados à atenção do país.

Seis anos depois do seu sensacional discurso de estréia, Silveira Martins via-se ministro da Fazenda, no gabinete Sinimbú, de 5 de janeiro de 1878. Além do deputado Silveira Martins, outro representante do Rio Grande do Sul, o senador Osorio, ministro da Guerra, participava de govêrno.

Silveira Martins, membro de govêrno, tinha de passar da ofensiva de oposicionista à defensiva de ministro de Estado.

Fardas, por mais bordadas que sejam, não mudam temperamentos Aos adversários de seus atos ministeriais respondeu Silveira Martins com veemência, que pareceu excessiva a correligionário e velho amigo, Martinho Campos, oposicionista-mor.

Sob a farda, o tribuno. Mostrou-o o ministro, quando acusado de emissões de papel moeda sem autorização legal, acudindo a situação dolorosa de sêcas no Norte, mormente no Ceará.

O ministro assumiu responsabilidade, comparando-se ao lavrador que nos perigos larga a enxada, a foice, o machado para empunhar a carabina, a espada, a lança, oferecendo vida à pátria.

Silveira Martins conservou-se no govêrno ano e mês, de janeiro de 1878 a fevereiro de 1879. O poder é o poder, dissera Silveira Martins definindo-lhe a fôrça que pouco experimentou.

Do poder foi tratando Silveira Martins de sair. Em divergência no ministério Sinimbú, de ataque recebido a ataque respondido, Silveira Martins deixou pasta.

Cedendo-a a Afonso Celso, tornando-se na discussão da reforma eleitoral campeão da elegibilidade dos acatólicos, Silveira Martins voltou a oposicionista na Câmara.

Pode a cólera caber até no ânimo dos deuses, afirmou-o Virgilio na "Eneida". No ânimo de Silveira Martins se cabiam arrebatamentos de ocasião, mas lhe eram próprias generosidades para com amigos ou mesmo adversários em situações embaraçosas.

No fim do Império, não mais na Câmara dos Ilustres Desconhecidos, sim no Senado, Silveira Martins, liberal, acudiu a Cotegipe, conservador, enleiado na Questão Militar.

Apresentou Silveira Martins moção salvadora aceita por Cotegipe, o mesmo declarando porém que o govêrno anuia à moção, "com arranhões na dignidade". Arranhões tais, na época, eram muito sensíveis para qualquer quanto mais para govêrno.

Na vida parlamentar conheceu Silveira Martins um cidadão brasileiro que por três decênios requereu ao poder legislativo e ao executivo.

O renitente peticionário tratava a sua bengala, de uso constante, de "seu poder executivo". Dada a consistência e possível aplicação do objeto, a denominação era consentânea, à vista dos nós da arma portátil.

Ao poder legislativo o infatigável suplicante requereu privilégio para exploração de jazidas em Caiapó, jazidas auríferas. Alguns deputados divertiam-se em prometer votos ao requerente, votos jamais dados.

Certo maldoso foi adiante na crueldade. Fabricou um diploma de deputado, persuadindo o incauto requerente eterno da validade do documento.

O iludido levou-o à Mesa da Câmara e ocupou cadeira no recinto. Como podia o presidente da Câmara, o conde de Prados, abrir sessão com a presença no recinto do deputado **in partibus?** Insistia êste em não deixar cadeira. O caso exigia pronta solução, por decôro da assembléia impossível recorrer à fôrça.

Segundo um deputado da época, o padre João Manoel de Carvalho, quem armara a pilhéria, se propôs a desarmar sua obra inconveniente sôbre impiedosa.

Por combinação geral só a Mesa ficou na sala das sessões. Tomando isto por praxe da Casa, o pseudo-deputado não quis destoar de "colegas".

Dentro em pouco aquêles tornaram ao recinto, o improvisado parlamentar querendo fazer o mesmo. Se era praxe da Casa por que o impediam de tornar? Nem sequer estava com o seu "poder executivo" a vítima da "arbitrariedade" aconselhado a resignação e retirada.

Nem por isto o deputado por instantes deixou de instar. Continuou a requerer ao poder legislativo pelo qual tão breve passara.

Requerimento a requerimento, o tenaz obteve a concessão do privilégio tão ambicionado, a veia popular agraciando o privilegiado com o título de barão de Caiapó, sem necessidade de registro em chancelaria alguma.

Uma vez obtido o suspirado privilégio, foi o concessionário assediado por especuladores. Tendo conseguido vencer pela tenacidade, arrancando de uma Câmara pelo povo apelidada dos Fagundes, em lembrança do requerente de tantos anos, o desditoso concessionário foi levado a Londres pelos seus exploradores. Aí por fim o abandonaram e reduziram à miséria, segundo informação do padre João Manvel no "Correio Amparense", em cujas colunas com nobre coragem combateu homens, erros e desmandos da República que ajudara a surgir no próprio parlamento em 1889.

Na Constituinte ora reunida ambém apareceu pessoa que, sem ser senador ou deputado, palestrou no recinto da assembléia. Esta não teve necessidade de esvaziar recinto como outrora. Uma autoridade policial, com bons modos, afastou o auto-diplomado.

O AÇUDE

Conto de
LUIZ BROMFIELD

No mar das ilhas do sul as águas são azuis. Ao cair o crepúsculo, os últimos raios do sol punham brilhos estranhos na superfície fosforescente. Mark levantou-se da areia, de repente, e disse:

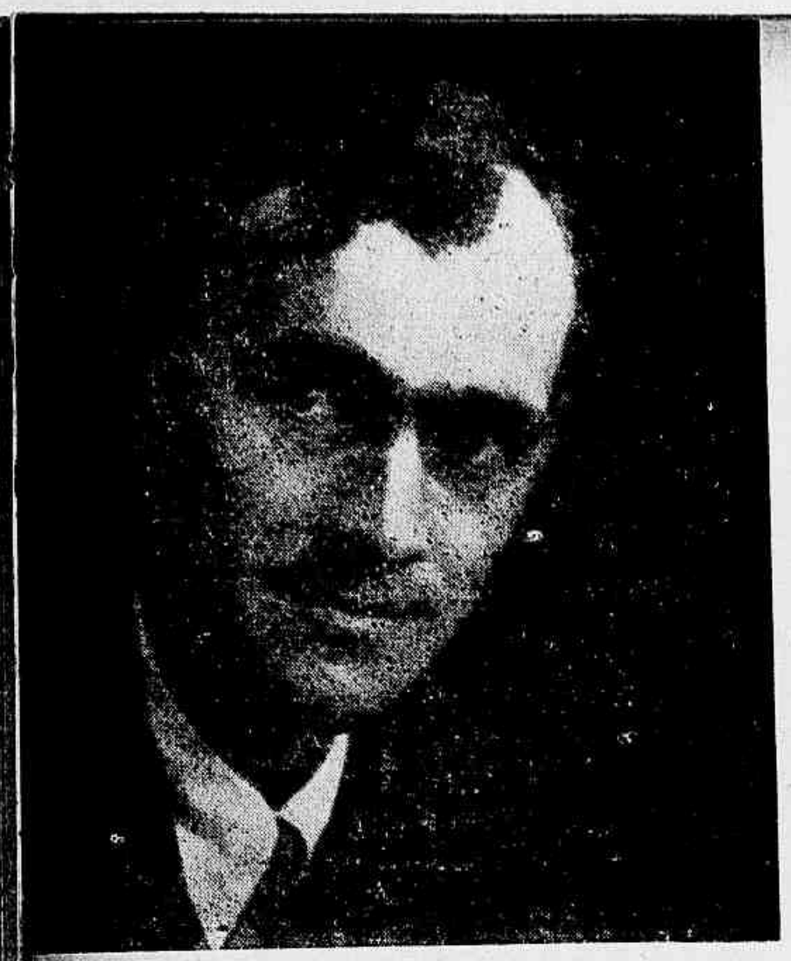
— Vou mergulhar.

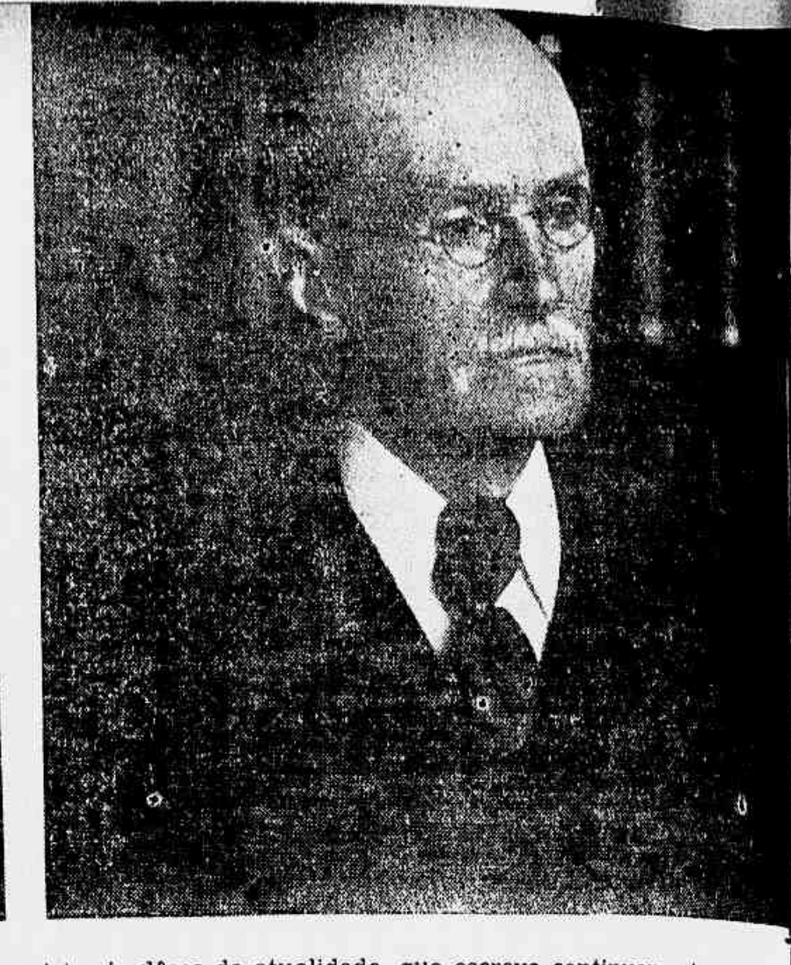
A tarde caía com um bafo quente do trópico. Mark foi caminhando lentamente, despiu-se e ficou um momento de pé, antes de mergulhar, à beira da água. Jim contemplava o corpo de Mark. A linha ampla dos ombros ia-se estreitando até chegar aos quadris. A pele morena marcava os músculos que se retesavam no instante anterior ao mergulho. Depois uma curva graciosa e o corpo perfeito cortou a onda que vinha morrer na praia e desapareceu. Surgiu novamente, mais adiante, iluminado pela fosforescência das águas.

— Cuidado com os tubarões — disse Jim, e pôs-se a pensar em sua gente, seu lar, sua mulher.

Sem compreender bem, a princípio, o que estava sentindo, êle começou a sentir na bôca um gôsto da terra sêca de sua fazenda. E lembrou-se do açude. Recebera, naquela mesma tarde, a notícia de que seu filho nascera, e imaginara, vendo o corpo atlético de Mark cortar as águas, que o menino, anos depois, também iria hesitar, assim, à beira do açude numa noite

(Continua na pág. 54)





Na gravura acima aparecem, da direita para a esquerda, os intelectuais Robert Lynd o mais sábio e o mais dedicado dos ensaistas inglêses da atualidade, que escreve continuamente, demonstrando cada vez maior amor pela arte a que se dedicou; J. B. Priestley, que parece haver abandonado os ensaios ocasionais pelas polêmicas profundas; e o prof. Gilbert Murray.

VOLTAM A ESCREVER OS INTELECTUAIS INGLÊSES

(Copyright B. N. S. — Especial para a REVISTA DA SEMANA)

E' muito difícil medir as realizações literárias dos últimos seis anos nos países afetados pela guerra. Quase a totalidade dos jovens escritores esteve dedicada a algum serviço militar e, desta forma, muito pouco tempo sobrava para os trabalhos intelectuais. Entretanto, êste período é digno de ser lembrado principalmente pelo fato de que marca o início de uma nova época. Enquanto as livrarias estão abarrotadas de jóias do passado, o ar está pando de promessas para um futuro muito próximo...

O ZENITH DA FICÇÃO

Como sempre acontece nas épocas de depressão, o povo inglês buscou as novelas de conteúdo leve, especialmente as histórias de detetives, as quais se espalharam grandemente, sendo apenas restringidas pela escassez de papel. Evelyn Waugh é uma das figuras mais proeminentes no seio dos jovens escritores sofisticados. Outro novelista relativamente moço é Gerald Kersh, que se dedicou ao "short-story" e cujos melhores trabalhos estão incluidos na coleção intitulada "The Horrible Dummy". H. E. Bates mereceu novos lauréis por seu livro de histórias sôbre a RAF, escrito sob o pseudônimo de "Flying Officer X". Aldous Huxley escreve mais esporadicamente agora, estando concentrado, assim como muitos outros escritores eruditos, mais em história e em polêmicas do que na ficção. Gerald Bullett, que alcançou fama alguns anos atrás com a sua encantadora novela "The Pandervils", rettornou ao estilo de novelas, após um interlúdio de poesia, com "The Elderbrook Brothers".

Os novelistas em geral estiveram muito ativos durante os anos de guerra, e produziram mesmo alguns de seus melhores trabalhos. Notável entre êles é Joyce Cary, que em "To Be a Pilgrim" e "The Horse's Mouth", adicionou dois temas novos à ficção inglêsa e escreveu histórias de extraordinária beleza, bom humor e tragédia. Somerset Maugham, famoso no mundo inteiro por suas novelas, provou com seu último livro "The Razor's Edge" que nem a idade nem a guerra diminuiram a intensidade de seu gênio. A morte trágica de Virginia Woolf elevou Rose Macaulay ao pôsto de maior escritora inglêsa. Francis Brett Young, que escreveu histórias tão intensas como em "The City of Gold" e "They Seek a Country", contribuiu também com sua parcela de trabalho para atender à imensa procura que a ficção encontra na Inglaterra de hoje.

Aliás Brett Young adquiriu a maior parte de seu prestígio atual com um poema cíclico denominado "The Island", onde ela criou a primeira poesia épica da história inglêsa. Manejando uma narrativa altamente dramática e um verso finamente acabado, ela compôs a crônica da evolução britânica desde os tempos romanos até 1940. Os seus contemporâneos John Masefield (poeta laureado) e Walter de la Mare, que assistiram ao passamento de alguns de seus amigos, entre os quais W. B. Yeats e Lawrence Binyon e, o mais triste de todos, Humbert Wolfe, autor do grande poema "Requiem", produziram intensamente neste período, aumentando assim o já impressionante volume de suas obras. Edmund Blunden e os três Sitwells continuam escrevendo poesia, apesar de que Osbert Sitwell tem devotado suas energias à autobiografia e à crítica de arte.

OS POETAS DA NOVA GERAÇÃO

Entre os novos poetas, alguns dêles ainda alcançarão considerável nomeada, bastando para isso que haja um estudo mais judicioso de seu trabalho. Êstes jovens são mais sérios, mais honestos, mais profundos. Ruth Pitter é uma poetisa sutil e delicada, e seu último volume, "The Bridge", publicado há alguns meses atrás, contém alguns

Na foto abaixo, um recente retrato de Aldous Huxley, descendente de uma família de eruditos e produto típico da cultura inglêsa tradicional. Autor de grandes trabalhos de vulto como "Contraponto", "Sem olhos em Gaza", no terreno do romance científico, vem de abandonar completamente a ficção, dedicando-se também a estudos mais profundos dos problemas humanos.

de seus melhores poemas. David Gascoigne é o descendente espiritual dos grandes poetas místicos do século XVII. O seu estilo e o seu pensamento são entretanto pessoais e representam a mais alta manifestação da sobriedade e da sinceridade da juventude inglêsa. A guerra ceifou muitos poetas jovens e promissores, entre êles Stephen Haggard, Alan Lewis e — a maior perda de tôdas — Sidney Keyes, um menino de vinte anos que, em dois pequenos volumes, legou-nos versos de uma qualidade tão sublimada que são suficientes para assegurar-lhe um lugar permanente nos anais da literatura.

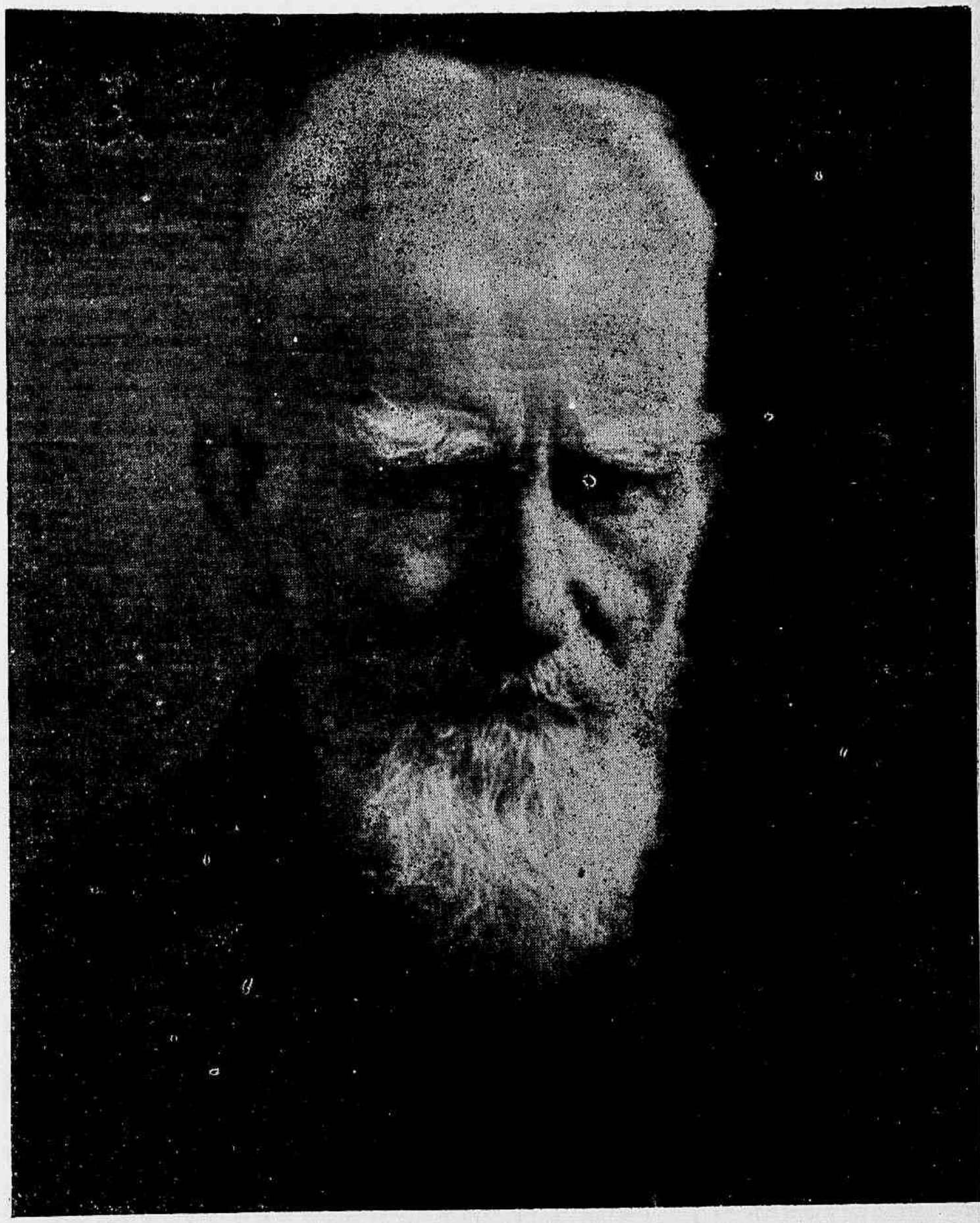
A última década foi rica em ensaios e crítica literária. Notabilizaram-se em crítica C. S. Lewis, da Universidade de Oxford, e J. M. W. Tillyard, de Cambridge. Entre os críticos jornalistas, citemos V. S. Pritchett e Charles Morgan, sendo que êste ensaista recentemente publicou um livro intitulado "Reflections In A Mirror". Entre os críticos teóricos está o notável professor I. A. Richards. Richards é conhecido como sendo o inventor do "Inglês Básico", uma espécie de língua franca que auxiliaria as comunicações formais e o intercâmbio comercial entre tôdas as nações.

OS ENSAISTAS

Entre os ensaistas, Robert Lynd, o mais sábio e mais dedicado de todos, escreve continuamente. Harold Nicolson, mais urbano, publica um trabalho semanal no "Spectator". Sir William Beach Thomas, naturalista veterano e mestre da língua inglêsa, ainda conserva os modismos da província bretã. H. J. Massingham é um ardente homem do campo que defende o retôrno aos hábitos e à vida sadia da labuta rural. H. M. Tomlinson e J. B. Priestley parecem ter abandonado os ensaios ocasionais, em busca de polêmicas e pesquisas, e ambos sabem fazer uso de sua pena persuasiva quando se trata de defender um ponto de vista.

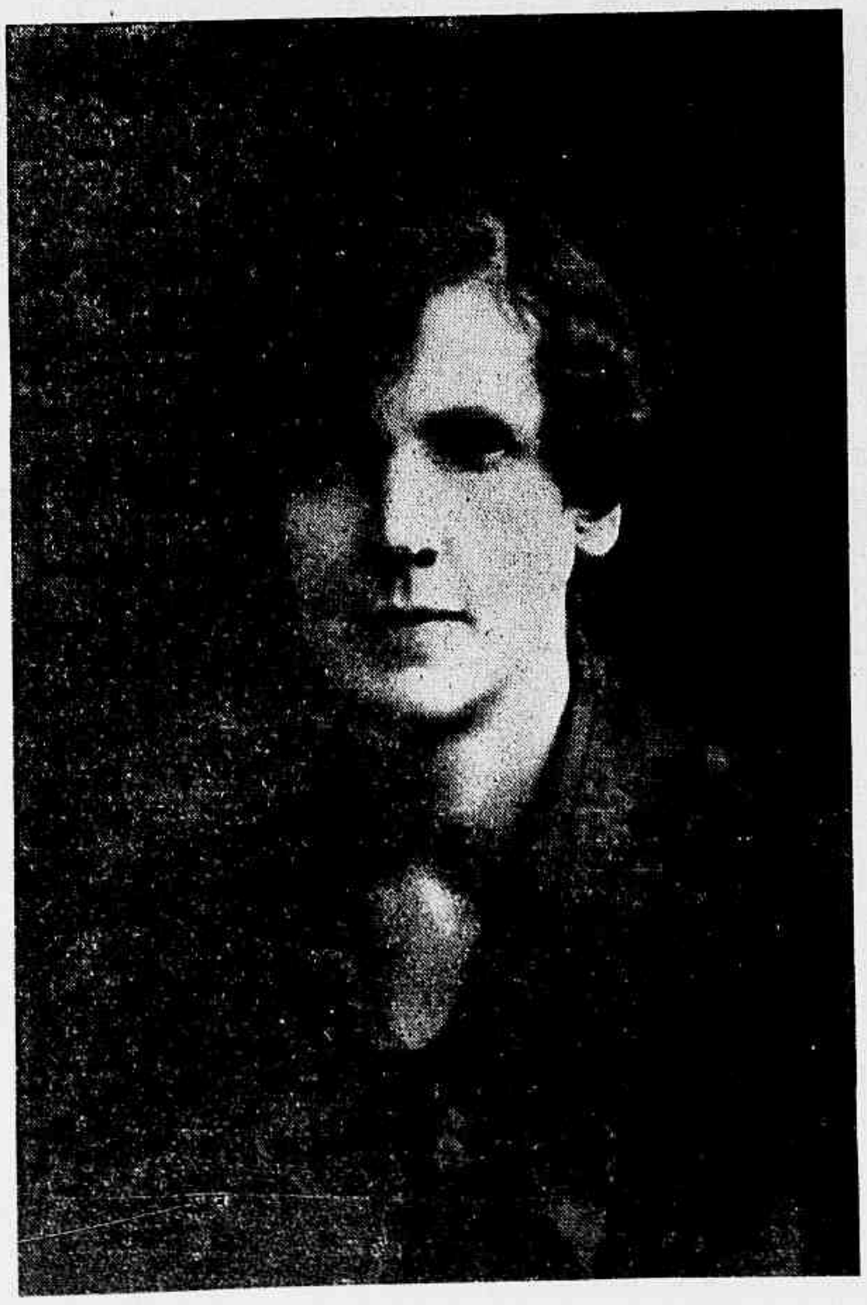
Priestley abraça, com sua versatilidade, quase todo o campo da literatura; é um novelista de bastante valor e, nos últimos anos, firmou sua reputação de dramaturgo. Êle tentou constantemente transferir para o palco o tema de uma sua polêmica que versava em tôrno do aspecto filosófico do tempo como quarta dimensão. Além de Priestley, as figuras principais do drama inglês são James Bridie, Noel Coward e Emlyn Williams. Bridie é mais conhecido por "Tobias And The Angel", "Jonah And The Whale" e "The Sleeping Clergyman", e Noel Coward alcançou enorme sucesso com "Blithe Spirit" e "Private Lives". O drama leve tem o seu melhor representante em Ivor Novello, e dos dramaturgos mais antigos, Somerset Maugham anunciou a sua aposentadoria, porém Laurence Houseman continua a redigir os seus graciosos trabalhos inspirados em temas bíblicos. Bernard Shaw continua a escrever tão triunfantemente quanto fazia a cinquenta anos atrás. G. B. já atingiu os noventa anos de idade.

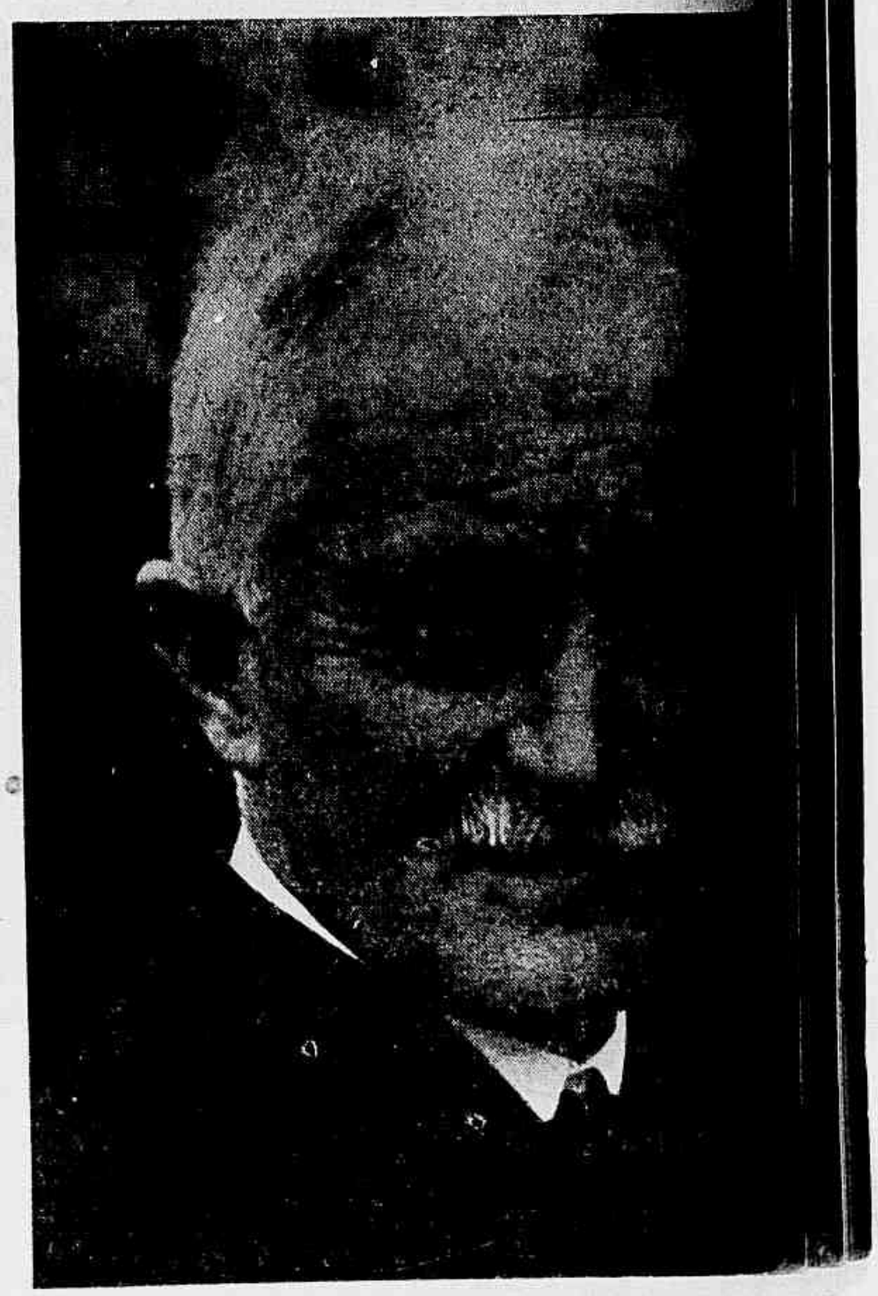
Um sumário tão breve quanto êste não nos poderá dar uma idéia real da vitalidade e da promessa que residem na literatura inglêsa. Podemos entretanto predizer, com segurança, que a tristeza da guerra e o estímulo da vitória influenciarão os artistas da pena de modo a que produzam obras sem paralelo no passado.



Bernard Shaw, o admirável pesquisador da alma humana, o grande de "Pigmalião", que sempre pôs a nú tudo o que pode observar pelo buraco da fechadura. Agora está já nos últimos momentos de sua existência gloriosa. Êle, o maior irlandês vivo, declarou há pouco, recusando o convite para um banquete em Dublin: "Estou tão velho, tão acabado, tão magro, tão sumido, que a minha falta não será notada". Mas nunca deixará de ser notada a falta de Bernard Shaw.

Da esquerda para a direita: o professor Trevelyan; **Rose Macaulay, que a morte trágica da saudosa e imortal Virginia Woolf colocou como a maior escritora viva da língua** inglêsa, e que continua a doar à literatura universal as suas grandes obras de ficção; finalmente, John Masefield, um dos maiores poetas inglêses contemporâneos.





MULHERES QUE O MUNDO NÃO ESQUECEU

GEORGE ★ SAND

"Choro a morta e saúdo a imortal", foram as palavras de Victor Hugo que Paul Maurice leu no momento em que o corpo de George Sand baixava à sepultura. Foi a 8 de junho de 1876 e contava a morta 72 anos de idade.

George Sand, ou melhor Amantina-Lucilia-Aurora Dupin, nasceu em Paris em 1804. Era bisneta de Mauricio de Saxe, filho do rei da Polônia e ainda, pelo lado materno, era prima de Luiz XVI, Luix XVIII, Carlos X e também parenta de Guilherme I e Guilherme II.

No entanto, seu nome não ficou na história devido a todo êsse parentesco real, mas ao seu talento, à sua obra, às suas aventuras romanescas e complicações sentimentais.

"Sofri muito tempo, enganei-me algumas vêzes, porém amei", é uma significativa frase de George Sand, aproveitada mais tarde por Musset numa das suas comédias.

George Sand numa tela de Delacroix

Um medalhão com a efígie de George Sand, de autoria do grande escultor David

Os dois maiores "casos" amorosos de George Sand foram Alfred Musset e Frederico Chopin.

O primeiro ela não quis a princípio, mas acabou fascinada por êle. Tiveram momentos de grande exaltação e felicidade, mas tiveram, também, horas bastante amargas Musset, ciumentíssimo, fazia cenas terríveis. Por diversas vêzes ela teve que refugiar-se em Nouhant, mas as cartas inflamadas de Musset conseguiam sempre uma reconciliação. Certa vez foram à Itália; Musset adoece; o médico que o trata, Pietro Pagello, encanta-se pela estrangeira mas não tem coragem de confessar seu amor. Musset insulta George Sand, acusa-a de traí-lo no seu leito de morte; revoltada e já apaixonada, George Sand cai nos braços de Pagello, com quem regressa mais tarde a Paris, deixando Musset na Itália.

Não dura muito, porém, o seu romance com Pagello. Em Paris, o médico se acha abandonado e acaba por regressar à pátria.

Novamente a reconciliação com Musset e em seguida outra fuga para Nouhant.

Desta vez era o fim. George Sand deixa-se absorver pelo trabalho. Produz muito. Volta a Paris para tratar do seu divórcio com Casimiro Dudevant, homem indigno, que lhe escrevia cartas afetuosas mesmo durante a sua ligação com Musset e Pagello. Depois de muita luta George Sand ganha a causa, ficando com seus dois filhos, Solange e Mauricio.

Sua segunda grande ligação sentimental, com Frederico Chopin, durou oito anos.

Conheceu-o numa reunião em casa da condessa Marliani. Obrigada a partir para Nouhant, escreveu a Liszt, que também fôra seu "caso", que lhe levasse Chopin. "Diga-lhe que o adoro", "que o idolatro", escrevia ela a Liszt. Finalmente conseguiu o

(Continua na pág. 53)

A FILOSOFIA DO RISO
NA OBRA DE BERILO NEVES

De Demócrito dizem que ria da estupidez humana. E' êsse um sorrir de desprêzo e uma das menos louváveis formas de o fazer.

Rir, porém, é ainda sábia maneira de encarar os problemas da vida.

Sinal de superioridade, revela, sem dúvida, fortaleza de ânimo, ante os múltiplos obstáculos que ao homem se lhe deparam, no curso dos acontecimentos de cada dia.

Diversas, diversíssimas são, na realidade, as modalidades do rir.

Um sorriso existe que é o maior encanto da terra, que nos comove e enternece, por sua candidez e inocência — aquêle que esboçam lábios infantis.

O sorriso da mulher amada é uma divina promessa; celestial o da Mãe que se curva diante do níveo berço do filhinho.

Há o estertorar satânico do ódio, a hediondez diabólica daquele que prorrompe em gargalhadas de vingança.

Distância infinita medeia entre o riso compassivo e bom do ancião, cheio de sabedoria e experiência, e o do néscio, que ri inconsequentemente, sem causa nem propósito.

★

Terrível arma é o rir, e invencível se torna aquêle que sabe manejar os dardos encerados da ironia.

Quem não temeria as farpas ponteagudas de Fialho ou quem haverá de querer envergar a ridícula casaca dos Acácios?

Quixote e Sancho são figuras imortais, porque haverão de eternamente provocar o nosso riso, um com suas atitudes inesperadas, com as suas arrancadas contra empecilhos imaginários, com o seu idealismo desfigurado e caricatural, e o outro com a sua filosofia simples e humana.

★

Na literatura brasileira, entre os autores que elegeram o riso como tema dominante de suas obras, merece, por sem dúvida, lugar de relevância a inconfundível individualidade de Berilo Neves.

Cronista brilhante, de sagacidade aguçadíssima, sabe, como ninguém, aproveitar fatos ridendos da vida quotidiana, para transformá-los em deliciosas páginas, que lemos com sofreguidão e enlêvo.

Assuntos os mais vulgares e corriqueiros, sua interpretação personalíssima converte-os em matéria jornalística palpitante, que vai assumindo crescente interêsse, à medida que sôbre ela discorre.

Estilo terso, incisivo e forte, suas conclusões, apesar da verdade que contêm, ou talvez por isso, são, às vêzes, as mais imprevistas, provocando inevitavelmente o nosso riso.

Estacamos, diante de suas frases, como atônitos pela audácia de suas asserções e pela singularidade gritante dos conceitos.

Suas verdades, dí-las sem rebuços, abruptas, atrevidas e... sensatas.

Lança-nos em rosto antíteses ousadas e arrasta-nos incoercivelmente ao vórtice de suas ilações, paradoxalmente exatas.

Passear os olhos e o espírito por sua já numerosa bibliografia é termos a certeza de deliciar-nos com um escritor elegante, de amplos recursos, de estilo peculiaríssimo, com quem é impossível permanecer em contacto, sem experimentarmos uma sensação de euforia, pelo bom humor que a seleção de seus temas inspira, pela finura de sua arte, pela suavidade rítmica de seus períodos.

Um dos traços característicos de sua individualidade literária é sua atitude intelectual acêrca do belo sexo, contra o qual investe sempre mordacíssimo.

Levanta-se entre ambos irredutível antagonismo. E' uma guerra aberta e implacável, que reponta em tôdas as obras do perito dissecador da psicologia feminina.

Reduzida a mulher a simples "costela de Adão", equiparada a nugas e... "outras bobagens", faz-lhe a suprema afronta de a colocar em paralelo com a personagem simbólica do mal.

E, no desairoso confronto, é ao Diabo e não à mulher que a vitória sempre sorri e afaga.

Mas não deis crédito a essa guerra simulada, a êsse duelo artificial entre o originalíssimo beletrista e o alvo predileto de sua perfídia, que isso é uma luta meramente teatral, para diversão e gáudio da assistência.

JOSÉ ARRAES DE ALENCAR

(Continua na pág. 58)

RENASCE O CINEMA FRANCÊS

Perdido durante seis longos anos na sombra da ocupação alemã, renasce agora o cinema francês. Os filmes que estão sendo produzidos em Paris trazem ainda a marca da velha e imorredoura arte francesa, a fotografia em lusco-fusco, o aproveitamento amplo do jôgo do preto e do branco, que sempre caracterizou os grandes celulóides da terra gaulesa.

Muitos dos atores, produtores e diretores das novas películas são antigos combatentes saídos das colunas das F. F. I. e dos exércitos de De Gaulle, que trouxeram para a tela tôda a experiência realista conquistada nas trincheiras. Desta nova geração de artistas cinematográficos muito se espera, como se espera também das futuras produções dos artistas da velha guarda, que com certeza agora, terminada a guerra, voltarão à tela, em novas criações.

Uma das últimas novidades do cinema francês é a terminação da filmagem de "A Fazenda do Enforcado", uma produção rara em seu gênero. Trata-se de um romance passado nas terras pantanosas da Vendea, do qual se aproveita o novelista Gilbert Dupé, autor do livro que serviu de argumento para a película, para fazer um estudo profundo da vida dos camponeses daquela região.

Dirigido por Jean Deville, o filme mostra todo o drama da gente campesina da Vendea, descrevendo-lhe a vida com minúcia, através de cenas de grande intensidade.

Nesta página reproduzimos duas passagens do novo celulóide "A Fazenda do Enforcado", que vem marcar a "rentrée" do grande cinema francês nas salas de projeção de todo o mundo.

NOS BASTIDORES FEMININOS

RITA HAYWORTH (Columbia)

INICIA-SE no terreno da moda um período revolucionário. Já não existem mais as restrições que haviam sido impostas pela guerra, e tanto as mulheres como os grandes desenhistas estão ansiosos por sair da linha reta, que desde há alguns anos vem sendo usada.

O movimento de inovação teve a sua origem em Paris, e naturalmente New York teve que acompanhá-la para não ficar para trás.

Um dos detalhes de maior evidência é a largura da saia. Paris recomenda, e as nossas elegantes já estão usando saias bastante amplas, com "godets", plissados, pregas e franzidos. A cintura é bem mais baixa, e desa forma a amplitude da saia não prejudica a silhueta das que são um pouco mais fortes.

Outra mudança radical foi a sofrida pelas mangas; estas já não são tão simples, notando-se a volta das mangas "bouffants", presunto", etc. Há também uma forte tendência para o arredondamento dos ombros, mas nesse ponto New York ainda não cedeu, e continua apresentando seus ombros bem armados. Cintos trabalhados, botões, viezes, bordados, tudo isto está sendo usado para enfeitar os novos modelos de Paris.

Uma coleção de lindos modelos chegados há pouco da grande cidade, nota-se a ânsia da novidade, da originalidade e do "chic", que há em todos os figurinistas franceses.

E' uma boa notícia, sem dúvida, que a carioquinha elegante receberá com prazer: Paris está chamando!

Kitty

DE PARIS

★

A disputa est ciada. Nova York proc onser-var o cetro da ancia que havia conqu o du-rante a guerra. s, por sua vez, procura nquis-tar o que sempr e per-tenceu. Lucram n isso as elegantes do do in-teiro, que terão n cria-ções maravilhos ro re-alçar suas bele

Vestido inspirado nas antigas figuras da Grécia. Êste suntuoso modêlo é feito em "peau d'ange" branco, sem qualquer enfeite senão o seu próprio "chic". Pregas drapeadas nos quadris e no busto, apanhadas sôbre um só ombro. Saia pregueada de um lado. (Foto S. F. I.)

E' a escultural Adele Jergens, a nova "descoberta" da Columbia, quem dá a replica de Nova York, ostentando êsse luxuosíssimo modêlo de lamé prateado, formando curioso drapé sôbre o busto e na cintura. Detalhe de grande originalidade é o da manta que é enrolada ao pescoço, prêsa num dos lados por vistoso clips de pérolas e pedras. A saia é em forma, mas não tão ampla como pretendem os figurinistas franceses. Cabe à leitora escolher. Paris?... Nova York... Quem vencerá?

DE NOVA YORK

PENTEADOS MODERNOS

E' Anita Louise, essa figurinha de biscuit, quem sugere às nossas leitoras mais uma modalidade para o penteado alto. Nesses dias de calor, só cabelos curtos ou penteados para cima, e para as que preferem os últimos, aí está a sugestão de Miss Louise.

Ao alto — Anita Louise mostra como prende um "boucle" com a travessa, deixando-a depois inteiramente oculta.

Em baixo — O penteado de Anita Louise visto de frente. E' repartido ao meio e forma dois "boucles" de cada lado.

À direita — Visto de lado, êste penteado é ainda mais bonito, realçando ainda mais o perfil bonito da conhecida "estrêla". (Fotos Columbia)

UMA CEGONHA EM SEU NINHO — Apenas uma cegonha filósofa medita em seu ninho, sôbre as ruinas da pequena aldeia de Ostheim, no alto Reno, que as tropas alemãs dinamitaram inteira, na ânsia da retirada forçada. Aqui viveram felizes muitos franceses, até que as hordas nazistas marcharam triunfalmente pelas ruas pobres, em passo de ganso. Em primeiro plano, trilhos de estrada de ferro, e, ao fundo, uma tôrre, em cujo cimo a cegonha fez seu ninho. E êsse animal, prenunciador da procriação humana anuncia uma vida nova para a aldeia de Ostheim.

DUAS MÁRTIRES SECULARES

EDOUARD HELSEY

(Copyright do Serviço Francês de Informação para a REVISTA DA SEMANA)

Manhã triste de inverno Um vento frio e cortante varre o campo. Por um momento, com o coração opresso, contemplo a chuva castigar furiosamente as ruinas.

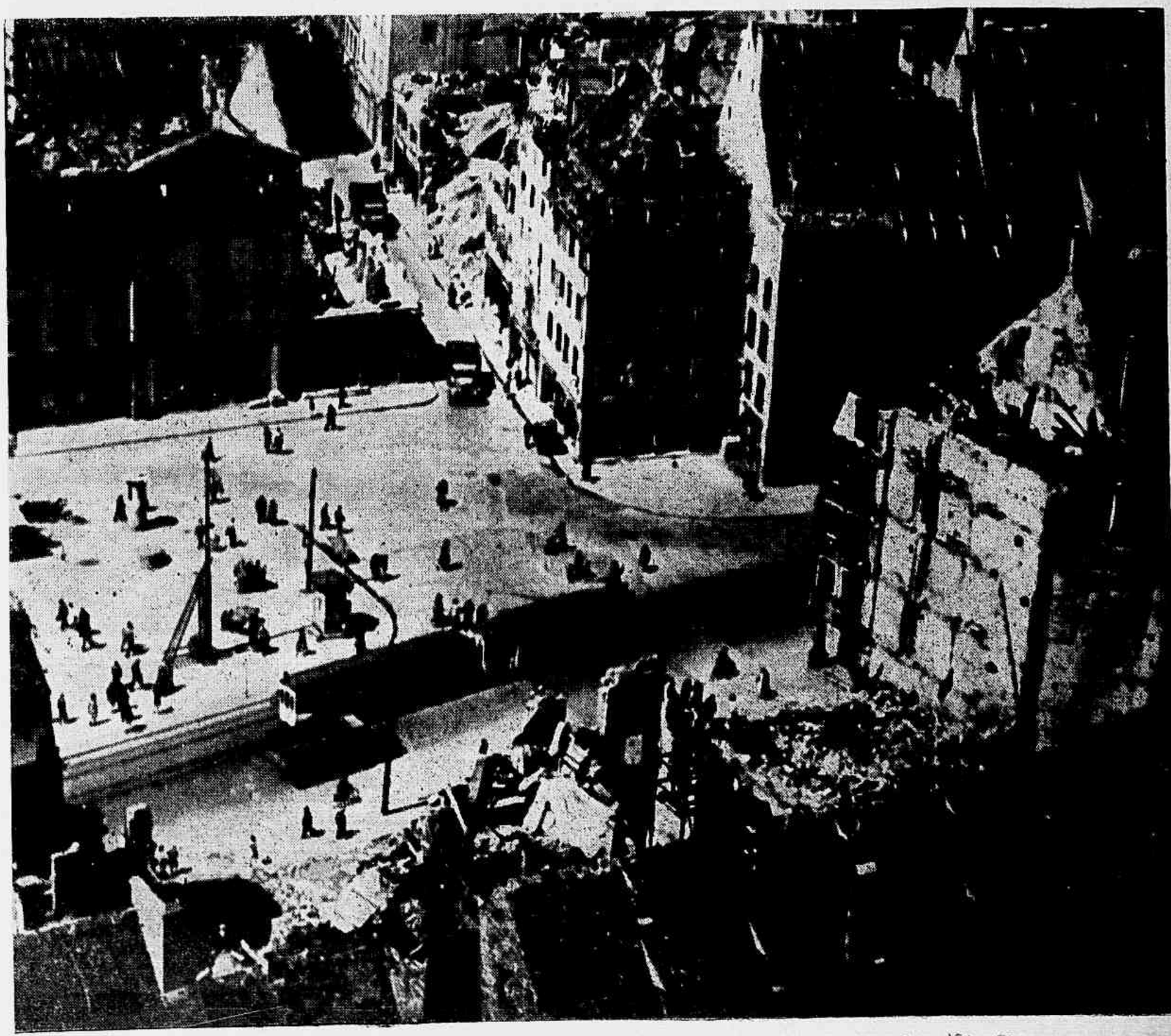
Aqui se erguia outrora uma vila próspera e feliz, Ostheim, sempre ridente e alegre junto às videiras. E hoje? Dela não resta mais que isto: um montão de escombros. Minto! Ali no alto, num oscilante galho partido que pende sôbre êsse montão de ruinas, uma cegonha reconstruiu seu ninho, mais feliz que os antigos moradores de Ostheim, que quase não podem imitar seu exemplo. Tudo lhes falta: materiais, ferramentas, mão de obra. Pode-se, em certos casos, aproveitar alguns prisioneiros alemães. Mas sob a condição de alimentá-los, o que não é fácil quando já existe tanta dificuldade para conseguir o que comer. (E, acreditai, o amargor da derrota não tirou o apetite a êsses alegres **feldgrau!** Diante dêsse espetáculo chega-se a pensar que nenhuma solução haveria, para tanta gente sem lar, senão cruzar os braços à espera de um melhor futuro.

Pois bem, tal não ocorre! Aí vem, arrastando os tamancos, uma mulher envelhecida não pela idade mas pelos sofrimentos. Debilitada, emagrecida, ela se aconchega, friorentamente, a um ordinário chale de algodão preto. Perdeu sua casa, seu marido, seu filho. Resume, na sua humilde silhueta, tôdas as aflições que oprimem êste pedaço de terra. Mas ela não está aqui para chorar. Com as mãos descarnadas, completamente só, ela desentulha a sua cêrca. Com a obstinação da própria formiga, ela arruma, à orla do caminho, os blocos desmoronados, mais pesados que ela mesma.

Não há palavras para descrever a pertinácia no trabalho desta raça ferreamente ligada à sua terra. A êsse respeito, é sobretudo nas aldeias que o espetáculo se revela mais pungente. Infelizes cons-

(Continua na pág. 58)

EM STRASBURGO, 1946 — Da catedral de Strasburgo, o fotógrafo conseguiu êste magnífico aspecto da praça Gutenberg, que já viu os horrores de três ocupações prussianas. Sôbre êste solo revolvido pisaram os soldados de Bismark, do Kaiser e de Hitler.



O estranho caso de Mary Pask

Conto de EDITH WHARTON

SOMENTE agora, que me acho completamente restabelecido, posso contar esta história. Antes, qualquer idéia que eu pudesse associar com aquela visita enchia-me de terror. Pode parecer ridículo que um homem da minha idade ainda acredite em almas do outro mundo. Mas, que outra explicação há para o caso que passo a contar?

Quando deixei a América, Amanda Bribgeworth me recomendou: "Não se esqueça de passar na propriedade de minha irmã... na França". Mas, infelizmente, eu não pude ir até a França. Fiquei doente na viagem e voltei para a minha pátria, sem ter visitado Mary Pask. Amanda, naturalmente, não me censurou. Ela e Horace trataram de mim com a dedicação de dois grandes amigos.

Finalmente recuperei minha saúde abalada e dispus-me a completar minha visita interrompida à Europa. O clima do sul da França era ideal para a convalescença. O médico me aconselhou que repousasse o mais possível e me dedicasse a algum passatempo leve. Levei minha caixa de tintas, que há muito tempo não abria, e decidi pintar algumas paisagens francesas.

Foi numa tarde de outono que um pescador me lembrou o nome de Mary Pask.

— Por que o senhor não vai ao Cap Morgat?

— Aonde?

— Ao Cap Morgat. Lá é fácil achar paisagens bonitas.

— Mas... é muito longe?

— Uns quarenta quilômetros.

— Fica muito longe... Há um albergue lá?

— Não. Mas há uma senhora que aluga quartos na casa dela. Mary Pask.

— Mary Pask? Mas... mas eu a conheço!

— Pois ela mora lá.

— Nesse caso irei lá, hoje mesmo.

— O senhor quer que mande arranjar um cavalo?

— Sim. Partirei esta tarde.

★

A caminho pensei em Mary Pask. Ninguém sabia por que ela viera esconder-se naquele recanto da província francesa. Quando a irmã casara, Mary abandonara a pátria e fôra residir ali. Não faltou quem fizesse mexericos afirmando que ela ficara desgostosa com o casamento. Alguns atribuiam isso ao fato de que ela não simpatizava com Horace — o que é incrível; outros diziam que o motivo era outro e que ela o amava mais do que a irmã, o que também era inacreditável. Somente quem não conhecesse Mary bem intimamente poderia pensar numa coisa dessas. Nunca houve maior vocação para solteirona neste mundo do que Mary Pask, que desde mocinha já revelava tendência para as manias de solteirona, refratária ao casamento. Tudo isso eu recordava a caminho da casa dela, e, não sei por que estranho motivo, somente quando estava quase a chegar em Cap Morgat lembrei-me do fatos mais importante: Mary morrera!

— Ela morreu, meu amigo! Ela morreu!

Lembrava ainda os olhos cheios de lágrimas de Amanda quando me dera a notícia. Pouco antes de partir para a Europa eu fôra visitá-la, e ela me anunciara que Mary falecera.

— Ela morreu!

Mas, nesse caso, não posso vê-la. Ela está morta. Por que o pescador me deu seu endereço? Naturalmente, há muito tempo não visita a cidade e pensa que ela ainda vive... As comunicações por essas bandas são muito deficientes... Mary Pask morreu.

Entretanto, estava eu a caminho de sua casa. Enfim, já que estava quase a chegar, de que me adiantava voltar atrás? Iria até lá. Talvez alguém me acolhesse. E sobra-me tempo para voltar, caso resolva não ficar na povoação.

— Quanto falta, pergunto ao guia, que me acompanhava.

— Uns dois quilômetros.

— Vamos!

★

Subitamente, porém, o nevoeiro baixou sôbre a estrada como um lençol bruscamente estendido sôbre nós. Não se via mais nada e respirava-se a umidade do ar. O guia estacou:

— Creio que não devemos continuar.

— Mas... onde ficaremos? Aqui?

— Não sei se é prudente ir mais longe. Certamente não estamos equipados para acampar. Mas, prosseguindo, há um grave perigo: podemos perder a direção. Nesse nevoeiro...

Insisti com o guia.

— Vamos. Não podemos ficar aqui. E' melhor arriscar.

— Bem, o senhor é quem diz...

O homem estava ainda relutante, porém.

— Tem medo de ir?

O orgulho do camponês sentiu-se ferido

— Não senhor!

— Então vamos.

★

Um avanço lento, dada a escuridão, e que durou duas horas levou-nos finalmente à povoação.

(Continua na pág. 52)

EMILIA e JOÃO, filhinhos do dr. João Pires Seabra e de sua espôsa d. Maria de Lourdes Seabra.

FIGURAS E FATOS

ENLACE ALVARENGA LAGE-SOUZA PINTO — Esta foto foi feita por ocasião do enlace matrimonial da sta. Luiza Alvarenga Lage com o sr. Rubens Souza Pinto, da sociedade de Presidente Vargas.

UMA BELA SOBRINHA DE TIO SAM — Esta beldade americana, uma das 10 finalistas do concurso há pouco realizado para a escolha de "Miss Stardust", tem em seu cartel uma vitória ainda maior e mais original. Foi ela a senhorita mais votada no grande pleito organizado na base naval de San Bruno, California para saber "qual a pequena que você gostaria de pendurar em sua caixa de correio?". Trata-se de Miss Betty Young, natural de St. Louis e da sociedade de Nova York.

O NOVO INTERVENTOR DO RIO GRANDE DO NORTE — Entre as mais entusiásticas expressões de júbilo popular, tomou posse do cargo de Interventor Federal no Rio Grande do Norte o sr. Ubaldo Bezerra de Melo. Na gravura aparece o novo governador do próspero Estado nordestino quando pronunciava o seu discurso de posse.

Porque o espêlho não pode revelar o seu "Inimigo Invisível" a acidez bucal de origem bacteriana

Mas, se a acidez bucal de **origem** bacteriana não fôr **evitada**, pode sobrevir a **cárie**.

Para combater êsse "Inimigo **Invisível**" *você precisa limpar os dentes regularmente.* Use o Creme Dental Squibb, **que** é algo mais do que um **simples** dentifrício.

O Creme Dental Squibb limpa os dentes com segurança e eficiência, deixando na bôca uma sensação agradável de limpeza e frescor. O Creme Dental Squibb contém Leite de Magnésia Squibb, cujo contato contribui para a neutralização dos ácidos da bôca.

CREME DENTAL
SQUIBB

Livros

A CONQUISTA DA TERRA, por Wilhelm Treue, tradução de J. de Matos Ibiapina — Edição da Livraria do Globo — *Porto Alegre, 1945*.

E' a história de todos os descobrimentos, assim como das aventuras daquêles que assinaladamente atravessaram ou atingiram regiões ainda desconhecidas do nosso globo. Pelas páginas dêste livro desfilam os navegadores e os desbravadores; os primeiros civilizados que viram as terras bravias ou habitadas por ignota gente, e os que as penetraram, delas se assenhoreando para as doarem à comunhão humana. Sucedem-se os sábios, os heróis, os religiosos e toda sorte de inspirados. Levam uns a inteligência, outros a intrepidez, outros a fé. E por essas tres conquistas o homem conhece o mundo e se revela a si mesmo.

O livro não segue englobadamente a ordem cronológica. Separa os continentes, consagrando a cada um as narrativas de guerra, de viagem, de expedição, de todos os acontecimentos que poderiam ter influido para a sua inclusão na vida universal. Começa patenteando como a "conquista" da Terra partiu da Europa e como esta, rigorosamente falando, não foi conquistada nem descoberta pelos europeus. No capítulo "O que os antigos sabiam da Asia", cita Heródoto, fala das Guerras Pérsicas, das expedições de Alexandre e recorda as narrações de Ptolomeu; das "Viagens da Idade Média", com as cruzadas, as missões cristãs, passa ao "Pórtico dos tempos modernos", relembrando Vasco da Gama, Fernão Mendes Pinto, São Francisco Xavier; trata da Insulíndia (Malásia ou Arquipélago Indico) com a Companhia das Indias Orientais; do Japão, com os portuguêses, espanhois e holandêses; da China, da Asia Central; e encerra esta parte da obra com o Himalai, os seus pioneiros, e as evoluções do primeiro avião que dominou o Everest. Na parte da Austria, volta a ocupar-se de Vasco da Gama, depois de se referir à circumnavegação do Rei Nechou, ao cartaginês Hanno, a Henrique ,o Navegador (Infante D. Henrique) e a Bartolomeu Dias. Segue-se a América Central e do Sul, com os nomes, entre muitos outros, de Cristóvão Colombo, Pedro Alvares Cabral, Gernão de Magalhães; e sobre a América do Norte, a Austrália e Oceânia e o chamado Sexto Continente, outros capítulos dão as expedições, os combates, as missões religiosas, as embaixadas científicas, todas as aspirações, todos os empreendimentos, toda a glória dos precursores da civilização ou daqueles que, entre vidas e culturas diversas, tentaram estabelecer o entendimento e a harmonia dos homens.

No capítulo "As explorações científicas", na terceira parte do volume, há quatro páginas consagradas a Cândido Rondon: "O general brasileiro Cândido Rondon — principia êsse texto — é um caso único entre os descobridores. Toda a sua vida cheia de trabalho e norteada pelo inabalável imperativo do dever, foi dedicada ao desbravamento da hinterlândia brasileira, ao aperfeiçoamento das suas estradas e vias telegráficas, ao avanço da civilização e ao mesmo tempo à protecção dos indígenas contra os excessos dela. Rondon merece tanto o apelido de "Civilizado do Sertão", que lhe foi conferido pelo Conselho de Geografia do seu paiz, como o outro, mais familiar, de "Pai dos Indios". Inúmeras homenagens lhe foram prestadas pelas sociedades geográficas de todos os paizes do mundo, em fórma de medalhas de ouro, grandes prémios, títulos de sócio honorario, etc. A seu respeito citemos apenas duas opiniões de grandes personagens. Paul Claudel, ilustre poeta e diplomata francês, disse de Rondon que "lhe dava a impressão de uma figura do Evangelho". E o Presidente norte-americano Teodoro Roosevelt, que atravessara o sertão brasileiro em companhia do destemido explorador, declarou, em sessão solene da Sociedade de Geografia de Nova-York, ao receber a medalha de ouro em reconhecimento dos seus serviços prestados no Brasil à Geografia e às Ciencias Naturais: "Tal distinção cabe antes a Rondon". Não se esquivando a essa ponderação, a dita sociedade conferiu a Rondon, em 1914, o Prêmio Livingstone". E, depois da transcrição duma passagem dos relatórios de Rondon, conclue o autor do livro: "De miríades de tais casos que, cada um por si só poderiam afigurar-se sem grande importância ,se compõe o grande edifício da Protecção aos Indios, obra imperecível que coloca Cândido Rondon no mesmo plano com outros grandes amigos do Selvagem, como William Penn ou David Livingstone".

A edição da Livraria do Globo vai a cerca de quinhentas páginas de vasto formato: e a tradução constitue valioso trabalho do Sr. J. de Matos Ibiapina.

* * *

PASSOS SEM DESTINO, versos de Paulo Aragão — *Ceará, Sobral, 1945*.

O Sr. Paulo Aragão deve ser muito moço, a julgar pela tristeza e o desânimo proclamados por estas páginas além. Em geral os poetas começam assim. Consideram superiormente belo e espiritual apresentaram-se ao universo — pelo menos a algumas centenas de leitores — como deserdados dos bens da vida e descrentes de qualquer favor ou sorriso do destino. Em tais condições, consideram que lhes não vale a pena procurar o melhor rumo pelas estradas dêste mundo. Que vão para a direita ou para a esquerda, entendem êles, nunca chegarão à terra da felicidade. Nem sequer à da resignação. E, por isso o Sr. Paulo Aragão não cuida de dar aos seus passos pròpriamente um destino. Deixa-se caminhar à tôa. Tal o pessimismo dos jovens poetas. Mas a maturidade, a perspectiva da velhice os tornará otimistas — à força.

Em estrofes de música sempre agradável e em que, não raro surgem belas imagens, o Sr. Aragão, se lastima de "uma angústia incomprendida", da ausência dum amor que não voltará; da amargura de reler velhos papeis, documentos de ventura perdida; de "os olhos ter em lágrimas imersos"; de, como a borboleta debatendo-se contra a vidraça, quebrar as asas do seu sonho "contra as quatro paredes do destino" de olhar para trás e soluçar; doutros infortúnios ou variantes dum infortúnio único e sem remédio: o que lhe inspira os versos e provavelmente fóra deles não chegará a existir...

Eis o soneto *Dia humano*:

Homem! a vida é para nós um dia,
cujas evoluções reproduzimos;
como, pela manhã, tudo sorria,
nós, moços, diante do futuro — rimos.

Do alto, pródigo, o sol fecunda e cria
e planta, a flor, os frutos mais opimos
Hora que a meditar impele e guia...
Defronte da verdade — refletimos.

Depois, o ocaso, o fim. Revaladouro
de crenças e ilusões... Aves de agouro
pousando, solitárias, sobre os ramos!

E nós, tremulos, tristes e sosinhos,
a tropeçar nas pedras dos caminhos,
olhamos para trás — e soluçamos.

Novos

PEQUENA HISTORIA DO CAFÉ NO BRASIL, por Afonso de E. Taunay, da Academia Brasileira de Letras — Edição do Departamento Nacional do Café — *Rio de Janeiro, 1945.*

Aquilo a que o Sr. Afonso de E. Taunay chama "Pequena história do café no Brasil" são nada menos de quinhentas e cinquenta páginas de vasto formato. Não deixa, porém, de haver acerto em tal qualificação. Tudo é relativo. Os cinquenta e quatro capítulos presentes resumem a obra do mesmo autor, composta de quinze tomos e com mais de seis mil páginas.

O Sr. Afonso de Taunay, pesquizador dos mais notáveis e senhor de métodos de organização e exposição que podemos considerar bem seus, leva, por via de regra, ao extremo os empreendimentos, quer no terreno literário ou histórico quer em qualquer outro campo cujo amanho dependa da erudição a serviço duma clara e destra inteligência. Os seus trabalhos ficam constituindo o esclarecimento mais amplo da matéria ou, como se costuma dizer, a última palavra sobre a questão. Enquanto não chega a êsse resultado máximo, não o satisfaz a tarefa nem êle a pode abandonar. Os seus estudos, tão variados como tema ou objectivo, que o *Jornal do Commercio* há já alguns lustros vem incluindo nos seus números de domingo, gozam da fidelidade dum público que vai da admiração à exigência, Se, por acaso, a série se interrompe, chegam cartas à redação, perguntando o motivo de tal lacuna e pedindo severamente cuidado — se houve falta dêle — para que o fato de não repita. E' com êsse prestígio, vindo da perfeita autoridade, que o ilustre acadêmico trata do advento do café ao Brasil e das fazes em que mais positivo se assinalou aqui o seu desenvolvimento. Em verdade, parte de bem mais longe: da origem do café. Logo, porém, no primeiro capítulo, chega à "Entrada do cafeeiro no Brasil". As últimas páginas dizem do valor da respectiva exportação até 1940. E, pela limpidez e apuro de toda a narrativa, bem patente se torna que o Sr. Affonso de E. Taunay "esgotou o assunto café" com prazer análogo ao que nós sentimos esvasiando as canequinhas do nectar incomparável.

* * *

LENDAS CRISTÃS, de Selma Lagerlof, tradução de Rosinha de Mendonça Lima, ilustrações de Armando Pacheco. — Editora "A Noite" — *Rio de Janeiro, 1945.*

Estes episódios, pelo menos tais como são narrados, não constam do Novo Testamento. Certas passagens são até contrárias ao que nos ensina o Evangelho. E de certo os sacerdotes de Cristo não as aprovariam.

São lendas. Inspiraram-se na lição da Bíblia, mas tomaram forma e beleza na sensibilidade dum povo. Contam aquilo que as imaginações simples vieram compondo, aformoseando, de família em família, nos lares piedosos. A mesma crença as anima, pura e comovida, mas a poesia lhes empresta o principal encanto. E' êste dom, esta magia que as torna adoradas pelas crianças — e pelas pessoas grandes. Sobre a verdade devota se erguem e nos seduzem as criações da fantasia. Aos personagens dos Livros Santos juntam, sentindo, amando, compreendendo, os sêres a que chamamos inferiores mas aos quais o Criador de todos não amará menos do que a nós próprios. Na história *O pintarroxo*, se conta a longa ansiedade da ave conirrostra, deliciosamente canora, porque, em desacordo com o nome, se via toda cinzenta, sem o mais ligeiro sinal doutra cor — e foi uma gota de sangue caída do peito do Crucificado que lhe tingiu as penas do peito, não própriamente de roxo, mas dum rubro vivo, luminoso e graças ao qual findou para sempre a angústia do passarinho. Esse mesmo conto nos fala dos tormentos do Burro, cujas orelhas crescem de cada vez que Nosso Senhor lh'as puxa, em castigo da sua distração e para o obrigar a aprender pelo menos o próprio nome; e a seguir vem a sentença lançada sobre a Abelha, sentença de morte desde que ela, ferozmente ciosa do seu mel, faça uso do ferrão contra quem lhe vá solicitar uma esmola daquele tesouro de delícias. Não só, porém, os animais, tembem as árvores, as plantas, as flores de passagem ou dominantemente figuram nestas criações do engenho anônimo que constituem a obra de toda a gente. Na *Fuga para o Egito* a protagonista é a Palmeira que verga a alta copa, milagrosamente cheia de tamaras, para alimentar a Sagrada Família perseguida e exausta. E no *Poço dos Tres Reis Magos*, a abantesma da Seca, já exultante, triunfante à beira dum poço quase extinto, é vencida pela piedade dos tres soberanos que mandam derramar na cisterna agonisante a água por êles trazida, em inumeráveis camelos, das nascentes do Paraiso. Assim nos episódios, mais ou menos fielmente interpretados, da História de Roma, da História da Judéia alternam com as fábulas campestres e cam os Contos de Carochinha...

Selma Lagerlof evoca, nas primeiras páginas do livro, uma encantadora avózinha que, ao contar à futura grande escritora as coisas mais adorávelmente fantásticas, acrescentava sempre: "Olhe, isto é tão verdadeiro como é verdade que eu a estou vendo e você me está vendo, a mim". E o conceito incluido em tais palavras, nós o podemos repetir a nós mesmos, porque, em verdade, nos faz bem e nos encanta acreditar em todas estas histórias que a Sra. Mendonça Lima traduziu carinhosamente.

J. L.

RELATÓRIO DE ADMINISTRAÇÃO — J. G. de Aragão (Rio).

Recebemos um exemplar do relatório que o sr. J. G. de Aragão apresentou ao Rotary Club do Rio de Janeiro, na qualidade de seu presidente, no período de julho de 1944 a junho de 1945.

E' um volume ilustrado, com mais de cem páginas, em que o ilustre engenheiro demonstra, com texto, quadros e gráficos, tôdas as atividades rotarianas durante a brilhante gestão supra referida.

*

EMBALAGEM — José Represas (Rio — 1946).

E' uma publicação realmente útil e interessante que o autor acaba de lançar em ótimo serviço gráfico.

O autor, no opúsculo em aprêço, estuda a influência da embalagem no conceito e nas vendas das mercadorias; o papel contraproducente que pode desempenhar; aspectos do seu planejamento e execução.

Diversas ilustrações completam o texto e recomendam a obra.

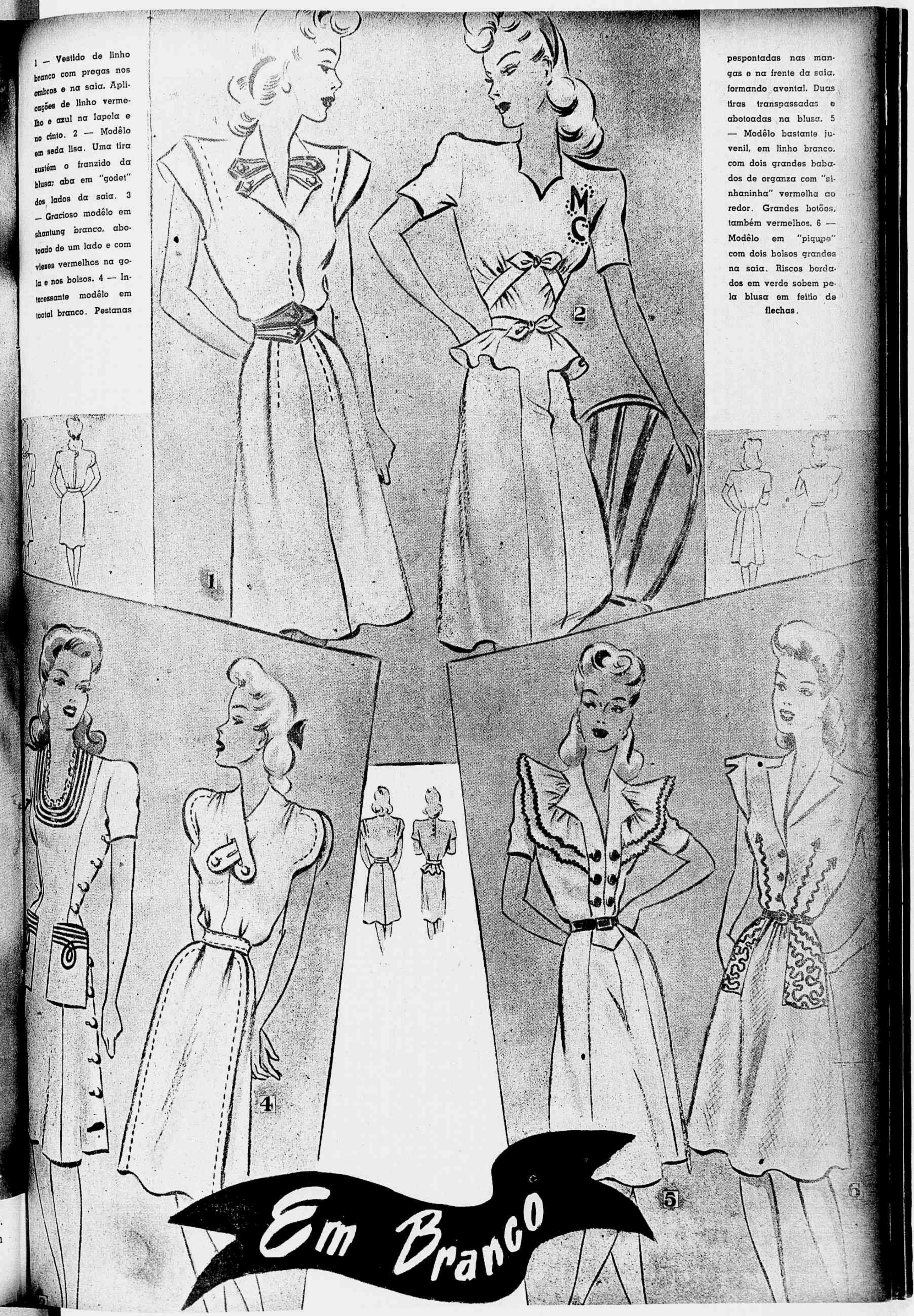
"Sacrifício de Mãe"
"Punhado de emoções"
DOIS LIVROS ESCRITOS PELO CORAÇÃO E PARA O CORAÇÃ. DEDICADOS À SENSIBILIDADE DA MULHER BRASILEIRA
Duas obras consagradas de
MARIA DEZONNE PACHECO FERNANDES
À venda nas boas livrarias

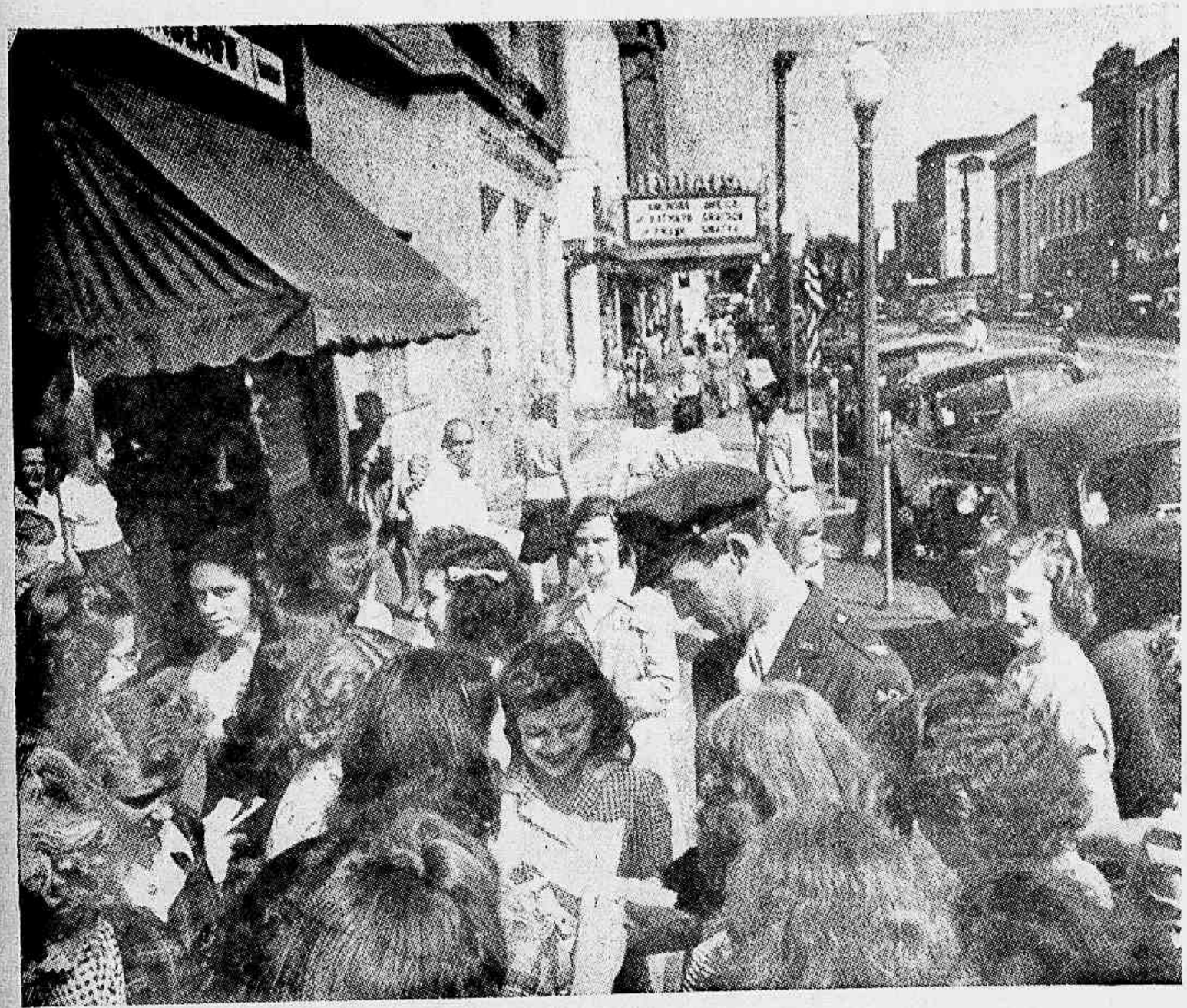
Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO laxante e antiácido ao deitar e ao levantar - para garantir o seu bom humor diário.

ENO
"SAL DE FRUCTA"

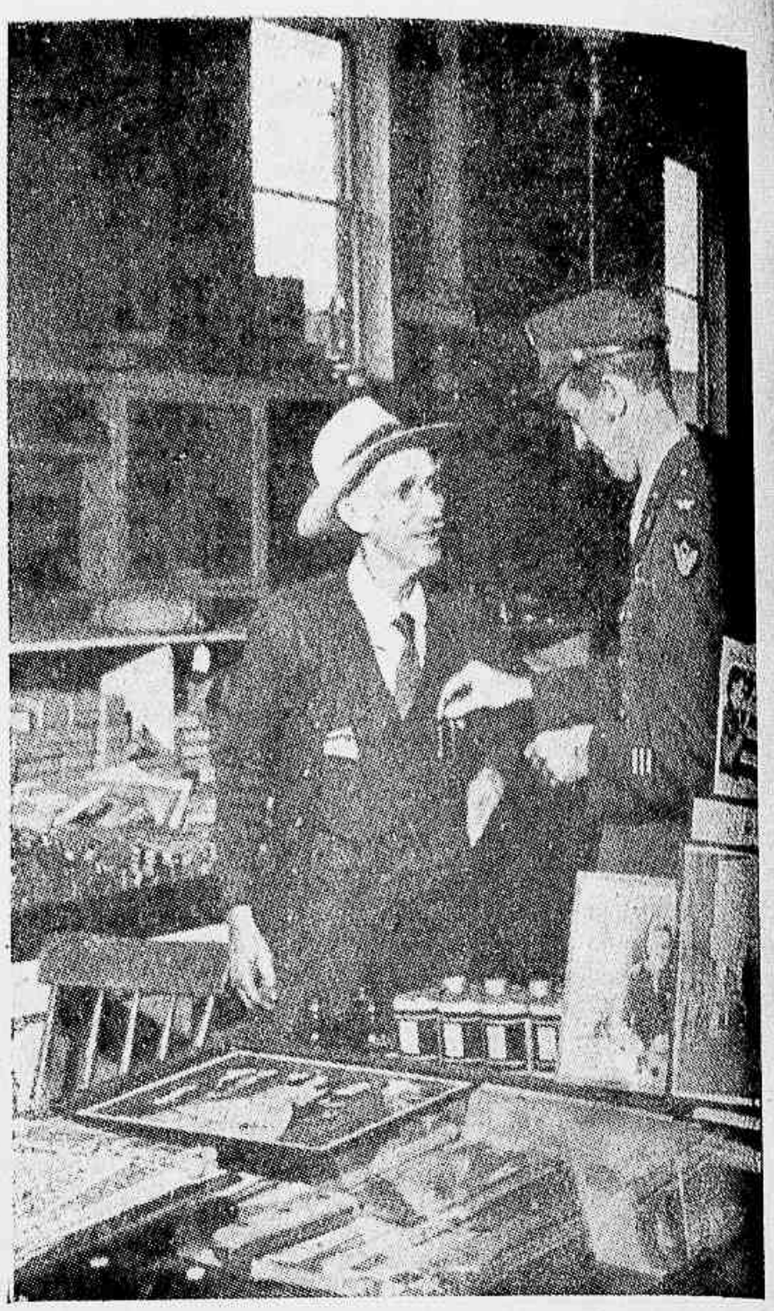
Bette Davis, a grande "estrêla" da Warner, apresenta às nossas leitoras e suas "fans" um modêlo para jantar, muito simples e muito elegante. E' feito em pesado crepe branco; a saia, obedecendo a nova linha, é bastante ampla; a blusa é japonêsa, com drapeados na frente, e tem fôlhas bordadas em lantejoulas de diversas côres.

1 — Vestido de linho branco com pregas nos ombros e na saia. Aplicações de linho vermelho e azul na lapela e no cinto. 2 — Modêlo em seda lisa. Uma tira sustém o franzido da blusa; aba em "godet" dos lados da saia. 3 — Gracioso modêlo em shantung branco, abotoado de um lado e com viezes vermelhos na gola e nos bolsos. 4 — Interessante modêlo em tootal branco. Pestanas pespontadas nas mangas e na frente da saia, formando avental. Duas tiras transpassadas e abotoadas na blusa. 5 — Modêlo bastante juvenil, em linho branco, com dois grandes babados de organza com "sinhaninha" vermelha ao redor. Grandes botões, também vermelhos. 6 — Modêlo em "piqupe" com dois bolsos grandes na saia. Riscos bordados em verde sobem pela blusa em feitio de flechas.





AUTÓGRAFOS PARA AS PROVINCIANAS — Numa das ruas de sua cidadezinha de Indiana, a cinquenta milhas de Pittsburgh, James Stewart distribui autógrafos a um grupo de garotas que o descobriu passeando entre as centenas de oficiais que regressavam dos campos de luta. Sorridente, o galã lança o seu nome em um punhado de bloquinhos baratos.



AMIGO VELHO — Entre livros e jogos infantis, postos nos mostruários da loja paterna, Jimmy palestra com o empregado mais antigo da casa. Velhas e boas amizades, estas da cidade provinciana...

UM HEROI REGRESSA AO LAR

James Stewart voltou aos Estados Unidos. Durante mais de dois anos esteve afastado dos estúdios e do convívio da família, metido no bôjo dos bombardeiros, distribuindo bombas de tonelagem alta pelas posições japonêsas do Pacífico.

Agora regressa coberto de glória, promovido a major, condecorado com a "Flying Cross" inglêsa e a "Croix de Guerre" da França.

Durante todo o tempo em que serviu como aviador do Exército de Tio Sam, James Stewart mostrou-se sempre um militar experimentado e um comandante eficiente, embora tivesse dedicado tôda a sua vida à arte cinematográfica.

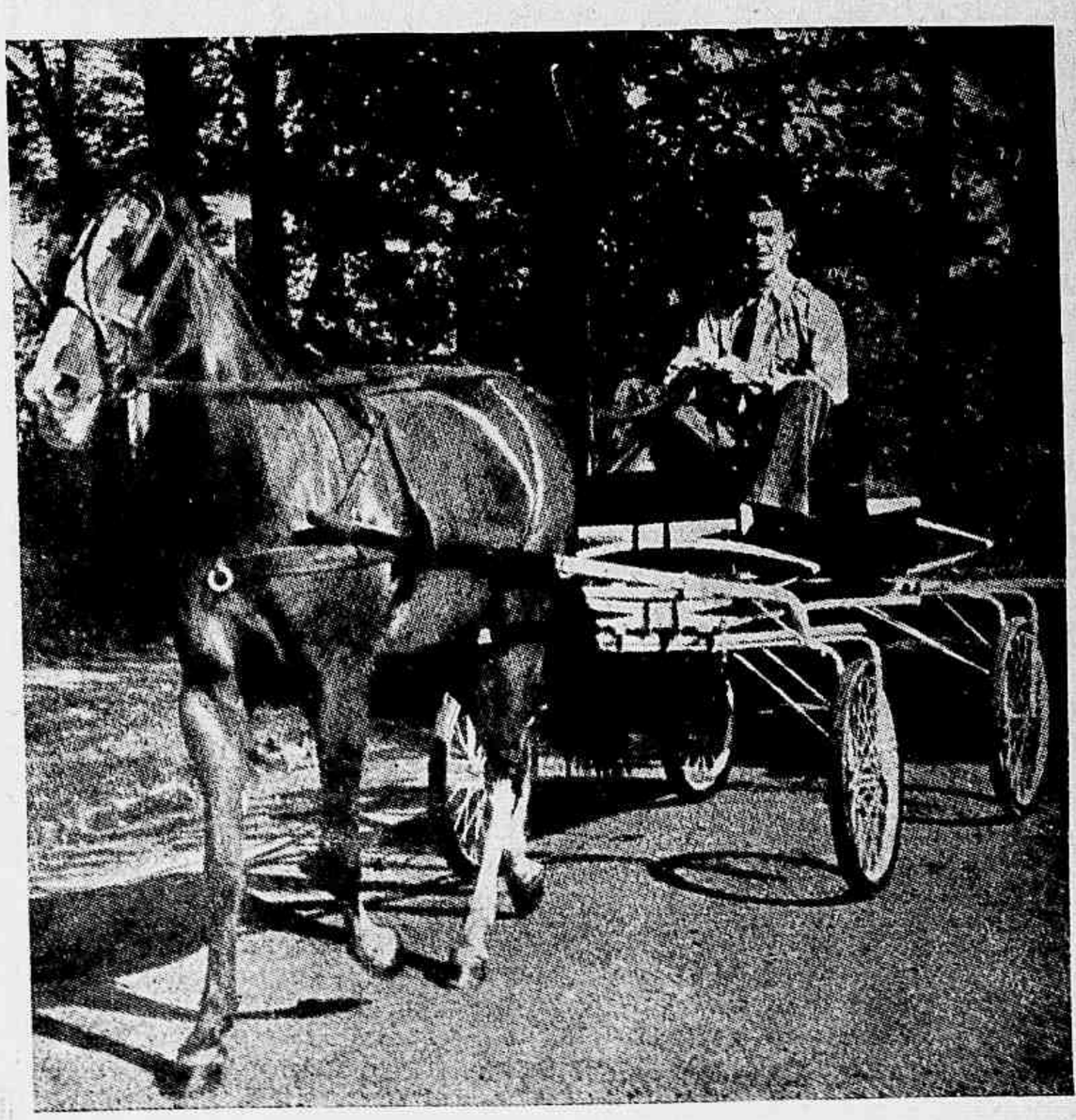
Hoje, em vez de se encontrar nos estúdios de Hollywood, buscando maiores glórias para a sua já gloriosa carreira, êle permanece na sua vivenda de campo, no seio da família, conversando com os amigos, pescando com os velhos companheiros de infância, frequentando a modesta loja do pai, perdida numa rua estreita de uma cidadezinha provinciana do Estado de Indiana.

TELEFONEMA PARA OS AMIGOS — Da loja de seu pai, James, numa atitude muito sua, telefona para os velhos amigos, avisando "que já está na terra". Todos querem ver o grande ator. Mas os fregueses da loja entram, compram as mercadorias de que necessitam e ganham de novo a rua, sem perceber que estiveram pertinho de uma das maiores celebridades de Hollywood. Hoje, Jimmy não é apenas um grande ator. E' também um herói americano portador de valiosas condecorações honoríficas da França e da Grã Bretanha. Mas ali, na loja do pai, é apenas Jimmy Stewart filho de um comerciante de província, que conheceu a guerra de perto.

A FAMÍLIA STEWART — Mal voltou da guerra o major James Stewart regressou ao convívio dos seus, em vez de se dirigir a Hollywood. A família recebeu-o com lágrimas nos olhos, como se recebe em qualquer lugar do mundo um soldado que volta ao seio do lar. Aqui está James em casa, à hora do jantar, entre o pai, a mãe e as irmãs Mary e Virginia. Ao fundo, um retrato do avô domina a sala, como em quase todos os lares das famílias da classe média americana.

PESCARIA — Voltando à vida civil, James Stewart entrega-se aos seus velhos passatempos. Aqui está êle pescando num pequeno lago dos arredores de seu sítio, em companhia de um amigo de infância, que sempre o acompanhou em seus esportes prediletos

BUCOLISMO — Longe dos "jeeps" e dos aviões de combate, o major Stewart se volta para a Natureza. Pela manhã um passeio de "troley" pelos arredores da fazenda é sempre saudável e bom. James, firme na rédea, conduz com segurança o animal.



De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!

como estou outra agora...

Foi só aplicar Brylcreem e meus cabelos ganharam outra vida! Agora sim, estão brilhantes, sedosos, sãos e juvenis. Experimente você também! Brylcreem é usado no mundo inteiro pelas pessôas de bom gosto. Fixa sem emplastar, evita a caspa e a queda do cabelo. Depois do permanente quando o cabelo fica ressecado, Brylcreem completa porque dá côr e brilho natural. Nos cabeleireiros de 1.ª ou nas suas 5 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO

Femininas

No uso de laços de fitas e enfeites de pedras e flôres nos cabelos, porque tornam a mulher mais feminina e dão um tom alegre à sua figura.

★

Nos cabelos curtos para o verão, porque são mais práticos e em geral embelezam e remoçam as fisionomias das nossas lindas patrícias.

★

Na volta das saias amplas, porque dão às mulheres movimentos mais livres e mais graça e feminilidade.

No verão procure alimentar-se mais de legumes e frutas; é mais saudável e ajudará a manter sua pele sempre fresca e jovem.

★

São muito práticos e elegantes êsses modelinhos compostos de vestido e bolero; o vestido tem alças, podendo ser usado na praia e na cidade.

★

Para as cariocas queimadas do sol de Copacabana, recomendamos um "make-up" bastante claro, e vestidos também em côres claras, principalmente o branco e o amarelo.

★

Se você é muito gorda, não use calças compridas; você mal pode imaginar o quanto fica deselegante uma môça gorda em trajes masculinos...

Para lavar organza usa-se água morna. Depois de tirar-se o sabão, mergulha-se a peça de roupa em um litro da água morna contendo uma fôlha de gelatina derretida. Antes de mergulhar a roupa coa-se a água para retirar os pequenos grumos da gelatina.

★

Para tingir rendas ou cassas, é suficiente fervê-las durante meia hora em chá forte ou chá de casca de cebola.

★

Para evitar que as traças ataquem o seu abrigo de pele coloque junto a êles um saquinho contendo pimenta do reino.

★

Um pedaço de oleado será uma ótima capa para o livro de receitas protegendo-o das manchas de gorduras.

★

As esponjas de banho e outras conservam-se sempre macias e asseadas mergulhando-as em água fresca e limpa, na qual se tenha espremido o sumo de meio limão.

★

Para limpar sapatos de camurça usa-se benzina ou amoníaco com água. Uma colherinha de café para um pires dágua.

★

Para retirar as manchas de suor da roupa, limpa-se a parte atingida com uma solução de amoníaco em água.

★

As roupas de lã ou flanela branca mantêm a alvura se forem lavadas com água e um pouco de amoníaco.

Modêlo de grande efeito, apresentado por Janes Paige, da Warner, todo de vidrilho negro. Decote profundo terminando em V, com interessante broche. A saia abre abaixo do joelho.

O preço desta edição é de Cr$ 1,50 no Rio de Janeiro e de Cr$2,00 nos Estados, não podendo ser vendida por preço superior.

ANTISARDINA
o creme distinção

Encare o futuro confiante e sem receio de que sua cútis perca o frescor, a maciez e a atração dos verdes anos, usando ANTISARDINA o creme distinção. ANTISARDINA não rejuvenesce, prolonga a mocidade da cútis.

NO PALACIO DA REVOLUÇÃO

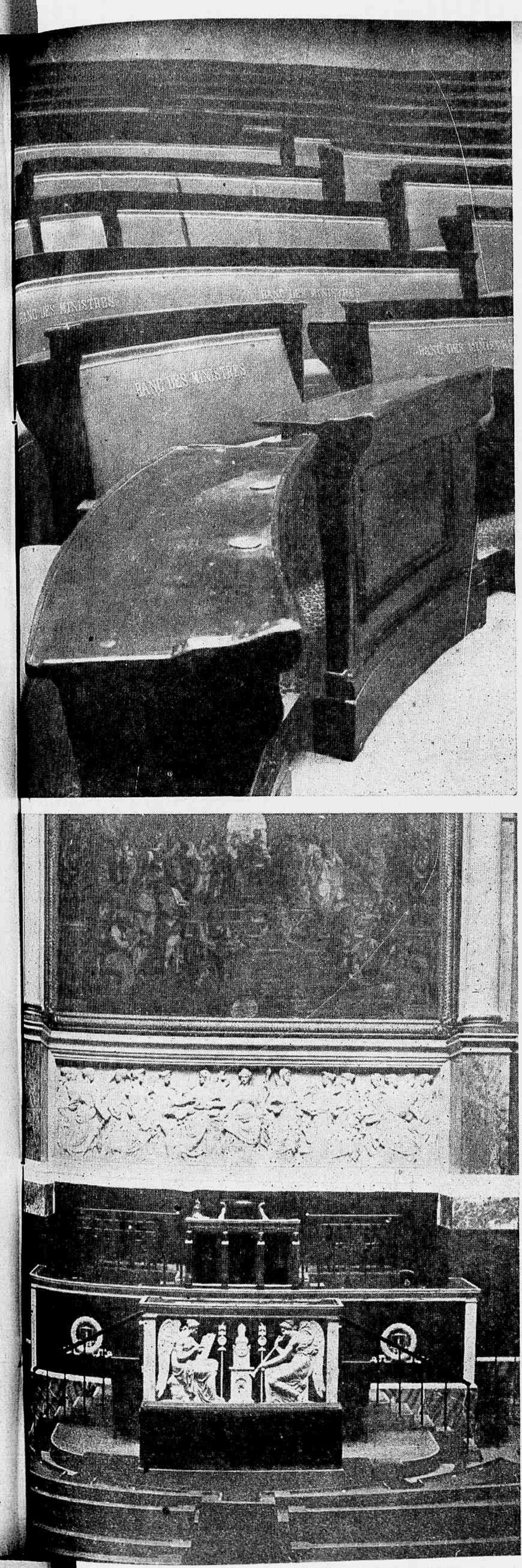
(Copyright do Serviço Francês de Informação, especial para a REVISTA DA SEMANA)

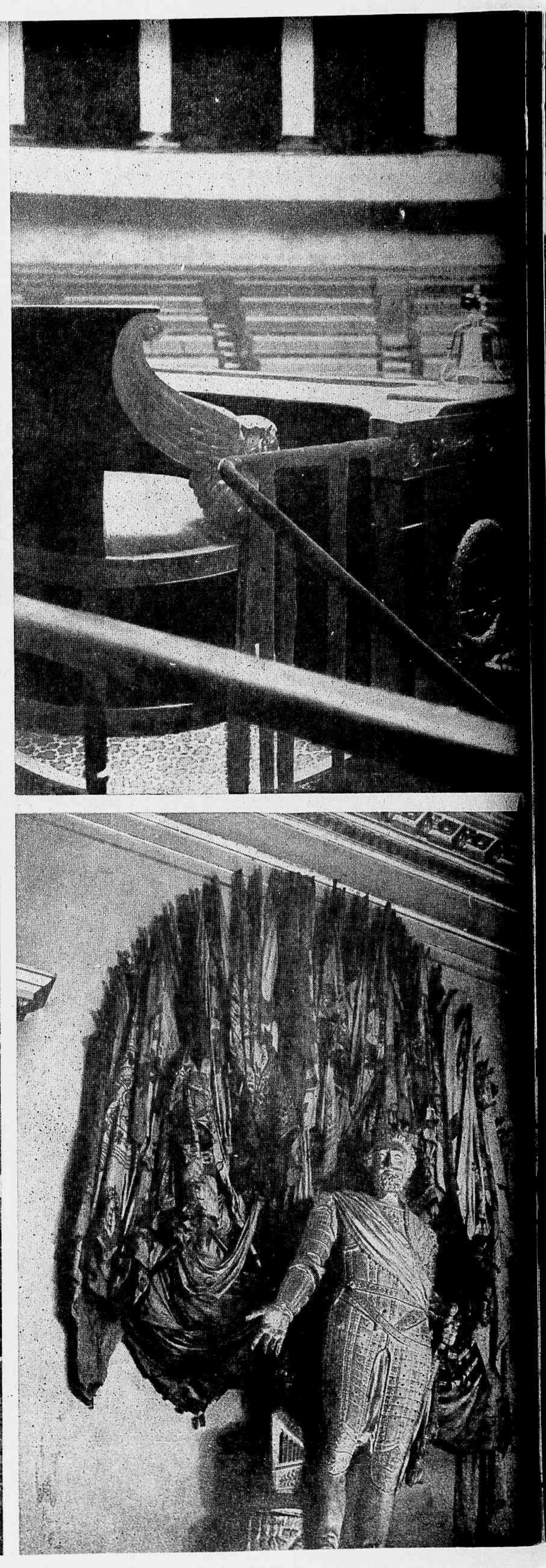
Foi em 1790 que o Palácio Bourbon, batizado com o nome "Palácio da Revolução", se tornou propriedade nacional. Utilizado para sede do Conselho Nacional dos Quinhentos, em 1795, a partir desta data entra na vida política francesa. Sua construção foi embelezada sob o reinado de Napoleão I. Sob a restauração, o palácio abriga a Câmara dos Deputados. A sala de sessões foi inaugurada por Joly entre 1829 e 1832. De 1851 a 1870 as Assembléias Legislativas têm por sede o Palácio Bourbon. Porém a partir de 1879 a Câmara dos Deputados volta a se estabelecer na antiga sala, que tem sido, desde aquêle tempo, a sede e o recinto da vida política francesa, sob o regimen republicano parlamentar. Impedido de funcionar o Parlamento durante os 5 anos da ocupação, nela foram instalados diversos serviços alemães. Mas a Libertação veio, e depois dos necessários concertos o Palácio da Revolução foi devolvido às suas antigas funções. Nestas páginas, algumas vistas da Câmara, depois do reinício de suas atividades.

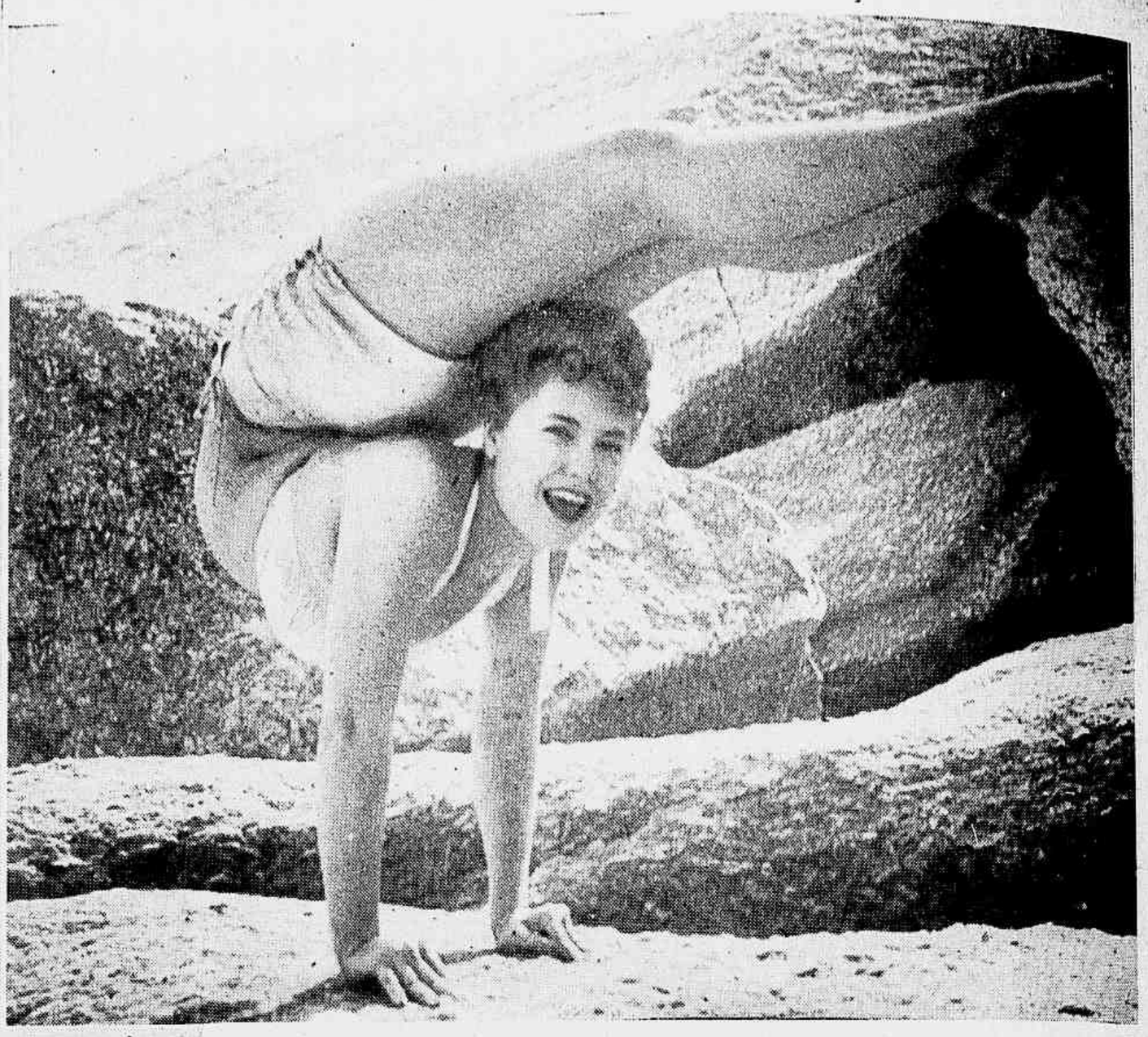
Na página ao lado aparecem, em sequência, a partir do alto, à esquerda: a tribuna dedicada aos membros do Ministério e imprensa; a poltrona do Presidente, vendo-se sôbre a mesa a campainha; a célebre tribuna instalada no Palácio da Revolução, antigo Paço Bourbon; bandeiras conquistadas pelo Grande Corso aos impérios inimigos, que enfeitam um recanto da Câmara.

O sr. Felix Gouin, socialista, que os três grandes partidos franceses colocaram de comum acôrdo à frente do Govêrno. Depois de declarar que iria iniciar uma política violenta contra a inflação, Gouin dirige-se à Câmara, onde está reunida a Assembléia Constituinte da França. E' a quarta vez que o Palácio da Revolução vê ser elaborada uma constituição para a França.

O povo de Paris, que sempre tomou parte ativa em todos os acontecimentos políticos, se comprime diante dos portões do velho Paço Bourbon, para assistir à inauguração dos trabalhos da nova Assembléia Constituinte Francesa, ainda sob a presidência de Gouin, agora chefe do Govêrno. Todos querem saber o que se passa dentro daquela casa de tão gloriosas tradições, que sempre influiu poderosamente no destino da França eterna.


BANC DES MINISTRES
BANC DES MINISTRES
BANC DES MINISTRES





TRÊS MENINAS DE BORRACHA

Para quem as vir assim, passeando em Copacabana, de "shorts" vistosos, elas mais não são que três americaninhas bonitas, iguais a muitas que vivem no aristocrático bairro e fazem diariamente o "footing" sôbre o mosaico preto e branco, "gozando" o calor tropical da praia maravilhosa.

Elas são diferentes porém. As três irmãs Ross, desde muito crianças, ainda vieram treinando na arte difícil da deslocação óssea, destinadas como estavam a tornarem-se grandes contorcionistas. E hoje elas são famosas em todo o mundo pela facilidade com que se desdobram em movimentos verdadeiramente ofídicos, dobrando-se sôbre a espinha como se fôssem feitas de mola.

A sua fama tornou-se maior quando elas apareceram no filme da Metro "Viva a Folia", pondo admiradas as platéias do mundo inteiro, com as suas contorções incríveis.

Os seus braços, as suas pernas, o seu pescoço, todos os seus ossos enfim, da última parte do artelho à primeira vértebra cervical, têm a elasticidade de pedaços de borracha quente, que se comprimem e distendem a uma simples pressão muscular.

Agora as irmãs Ross estão maravilhando o Rio. A nossa reportagem teve ocasião de apreciar os seus passes de malabarismo anatômico na praia de Copacabana, onde elas fazem diariamente os seus exercícios. E que exercícios! Dixie, Vicky e Betty correm pela areia, dão saltos mortais incríveis, rodam três vêzes no ar, girando sôbre a própria espinha, para cairem ao solo desdobradas como bonecas de borracha. Executam depois um número de sensação, transformando-se as três em conjunto num verdadeira estrêla humana, na qual é difícil se distinguir uma das outras môças. Chegámos a ficar surpresos da facilidade com que elas depois encontram no meio daquilo tudo as suas próprias pernas e distinguem os seus braços dos braços das irmãs.

COISAS DO ARCO DA VELHA — Ao alto, à direita: Dixie, sorridente, dobra-se sôbre o próprio ventre, numa das plataformas de granito do Arpoador e caminha de mãos no chão, como se fizesse um "footing" despreocupado pela avenida Atlântica. Em cima: Betty transformada numa estrêla humana. Em baixo: um dos brinquedos favoritos de Vicky.

Ao alto — Quando no filme musicado "Viva a Folia" apareceu a trinca de contorcionistas "Ross Sisters", todos se admiraram da facilidade e naturalidade com que as três jovens irmãs se movimentavam sôbre a própria espinha dorsal, conseguindo dobrar-se e desdobrar-se em formas incríveis, num malabarismo de borracha quente. Aí estão as três arrojadas meninas com medo das ondas mansas do pôsto seis. Da esquerda para a direita: Dixie, Vicky e Betty. **Em baixo** — Nas areias da praia do Inferno, sôbre o fundo do cenário maravilhoso da pedra do Arpoador, as três irmãs Ross se desdobram como pequenos pedaços de mola que um mecânico maluco transformasse num objeto ornamental. Custa-se a crêr, olhando-se estas pequenas, que elas tenham ossos como nós outros.

A esquerda — E' de Paquin êsse maravilhoso modêle do cetim preto. A blusa é frente única, e a saia é formada de dois amplos babados, o último formando cauda. Para as grandes noites, bem se pode imaginar o sucesso que irá alcançar um modêlo como êste. (Foto S. F. I.)

A direita — A sempre impecável Rosalind Russell, em foto da Columbia, apresenta às nossas leitoras êste admirável vestido preto, de corte impecável e de grande simplicidade. Mangas "raglan", talhe alto, saia com franzidos formando pregas saindo da pala abaixo da cintura. Sôbre o ombro esquerdo, adôrno de ouro e pedras.

VESTIDOS ESPORTIVOS PARA MOCINHAS

1 — Vestido de linho amarelo. Pregas pespontadas vindo do lado, donde saem também três bolsinhos de cada lado. Cordão vermelho enfiado no cinto. 2 — Modelinho em shantung verde esmeralda, com pespontos em tom diferente. Grupo de pregas na frente da saia. Bolsos em "V" na blusa. 3 — Vestido em linho azul, com pespontos na pala e nos bolsos com linha vermelha. 4 — Bem original êste modelinho com recortes dos lados formando bolsos na saia. Botões grandes e decorativos completam o modêlo. 5 — Em shantung "areia" é êste modêlo com saia tôda pregueada e todo abotoado na frente. Nos bolsos dois botões. Faixa vermelha à cintura. 6 — Modêlo em linho verde, com recortes e pespontos que terminam em "môscas". Pala pespontada até pouco abaixo da cintura. Pregas dos dois lados da saia.

ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DÁ AS FACES UM ROSADO INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

LÍVROS...

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferencia ao dentifricio mais indicado para hygiene e conservação dos dentes.

PASTA DENTIFRICIA S.S. WHITE
INDUSTRIA BRASILEIRA

PARA DEFENDER
SUA SAUDE
exija um refrigerador:
NEVE
QUE PROPORCIONA:
FRIO CONSTANTE
GÊLO PURO
HUMIDADE DO AR
E... É ECONÔMICO
Exposição Permanente
Indústrias NEVE Ltda.
Rua Rosa e Silva, 74
(esq. Praça Marechal Deodoro)
Fones: 5-1311 e 5-1322

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISIVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

MODELO PARA A NOITE

Geraldine Fitzgerald, da Warner, sugere às nossas leitoras um elegantíssimo modêlo para jantar, em "peau d'ange" branco, de duas peças. A jaqueta é bem ajustada ao corpo, traspassando na frente e terminando em ponta do lado esquerdo. Dragões em lantejoulas de diversas côres são aplicados na jaqueta e na saia.

Chegou de Londres

LONDRES. (H. P.) — Já chegou ao Brasil o reputado e esperado tratamento Okasa. — Okasa é hoje uma medicação de escolha universalmente reconhecida pelo seu alto valor terapêutico e pela sua eficácia indiscutível. — Okasa à base de Hormônios vivos, extratos de glândulas sexuais e Vitaminas selecionadas, combate vigorosamente todos os casos ligados diretamente a perturbações das glândulas genitais e do aparelho sexual como: Fraqueza sexual na idade avançada ou por outro motivo, no moço, senilidade precoce, perda de energia, fadiga, fraqueza mental etc., no homem. — Frigidez, irregularidades ovarianas, idade critica, obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e da cútis, queda ou falta de turgência dos seios, tôdas essas deficiências, de origem glandular, na mulher. Okasa encontra-se à venda nas boas Drogarias e Farmácias. Informações e pedidos ao Distribuidor geral: Produtos Arna, Av. Rio Branco, 109 - Rio. Okasa, importado diretamente de Londres, proporciona Virilidade, Fôrça e Vigor com as drágeas "prata" para homem — Feminilidade, Saúde e Beleza com as drageas "ouro" para mulher.

O estranho caso...

(Continuação da pág. 34)

— Onde é a casa de Mary Pask?

Um homem que estava parado à porta de uma casa pobre olhou-me com surprêsa.

— Mary Pask?

— Sim.

— A casa dela é bem no fim dessa rua.

Afastei-me e notei que êle estava me fitando. O guia também notou e disse:

— Êle parece surpreso.

— Talvez seja porque ela morreu.

— Morreu?

— Sim. Morreu. Mas nem por isso vou deixar de visitar a casa dela. Sua irmã me pediu que o fizesse.

— Sim, senhor.

★

Era uma velha casa caiada, modesta, retirada.

— Mary Pask morou aqui?

A criada que veio abrir a porta olhou-me em silêncio. Depois disse:

— Morou e mora ainda. Quer falar com ela?

Mal tive tempo de balbuciar:

— S... sim.

— Espere um instante.

Antes que eu recobrasse a serenidade, ela havia desaparecido e eu estava esperando, à porta, assustado e perplexo. Mary Pask morrera! Como podia a criada dizer que ela viria falar comigo?

Naquele momento uma voz doce fez-se ouvir.

— Quem é?

Um vulto magro e alto aproximou-se:

— Ah... E' você? Entre!

Eu estremeci.

— Mary Pask!

— Está surpreendido? Como? Pois não veio ver-me?

— Mas...

— Como vai Amanda?

— V... vai bem.

— Por que está tão espantado?

— Eu... eu...

— Ah! Creio que entendo... Não esperava ver-me, depois de morta... Mas, apesar de morta, eu ainda venho à terra.

Sorriu tristemente.

— Está com medo de mim?

— Não... Eu...

— Espantado, somente? Porque?

— Francamente, não esperava encontrar aqui tudo isso... Você...

— Eu? Que tem? Estou morta. E é isso que o perturba? Morta para o mundo. Ninguém quer ver-me. Todos têm medo de mim. Mesmo minha criada mais fiel recusa-se a ficar nesta casa depois do cair da noite...

— Eu...

— Entre. Sente-se.

— N... não. Obrigado...

— Mal pode se ter de pé. Sente-se.

— Mas...

— Ainda não me deu notícias de Amanda.

— Ela... Ela vai bem.

— E Horace? Como vai meu cunhado?

— Êle... êle vai bem...

— Mas são essas as notícias? Conte-me alguma coisa... Sinto-me tão sozinha... Não tenho notícias... Já sei que vão bem... Mas conte-me a vida dêles...

— Êles... estão bem...

Por mais que me esforçasse não podia deixar de repetir aquelas palavras, as únicas que conseguia pronunciar. E com os olhos arregalados fitava aquela mulher que tinha diante de mim, morta e ao mesmo tempo viva. Não tinha a aparência fluida que se associa à idéia do fantasma. Era forte e nítida a sua imagem.

— Mary Pask!

Ainda exclamei mais uma vez seu nome.

— Sim, sou eu, Mary Pask. Por que está tão surpreendido?

— Mas...

— Será porque eu voltei do outro mundo? Que há de estranho nisso? Muitos voltam...

Novamente a risadinha.

— Não entendo...

— Diga-me, meu amigo, acredita em almas do outro mundo?

Falamos todos por experiencia propria:

limpa mais

Kolynos restitue ao sorriso o seu encanto natural. Com a ajuda da escova seca, a sua borbulhante espuma atinge todos os recantos da boca. Kolynos limpa os dentes sem arranhar o esmalte.

este creme dental antissético...

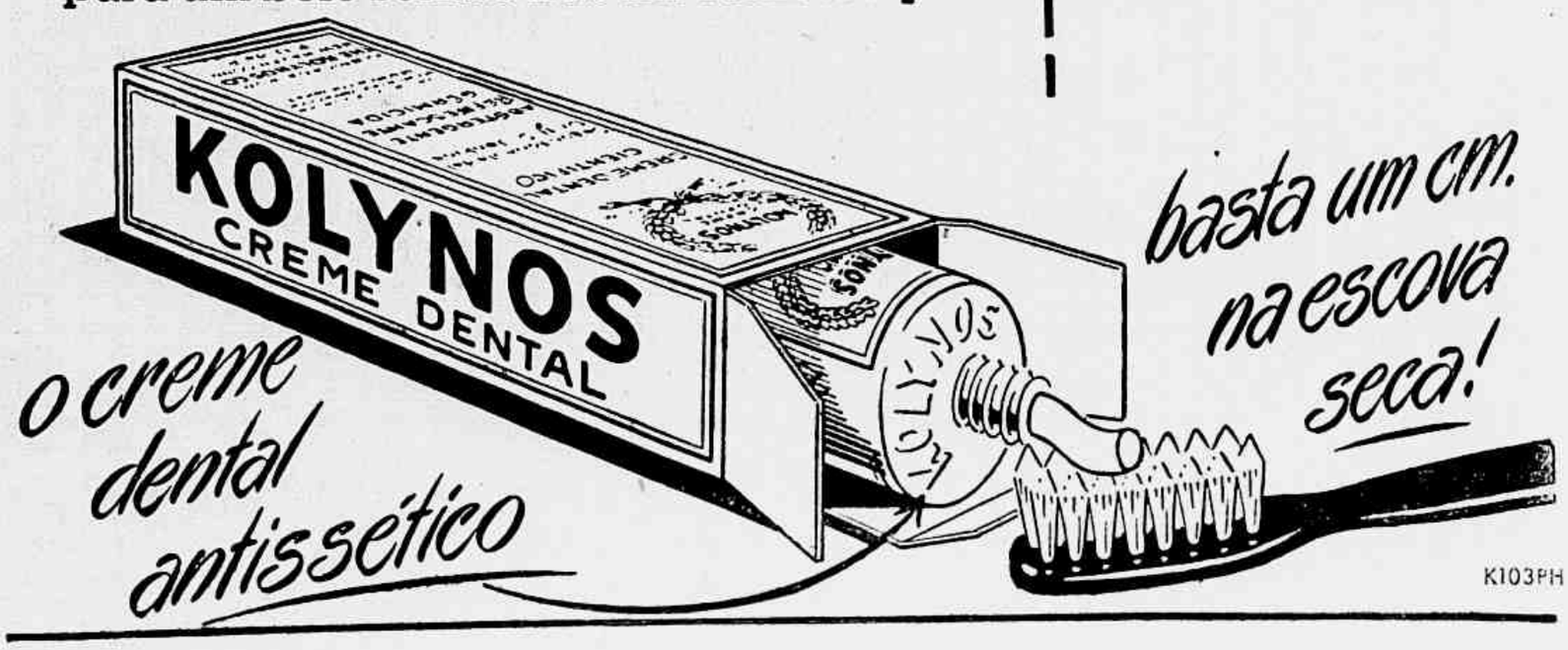
agrada mais

Kolynos encanta, refresca a boca, perfuma o hálito... É que Kolynos não é um simples dentifricio: é um creme dental antissético, agradavel a adultos e crianças.

rende mais

Claro que rende mais! Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

Todos estão de acordo: para um belo sorriso não há como Kolynos.



o creme dental antissético

basta um cm. na escova seca!

K103PH

McC

De repente, eu não pude mais suportar aquela tensão. Sem me despedir, voltei-me e corri. Corri, desabaladamente e desavergonhadamente. De pavor. Não parei nem mesmo ao cruzar o guia perplexo que ficara à porta da casa.

Quando voltei de Cap Morgat estava doente. Passei muito tempo sem poder falar no que me acontecera àquela tarde. Somente muito mais tarde, de retôrno à América, é que o estranho caso de Mary Pask teve um desfecho inesperado.

★

Quando me senti melhor, tomei passagem no primeiro navio e resolvi voltar para os Estados Unidos. Foi então que soube o resultado da minha visita a Mary Pask depois de morta. Naturalmente, mal cheguei nos Estados Unidos fui à casa de Amanda e, fazendo um esfôrço quase sobre-humano, contei a ela tudo o que se passara, contendo minha perturbação ao recordar aquêle momento horrível no nevoeiro e quando eu vira Mary Pask, que eu sabia morta, aparecer à minha frente.

— Visitei sua irmã, disse eu a Amanda.

— Mary?

— Sim.

— Ela mandou-me alguma mensagem? Estou tão ansiosa.

Por um momento pensei que a alucinação houvesse voltado, mas eu estava ali, ao lado de Amanda. Horace, perto da lareira, lia um jornal. Não era possível.

— Falar com ela? — perguntei.

— Sim...

— Não. Não falei.

— Mas não disse que a viu?

— Eu...

Antes que eu me perturbasse mais, Amanda explicou, tendo a intuição do que se passara:

— Meu amigo, agora compreendo. Você deve ter se assustado muito! Quando saiu daqui tínhamos recebido um telegrama dizendo que Mary morrera, porém veio logo um desmentido, afirmando que ela sofrera um ataque cataléptico somente, que, como você sabe, faz com que a pessoa passe algum tempo como morta...

Deixei-me cair pesadamente numa poltrona.

— Nesse caso...

— Nesse caso está tudo explicado, não é verdade?

— Sim. Tudo explicado.

Subitamente lembrei-me do riso de Mary Pask e compreendi que era de infinita tristeza, de quem sentiu a morte de perto... e voltou.

George Sand

(Continuação da pág. 26)

que desejava. Era um amor "maternal", dizia George Sand; tratava-o de "meu filho". Mas o "filho" que ao conhecê-lo era um tímido torna-se mais tarde áspero, exigente e caprichoso. Ainda assim, a ligação com Chopin durou oito anos.

"Leila", "Cartas de uma viajante", "Êle e Ela", "François de Champi", "A pequena Fadette", "Lamaçal do diabo" são algumas das numerosas obras de George Sand.

Ao iniciar um romance, George Sand não tinha plano algum. Tudo se desenvolvia à medida que ia rabiscando. "Há de ser como se puder", dizia ela.

O. B

CABELLOS BRANCOS
CASPA
Quéda dos Cabellos
JUVENTUDE
ALEXANDRE

O AÇUDE

(Continuação da pág. 23)

quente, em que decidisse fazer como êle, Jim, tantas vêzes fizera. Tomar banho despido, ao luar...

Sua vida, estranhamente, estivera sempre ligada àquele açude. Desde criança sentira, em todos os momentos de sua vida, a influência estranha daquelas águas paradas mas sempre límpidas. Fôra ali que êle mergulhara o primeiro barquinho de brinquedo que fabricara; ali mesmo navegara numa canoa construida no quintal da casa; à margem do açude ali beijara a namorada. Fôra ali, perto do açude, que ela se tornara sua espôsa, e na sua noite de núpcias êle a levara até a margem do açude, e fôra ali que êle lhe dera seu primeiro beijo de espôso.

Agora a criança ia nascer; mais uma vida ia ser construida em tôrno daquele açude. Era seu filho. Também êle viveria ao lado do açude e se acostumaria a correr para a margem dêle, para confiar-lhe seus segredos. Seus sonhos, seus anseios. O primeiro momento perturbador da adolescência.

Mark surgira de repente ao lado dêle, enxugando-se:

— Sonhando acordado? — perguntou

Jim sorriu:

— Pensando no meu pessoal.

Mark olhou-o com simpatia:

— Saudades, hein?

Jim abanou a cabeça.

— Planos para o futuro... Sonhos, afinal.

★

Veio, de repente, a ordem. Abandonar a ilha! O inimigo se aproximava. O porta-aviões gigantesco veio buscá-los. Rumaram para o oeste.

Na monotonia daquela vida no porta-aviões, Jim pensava em casa.

— Meu filho deve estar crescendo. Como é estranha e maravilhosa a Natureza! Meu filho crescendo à beira do açude!

Mas veio o verão abrasador, mais quente do que nos anos anteriores, e crestou primeiro a vegetação. A seguir, ganhou o açude, e o sol da Califórnia sorveu sequiosamente tôda aquela água que durante anos tivera ali um refúgio e um abrigo. O açude foi secando, foi secando...

No porta-aviões chegou a ordem. Bombardear as posições japonêsas.

Os aviões já estavam se aprontando para partir, quando chegou um oficial com uma carta.

— Não é costume entregar as cartas fora do horário estipulado, Jim, mas como você vai partir numa missão arriscada...

Êle abriu a carta ansioso. Notícias do lar, da espôsa. Que diria ela?

"Meu amor:

Como você está longe! Nosso filhinho vai crescendo, forte e cheio de saúde, mas falta-lhe alguma coisa — você. Quando veio o verão, mais forte do que todos os verões, o açude, o nosso açude secou. Meu amor, você não reconheceria hoje o nosso açude. E' uma poça de lama, bem no fundo, e nada mais..."

Quando veio o verão... O açude secou... Ordens apressadas. Ultimavam os preparativos para o vôo. Êle ficou de pé, com a carta na mão.

— Meu açude.

— Mas o filho precisava do açude. Quem seria seu confidente, senão êle? Aonde êle levaria a namorada, para o primeiro beijo? Aonde? E nas noites quentes, de verão, com o luar brilhando, onde se banharia êle? Que frescas águas encontraria, para acalmar sua inquietação num banho reparador? Seu filho precisava do açude...

Maquinalmente, êle decolou, levou o aparêlho ao ponto indicado, entrou em combate. Mas estava pensando no filho, no açude...

Um avião japonês se aproximou de mais. Êle sentiu a rajada de fogo cortar a asa ao avião. Perdeu o contrôle. Numa corrida vertiginosa, o aparêlho se projetava para a morte. E êle de repente se lembrou de que ia bater de encontro ao mar, ao mar! Se ao menos seu filho recebesse em troca de sua morte a água do açude, para viver feliz. Se seu sangue se pudesse transformar em águas frescas...

O avião bateu de encontro ao mar. Uma onda enorme levantou-se enquanto o aparêlho afundava.

Naquele momento jorrou do fundo do açude uma água cristalina que o encheu todo.

— Madame!O açude! — gritou o jardineiro.

A espôsa correu e viu a água jorrando. Sem saber por que, levou a mão ao coração como se estivesse ferida. Sentiu uma dôr funda... Murmurou maquinalmente:

— Meu marido morreu.

Depois ficou horrorizada com o que dissera. No dia seguinte chegou o telegrama do Departamento de Guerra. E os geólogos afirmaram que uma camada subterrânea de água irrompera, enchendo o açude. Mas, sem mesmo poder explicar o motivo, ela não acreditava naquilo. E ensinou ao filho que o pai enchera o açude para êle...

Peça GRATIS pelo Correio o livrinho de Aristóteles Itália: "O Segrêdo do Sucesso e da Saúde", se deseja readquirir saúde, vencer em negócios e amizades, ter fôrça de vontade, aprender sugestão, magnetismo, hipnotismo, etc. Remeta Cr$ 0,60 em selos novos do Correio para receber o livrinho sob registro, evitando, assim, extravios. Só serve para adultos não analfabetos. Inscreva-se no "Curso de Magnetismo Pessoal e de Hipnotismo, por Correspondência". Mande nome e endereço completos, ao Sr. Arthur S. Torres — Caixa Postal 2425 — Rio.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaces "Brilhante ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cútis.

Depois de aplicar êste creme ,observe como a sua cútis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaces "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaces "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros, utilizai um dos mais eficientes veículos de publicidade da Capital da República, anunciando nos:

— **Altofalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.° andar da Estação D. Pedro II), Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente**

Informações: — Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada de Ferro Central do Brasil — 7.° andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562

CUTIS
CANSADA
e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as ondas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo

UMA NAÇÃO REDIVIVA

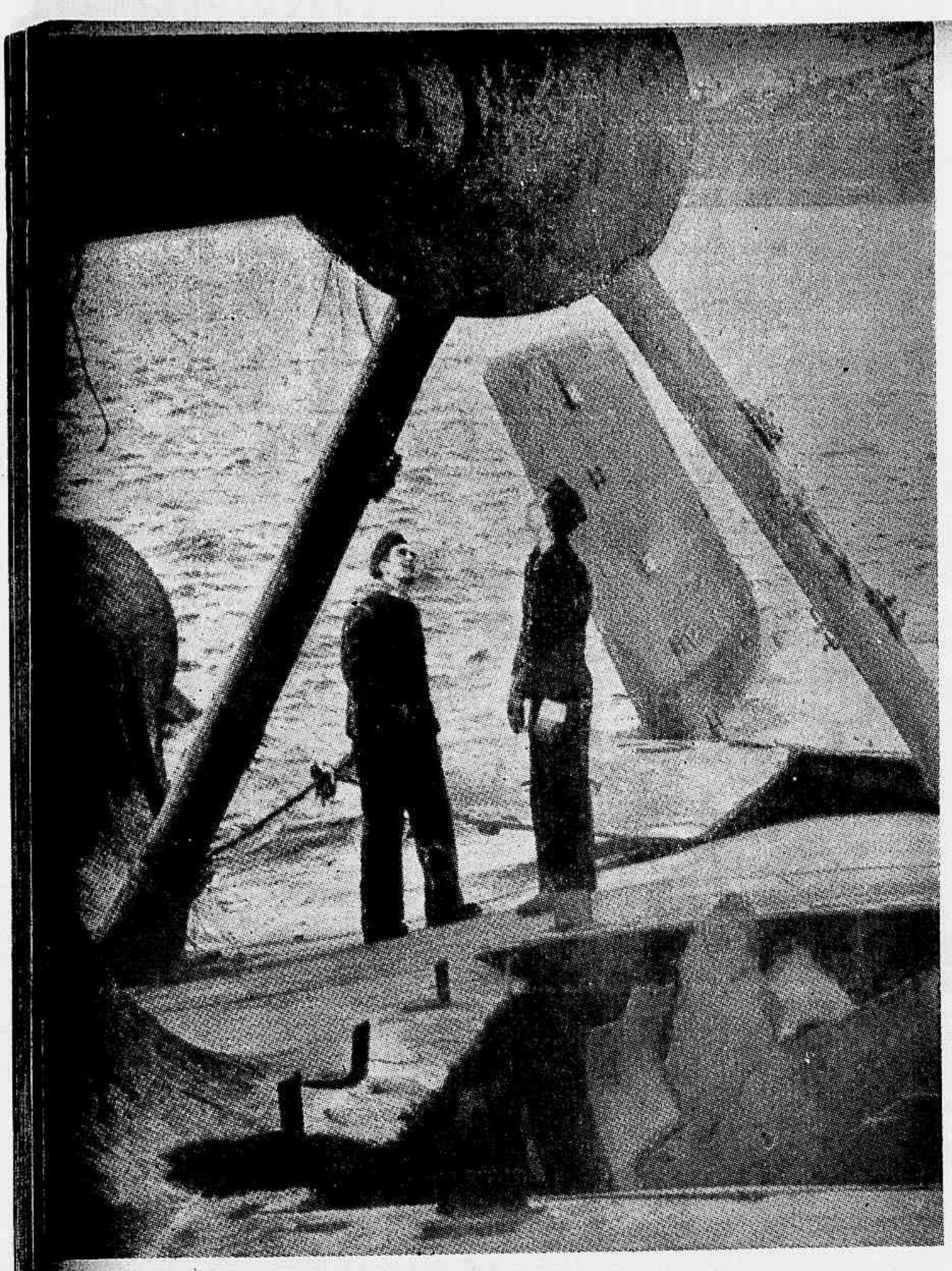
Seis longos anos de martírios! Seis anos negros de fome e de desolação, trezentos e sessenta e cinco dias de miséria multiplicados por seis. A Noruega atravessou impávida o longo período da ocupação nazista, vencida mas não conformada. As patrulhas de motocicletas da polícia militar germânica percorriam as estradas; iluminavam as campinas os holofotes dos pelotões de vigia S.S., mas dentro das matas de pinheiros e nos píncaros das montanhas bravas os guerrilheiros eram senhores absolutos do terreno e no recesso das selvas bárbaras jamais pisaram os tacões dos soldados prussianos.

Durante longos dias, de inverno a inverno, os milicianos das tropas irregulares da heróica Noruega combateram tenazmente contra um inimigo cem vêzes superior em número e em material. Durante seis anos das forcas de Quisling penderam os corpos fortes dos patriotas assassinados, durante seis anos as sombras dos cadafalsos cobriram a península mártir como a mancha trágica da passagem dos soldados de Hitler.

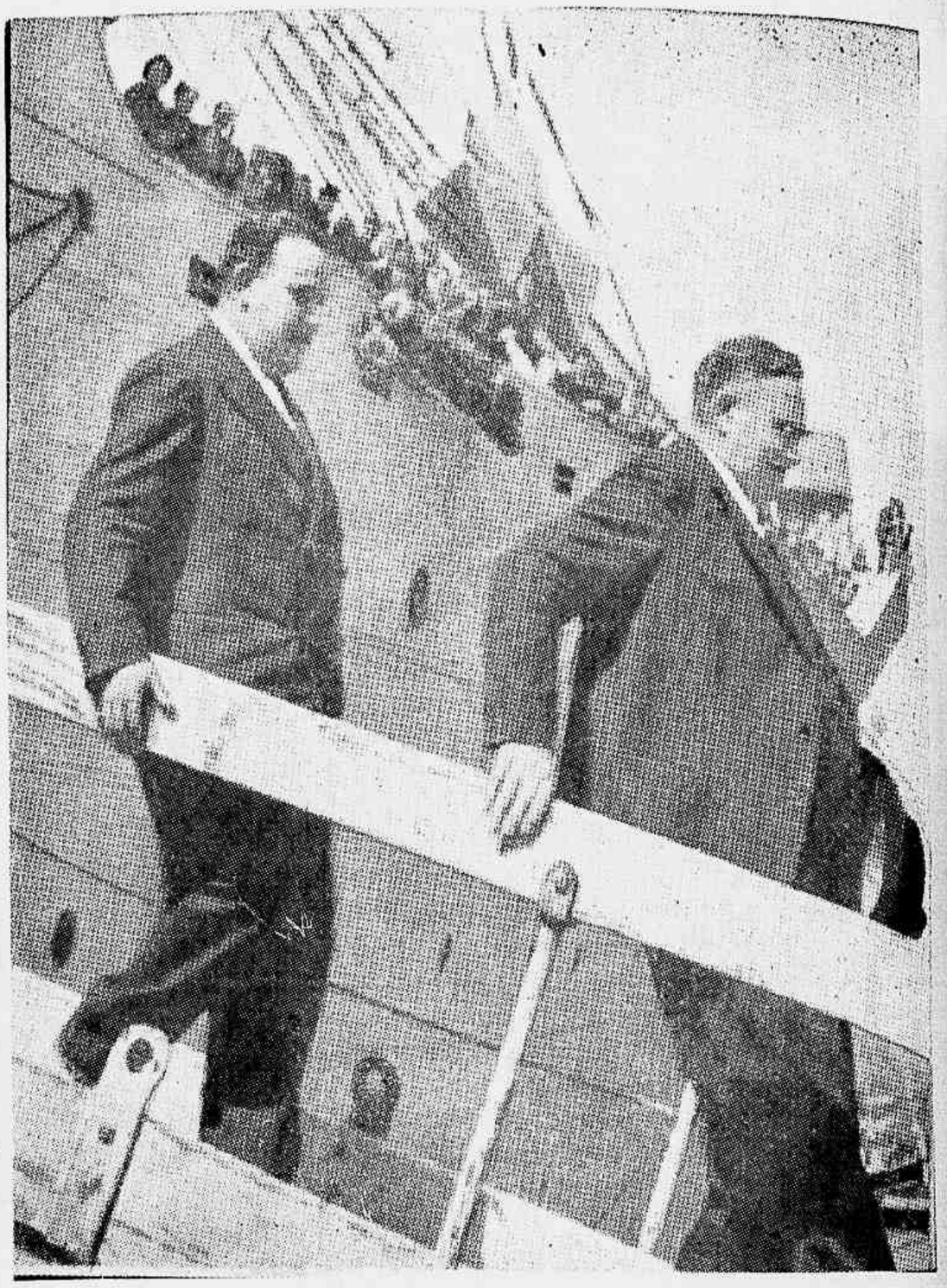
Veio porém a libertação. Os traidores tiveram o castigo merecido. E a Noruega renasceu para o mundo, reintegrada na sua vida de nação democrática, líder das liberdades públicas, vanguardeira da liberdade dos povos.

UM SOBERANO VOLTA DO EXÍLIO — Depois de dirigir o govêrno norueguês do exílio durante vários anos, o rei Haakon regressa à sua Pátria, fazendo a viagem de Londres até à costa da península escandinava a bordo de um vaso de guerra de sua marinha. Eis aí Sua Majestade quando se perfilava perante as tropas dos Estados Unidos. Em sua companhia estão o príncipe Harald, a princesa Martha e a princesa Ragnhild.

"VIVA O REI" — O rei Haakon é, sem dúvida, uma das figuras mais democráticas de soberano. O seu povo tem nele mais um líder republicano que realmente um chefe de govêrno monárquico. Durante a ocupação da Noruega pelas tropas de Hitler, o monarca nunca curvou a cabeça. Dirigiu-se para a Inglaterra, de onde continuou à frente do govêrno livre de seu país, ordenando a resistência branca e estimulando a luta dos guerrilheiros, com o envio de armas e víveres. A volta do rei Haakon constituiu por isto um dos mais belos espetáculos jamais observados em Oslo. A foto abaixo nos mostra o automóvel que conduzia o rei, ladeado por "jeeps" do exército americano, quando passava por uma das ruas da capital norueguesa, entre alas de populares que o saudavam.



O FIM DO COURAÇADO "TIRPITZ" — Numa das mais hábeis manobras de guerra assinaladas na história naval do mundo, a frota alemã fundeada em Hamburgo logrou furar o bloqueio britânico, rumando para a Noruega. Entre as belonaves estava o famoso "von Tirpitz", um dos mais poderosos couraçados do Reich. Durante muito tempo êle esteve camuflado no fjord de Tromso, até que os aviões da RAF o descobriram, pondo-o ao fundo. Nesta foto, o "Tirpitz" depois de tocar a areia do fjord.



REGRESSO DE VELHOS LÍDERES — Desembarcam de uma belonave americana, em terras norueguesas, dois dos maiores líderes democráticos escandinavos. Depois de longos anos de exílio voltam êles como membros do novo govêrno livre à terra natal. O que vai na frente é o sr. Trygve Lie, atual ministro do Exterior. A seguir, desce o portaló o cidadão Johan Nygaardsvold, um dos entusiastas da resistência branca, que agora ocupa o alto cargo de primeiro ministro do Real Govêrno da Noruega. A vida do país retoma o seu ritmo normal, sob um govêrno livre e popular.

AS HEROINAS DAS GUERRILHAS — Estas môças de uma aldeia da Noruega não se conformaram com a queda do país. Mal os alemães penetraram em seu vilarejo, elas se fizeram ao campo com os seus companheiros do sexo forte, formando destacamento de guerrilheiros que durante seis longos anos mantiveram acesa a luta em todos os setores. Nas montanhas e nas selvas não chegavam as patrulhas alemãs, temerosas da ação bélica dêstes destacamentos heróicos de milicianos, que com suas armas rudimentares iam pondo abaixo as arrogantes tropas de Hitler. Agora as mulheres regressaram aos lares. São espôsas, mães e irmãs como as outras mulheres. Mas são também heroinas...

UM TRAIDOR PARA O CADAFALSO — Com a roupa dos condenados, êste traidor se dirige ao cadafalso, passando diante de vários de seus antigos companheiros, que se postam em fila em frente à guarda armada, para assistir ao fim do bandido. Todos os colaboracionistas noruegueses foram julgados pelos tribunais militares especiais e muitos levados ao cadafalso e ao muro. Êste é mais um agente de Quisling que tomba. A justiça foi feita, ainda que tarde, como nos versos de Virgilio. E a Noruega renasceu, sôbre o túmulo de seus carrascos.

REFUGIADAS DE GUERRA — Mãe, avó e filha, refugiadas de guerra norueguesas, num acampamento da Rússia, poucas milhas abaixo do Círculo Artico, esperam pacientemente pela libertação de sua pátria. Agora elas voltaram à Noruega, felizes como eram nos tempos que antecederam à estúpida invasão nazista.

PRISIONEIROS RUSSOS — Muitos prisioneiros de guerra soviéticos foram levados para a Noruega, onde trabalharam arduamente nas minas de carvão e na indústria pesada que o govêrno alemão ali instalara. Libertados, os operários russos se despedem de seus companheiros noruegueses, que foram levar-lhes flôres na estação ferroviária.

A FILOSOFIA DO RISO

(Continuação da pág. 27)

Berilo é, como todos nós o somos, grande admirador do belo sexo.

Apontando os defeitos femininos, fazendo-lhes a caricatura e como que destruindo-os, com o bisturi de sua ironia, êle vai, aos poucos, esboçando o perfil do tipo ideal de mulher, na perfeição física e triunfante das formas e na eterna beleza moral de suas virtudes.

Não há cronista ou escritor que as leitoras mais apreciem e discutam no Brasil. São elas as principais fautoras de seus êxitos literários e pagam-lhe, em admiração ao fulgurante talento, as malédicas insinuações e venenosas sutilezas.

★

E' Berilo Neves um autêntico escritor, de múltiplas facetas, qual delas mais límpida e lucilante.

Sua estréia foi logo sagrada pelo triunfo e não lhe empereceram a marcha ascensional para a glória descaídas e retrocessos.

Seu espírito cada vez mais se afirma, e a unidade de sua obra, já vasta, outorga-lhe credenciais de verdadeiro expoente de nossas letras que, de há muito, deveria estar figurando no cenáculo de nossos imortais.

E se ainda o não está formalmente, o público, em sua instintiva capacidade de seleção de valores, já se apoderou de seu nome, para o transmitir à posteridade.

Duas Martires Seculares

(Continuação da pág 33)

troem da melhor maneira abrigos provisórios, com madeira dos bosques. Alojam-se miseravelmente no que encontraram de adegas mais ou menos intactas. Depois de um dia de trabalho, prosseguem sua tarefa por muito tempo, durante a noite, luz fumarenta de um velho candieiro de petróleo. Ora reunem tábuas e improvisam um teto, ora endireitam, mais ou menos, um pedaço de jardim. São êstes os camponeses de Alsácia e de Lorena, gente brava, resistente à fadiga e maravilhosamente tenaz e engenhosa. Êles sorriem, a despeito das suas dôres. Um pensamento muito simples e muito poderoso basta, apenas, para confortá-los: êles estão na sua casa e o boche partiu.

★

As cidades, excepção de Colmar, não foram mais poupadas. Extensos bairros de Mulhouse estão atrozmente despedaçados. Metz, com as suas vinte e quatro pontes destruidas, apresenta o aspecto de imenso velório. Aqui tudo é inércia, tudo parece submetido à morte. O cêrco de três meses feito pelas tropas aliadas ao redor das suas muralhas, causou-lhe terríveis devastações. Não existe uma loja cujas portas não tivessem sido espatifadas ou arrancadas ao sôpro das explosões. Todo o comércio morreu, praticamente. Faltam-lhe 10.000 residências.

Strasbourg precisa de 13.000 residências. A aviação americana, primeiramente, os canhões alemães depois, arrasaram quarteirões inteiros. Nas proximidades da catedral, como se ela própria fôsse a visada, antigas casas que eram verdadeiras relíquias, estão em ruinas que não se poderão restaurar.

A Alsácia e a Lorena estão dolorosamente feridas em tôda a sua extensão. Mas essas feridas nada representam ao lado das torturas morais que o nazista triunfante se comprazia em impor-lhes.

A pior foi, certamente, a inviolável obrigação para tôda a juventude de alistar-se no serviço do inimigo, os rapazes na Wehrmacht, as môças nas formações femininas, onde lhes ensinavam uma extravagante moral. Dar filhos ao Fuehrer, sem a preocupação de casamento, tal era, repetia-se-lhes, o primeiro dever. Todo o combatente alemão tinha como sagrada missão perpetuar-se antes de voltar à frente de batalha em que deveria morrer.

E os efetivos da Wehrmacht ainda não bastavam. Inscreviam-se obrigatoriamente nas Waffen SS os recrutas alsacianos. Dessa forma seriam semeados os germens das futuras suspeitas e das lutas internas entre os que fugiram do país natal e os que acreditaram desempenhar o papel de bons patriotas, mantendo a França, acima de tudo, nas margens do Reno.

Para escapar ao escritório de recrutamento, 12.000 jovens atravessaram clandestinamente os Vosges, a despeito das rêdes de fios metálicos e das patrulhas de ferozes cães policiais. Muitos morreram, no decorrer dessa fuga. Os outros não tardavam em saber que suas famílias tinham sido deportadas para Buchenwald ou Dachau.

Cento e quarenta mil filhos da Alsácia e da Lorena foram assim, pela fôrça, incorporados ao exército alemão. Avalia-se em quarenta mil o número dos que não voltarão.

Não insistamos a respeito de tôdas as fôrças requintadas de opressão empregadas pelo **gauleiter** Burkel na Lorena e pelo **gauleiter** Wagner na Alsácia. Os nomes dêsses carrascos servirão por muito tempo para amedrontar as crianças. Mas tôdas as suas vilezas não fazium mais que redobrar a vontade de resistência do povo. No próprio momento em que a vitória de Hitler parecia mais provável cada qual, com risco da própria liberdade ou da própria vida, se dedicava a assegurar passagens aos presioneiros fugidos. "A Alsácia e a Lorena tornaram-se verdadeiros passadores", queixavam-se amargamente, em 1942, um dos principais chefes nazistas.

★

E' que não se pode transformar a alma de um povo pela ação do castigo. Se a Alemanha tivesse sido, afinal vitoriosa, não poderia germanizar a Alsácia francesa e a Lorena francesa senão pelas deportações em massa, como aliás, anunciara expressamente ser de seu intento. Era o plano formulado, desde 1892, pelo pan-germanista Franz Lange. O povo da Alsácia e o da Lorena sabiam desde muito tempo o que os esperava.

Ei-los, finalmente, na terra natal francesa. Longe estão de encontrar nela todo o confôrto. São necessários anos de esforços para que a França possa voltar à vida normal. Mas os infortúnios materiais são pouca coisa quando o coração está satisfeito. A Alsácia e a Lorena têm necessidade da França, do seu clima de liberdade. Os seus povos têm também o sentimento, o legítimo orgulho de serem indispensáveis à pátria que é sua.

Elas lhe trazem sua seriedade e robustez, uma mistura perfeitamente dosada de realismo e de idealismo. Elas completam harmoniosamente a fisionomia da nação. Elas contribuem para a consolidação da França, para o seu equilíbrio. Elas representam um dos mais sólidos elementos do seu renascimento. Elas estão capacitadas, além disso, de uma outra missão.

Elas conhecem profundamente os alemães. Elas descobriram tôdas as suas astúcias. Elas continuarão a observá-los atentamente. Por mais esmagadora que tenha sido a derrota dos exércitos de Hitler, será necessário, por muito tempo ainda, desconfiar dessa gente.

Não é simplesmente para a segurança da sua pátria francesa, é para manter a paz no mundo inteiro, que a Alsácia e a Lorena, de hoje em diante bem precavidas, entram de guarda no Reno.

Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, êles exigem remédios diferentes. Êste é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dôres, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuidas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com tôda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a êle. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acôrdo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 18 — 2.º Loja

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

SALA DE JANTAR

Aí está uma sala de jantar em colonial estilizado, com cadeiras de guarnição de couro bordado, prêso por grandes taxas douradas. Os pés destas cadeiras, como os dos outros móveis, são torneados e recurvos, o que dá a tôdas as peças um encanto todo próprio e original. Além da "étagère" de duas portas, baixa, estreita, fazem ainda parte do mobiliário um "buffet", dividido em três partes, e uma cristaleira de formas curvilíneas.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS
ASA MARCA
UNES REGISTRADA
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE
65 · RUA DA CARIOCA · 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Belmont
Cia de Cigarros Souza Cruz
Cigarros
20
Belmont
com ponteira
Cia de Cigarros Souza Cruz
Cigarros
Belmont
Cia. de Cigarros
Souza Cruz
NELSON